

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Fernanda Nalon Sanglard

O teatro como ferramenta da comunicação:
uma proposta para a educação do futuro

Juiz de Fora
Dezembro de 2007

Fernanda Nalon Sanglard

O teatro como ferramenta da Comunicação:
uma proposta para a educação do futuro

Trabalho de conclusão de curso
Apresentado como requisito para obtenção de
grau de Bacharel em Comunicação Social
na Faculdade de Comunicação Social da UFJF.

Orientador: Prof. Dr. José Luiz Ribeiro.

Juiz de fora
Dezembro de 2007

Fernanda Nalon Sanglard

O teatro como ferramenta da Comunicação:
uma proposta para a educação do futuro

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para obtenção de grau de Bacharel em Comunicação Social na Faculdade de Comunicação Social da UFJF

Orientador acadêmico: Prof. Dr. José Luiz Ribeiro

Trabalho de Conclusão de curso aprovado
em ___/12/2007 pela banca composta pelos seguintes membros:

Prof. Dr. José Luiz Ribeiro (UFJF) – Orientador

Prof^a. Dr^a. Márcia Cristina Falabella (UFJF) – Convidada

Prof^a. Dr^a. Marise Pimentel Mendes (UFJF) – Convidada

Conceito obtido _____

Juiz de Fora
Dezembro de 2007

RESUMO

Este estudo do teatro e de sua relação com a comunicação discute a educação contemporânea e propõe soluções para seus problemas. Tomando os jovens como referência, suas angústias e expectativas foram analisadas e foi descoberto que as atividades culturais são capazes de motivá-los, de promover interdisciplinaridades e de incentivar a compreensão das complexidades do mundo. São utilizadas como pilares deste trabalho temáticas bastante ressaltadas pelos estudiosos da comunicação, como a questão das novas tecnologias, da sociedade digital e da modificação das formas de recepção. Alterações que em muitos casos não são valorizadas nas instituições de ensino, que, quase sempre, tomam medidas paliativas e de curto prazo para atender as necessidades imediatas e deixam de lado uma formação profissional completa. Ao repensar a educação cidadã, o teatro ganha destaque e é enfatizado como uma arte singular capaz de colaborar com a educação complexa e integrada. Por reunir em uma só arte diversas formas culturais, o teatro é interpretado não apenas como espetáculo, mas como elemento de mobilização e integração social e de fundamental importância para a educação.

Palavras-chave: educação; teatro; comunicação.

A todos os professores, que desde o maternal até a faculdade tive a oportunidade de conviver. Mestres que com seus ensinamentos e até mesmo com alguns erros percebidos contribuíram para a minha caminhada e, sem dúvida, me incentivaram a pesquisar sobre educação.

À minha família, pela dedicação, colaboração, ensinamentos, amizade e paciência.

A todos os amantes do teatro que acreditam que através da arte é possível mudar o mundo.

Entrei na escola ainda com nove meses. Muitos podem pensar que foi uma entrada prematura e sem necessidade, mas prefiro acreditar que o convívio com outras crianças desde os primeiros meses de vida, a relação social da escola e o que aprendi em casa representam a base do que sou hoje. Por isso, agradeço imensamente aos meus pais, que sempre priorizaram a educação e tanto lutaram para proporcionar um ensino de qualidade. Agradeço também por terem me incentivado a fazer natação, balé, piano, teclado, violão, violino, flauta, artesanato e, é claro, teatro. Dessas primeiras coisas, infelizmente, poucas ainda sei praticar com eficiência. Também, pudera. Foi uma imensidão de aprendizado cultural. Mas o teatro deixou grandes marcas na minha vida e ampliou meu olhar para o mundo. Terem me permitido fazer a escolinha de teatro da Academia, depois participar da Cia. de Atores da Academia e, mais tarde, do grupo Muito Barulho por Nada me proporcionou muitas alegrias e um imenso aprendizado.

Agradeço também aos meus irmãos e amigos, Bê e Dudu, grandes companheiros que tanto me dão força e me permitiram quando em sua companhia alguns dos momentos mais divertidos. Ao Tiago, pela compreensão, companheirismo, paciência, momentos alegres e por tudo que me ensinou. À cunhada Fernanda, pelas dicas, conversas, amizade e por ter sido minha fonte por toda a faculdade. À Cris, que convivo diariamente e agora já faz parte do acervo da casa, pelo carinho, palavras de consolo e pelas refeições maravilhosas.

Aos meus queridos professores, por tudo que me ensinaram e pelo exemplo. De forma especial agradeço ao Zé Luiz Ribeiro, muito mais que mestre, um amigo, que tanto me ajudou nos anos de faculdade. Uma pessoa excelente, que tenho muito orgulho de ter sido aluna e admiro pelo esforço em prol do teatro em Juiz de Fora. Obrigada por ter aceitado minha proposta de monografia e pela confiança que depositou em mim como bolsista do curso de adolescentes do CET. À Tê, chefe mais maravilhosa que alguém pode desejar, pelas dicas, exemplo de profissionalismo, oportunidade de treinamento profissional na Assessoria

da Facom e, é claro, pela amizade. À querida Marcinha Falabella, pelas aulas maravilhosas que nos proporcionou, pelo exemplo de envolvimento com o teatro e pelo apoio de sempre. À Meg, pelo carinho, ajuda e comprometimento, por ter revisado este trabalho e ter se mostrado sempre solícita e disposta quando precisei. Ao Álvaro, sempre tão atencioso, por tudo o que me ensinou e por ter me feito apaixonar por um outro lado da comunicação. Minha gratidão também a todos os outros professores da Facom, pois cada um, a sua maneira, marcou um pouco da minha caminhada.

Ao Narciso, que nos ensinamentos de matemática revelou um pouco mais sobre o mundo. A forma como você ensina foi um dos fatores que me motivou na escolha deste tema. E à Virgínia, minha querida professora de inglês, que muito me ensinou sobre cultura.

Agradeço a toda equipe do Cave, pelo carinho quando fui aluna e pela confiança e oportunidade de estágio. Não posso deixar de destacar o Marquinho, um dos melhores professores que já tive, que me fez apaixonar pela geografia e lembrar até hoje de suas aulas. À Vanessa e à Nil, pela ajuda e por tudo que aprendi com vocês. E a psicóloga Eliana Balena, que tanto me ajudou para esta monografia e que através do convívio agradável sempre me proporciona boas risadas.

Às amigas Cláudia e Rafa, simplesmente por compartilharem comigo os momentos mais importantes da minha vida desde a época da Academia, pela ajuda, convivência, carinho e palavras de consolo. Às pelícias e, de forma especial, à Sheyla, que conheci no teatro e se tornou fundamental para mim pelo ombro amigo e por tudo que vivemos juntas.

Aos colegas da Facom pelos momentos alegres, dificuldades que enfrentamos juntos, convivência e, por tudo que aprendi junto com vocês. Ressalto os da turma “Cia de Jesus”, que nesses quatro anos caminharam comigo. Paula, Anita, Fê Baldioti, Thaís e Kiko, obrigada pela amizade e pela ajuda. A vocês, funcionários da Facom, também dirijo minha

palavra de afeto e consideração por tudo que fizeram por mim. Paulo Avezani, Jocemar, Gil, Flavinho, Felipe, o pessoal da secretaria... Saibam que vocês foram fundamentais!

Declaro ainda minha gratidão aos amigos do teatro e ao Toninho Dutra, um professor e diretor inigualável, que me abriu as portas para entender o teatro de uma forma distinta e, através dos projetos sociais, possibilitou-me conhecer realidades diferentes.

Uma manifestação especial a todas as fontes que tive a oportunidade de entrevistar durante a faculdade, pois foram essenciais para o treinamento da profissão. Muitas vezes não é fácil confiar em jornalistas, o que dizer em estudantes. Espero ter sido ética o suficiente para não deturpar o que me revelaram e retribuo de maneira especial aos que colaboraram para esta monografia. Breno, Táschia, Gustavo Burla, Suellen, Basileu, José Eduardo, Mahina, Felipe, Jacqueline Glauber, Cristiney, dentre tantos outros, minha gratidão e amizade.

Resta agradecer às meninas da Assessoria de Comunicação da Facom pelo convívio agradável, mesmo quando estávamos cheias de trabalho, e pelo que me ensinaram. E, é claro, aos companheiros da Acesso Comunicação Júnior, em especial os da 12ª gestão. Como trabalhei nesta empresa, quanto aprendi e quantos amigos fiz! Vou guardar para sempre a lembrança das nossas dificuldades, dos congressos e da nossa vontade de aprender sempre mais. A Acesso me mostrou o imenso valor de trabalhar com qualidade, honestidade e garra, mesmo sem ganhar um centavo. Agradeço imensamente por cada coisa que aprendi e pelo que pude ensinar. E não posso esquecer das Lenianes, adoro vocês!

Aos alunos do curso de adolescentes do Centro de Estudos Teatrais do Grupo Divulgação dos anos de 2005, 2006 e 2007, que me receberam de braços abertos, dedico este trabalho e espero que o teatro tenha tocado cada um como me tocou quando estava na idade de vocês.

O problema da compreensão tornou-se crucial para os humanos. E, por este motivo, deve ser uma das finalidades da educação do futuro. Lembremo-nos de que nenhuma técnica de comunicação, do telefone à Internet, traz por si mesma a compreensão. A compreensão não pode ser quantificada. Educar para compreender a matemática ou uma disciplina quantificada é uma coisa; educar para a compreensão humana é outra. Nela encontra-se a missão propriamente espiritual da educação: ensinar a compreensão entre as pessoas como condição e garantia da solidariedade intelectual e moral da humanidade.

Edgar Morin

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 RETRATOS JUVENIS	14
2.1 O JOVEM ATUAL	16
2.2 SONHOS E PERSPECTIVAS	26
2.3 TRIBOS E RUPTURAS	36
3 O TEMPLO	44
3.1 O TEATRO E A HUMANIDADE	46
3.2 RITO E TRANSFORMAÇÃO	58
3.3 CONFLITOS MIDIÁTICOS	63
4 A EDUCAÇÃO DO FUTURO	73
4.1 PANORAMA ATUAL	75
4.2 O DESPERTAR DA PRIMAVERA	83
4.3 NOVOS RUMOS	93
5 CONCLUSÃO	104
6 REFERÊNCIAS	107
7 APÊNDICES	110

1 INTRODUÇÃO

A necessidade de discutir a educação contemporânea e seus rumos é o que motiva este trabalho. O esforço de alguns estudiosos e pesquisadores, ao tentarem implementar o estudo transdisciplinar voltado para uma educação mais humanista, visa romper com os métodos de ensino inadequados às necessidades do jovem atual e servem como embasamento por irem de encontro aos objetivos desta monografia.

Compreender melhor a sociedade contemporânea, seus anseios, as modificações sofridas por ela, a nova maneira como o ser humano se insere no mundo; discutir a realidade dos jovens atuais, seus sonhos, perspectivas, os problemas enfrentados e a necessidade que têm de se relacionar em grupos, mesmo vivendo em plena efervescência individualista; entender como o avanço tecnológico alterou o comportamento de todos nós e, em especial, das novas gerações; destacar como o teatro pode favorecer o ensino e como ele é influenciado e influencia os processos comunicacionais; essas são as principais temáticas abordadas por este estudo, que busca incentivar uma reforma do sistema educacional.

Impulsionado pelo acompanhamento de três anos do curso de adolescentes do Centro de Estudos Teatrais (CET) do Grupo Divulgação, este trabalho baseou-se no teatro como ferramenta da comunicação capaz de gerar modificações sociais e auxiliar na reestruturação da educação. Através de entrevistas com jovens universitários e recém formados da Faculdade de Comunicação Social da UFJF, membros e ex-membros de grupos de teatro, professores, psicólogos, alunos de cursos de teatro e, em especial do CET, esse projeto pôde ser desenvolvido.

Traçar o perfil da educação brasileira, conhecer suas falhas, entender um pouco mais a juventude atual, seus desejos e o porquê de determinadas atitudes são essenciais para propor novidades que envolvam juventude, atividades culturais e o sistema educacional do

país. Que os jovens se relacionam em grupos, tribos e gangues, acirram disputas e muitas vezes cometem delitos, nós sabemos. Mas por que isso ocorre? Essa é a questão fundamental que incentivou o estudo e buscou descobrir jovens que têm valores, princípios e que acima de tudo, mantêm sonhos.

O olhar atento sobre a sociedade nos permite enxergar que os rituais de iniciação e de passagem não ficam restritos às sociedades indígenas. Onde podemos encontrá-los atualmente? É só observar com atenção que perceberemos que eles acontecem a todo o momento em nosso entorno. O vestibular, o trote, o serviço militar, a crisma ou outro evento religioso e até mesmo a gravidez precoce são ritos de transição para aspectos do universo adulto. Entretanto, vivemos em meio à supervalorização da jovialidade e num momento em que ser jovem não se opõe mais a ser adulto, mas a ser velho. Tais fatores roubam dos jovens a experiência de se espelhar nos adultos. O que passa a ocorrer é uma inversão de papéis em que os jovens, em muitos dos casos, passam a servir de exemplo. E essas mudanças, como todas as outras, não podiam deixar de estabelecer novos conflitos e rupturas. Torna-se necessário, então, compreender as crises de identidade e nos relacionamentos, a modificação dos papéis familiares, o aspecto da violência, os conflitos de gerações e os problemas midiáticos.

Entender os avanços tecnológicos, o papel da mídia na construção de valores e de modelos a serem seguidos, também torna-se fundamental para fazer as relações entre a juventude e o processo educacional, já que atualmente o caráter imediatista, consumista e midiático afetam as mais diversas questões sociais. A crença no teatro como elemento de modificação social estimulou a pesquisa sobre o tema e a reunião de provas de que ele pode servir para a melhoria da educação. A princípio, este trabalho seria baseado apenas nos elementos do teatro capazes de auxiliar o ensino da Comunicação Social. Entretanto, ao analisar também o ensino fundamental e médio, conversar com professores de colégios da

rede pública e acompanhar por um período a preparação para o vestibular de jovens do ensino particular, o trabalho tomou outro rumo. A percepção de como os conhecimentos são repassados de forma fragmentada, das fragilidades educacionais e da desvalorização das atividades socioculturais fez com que fosse dado um rumo mais abrangente à pesquisa.

Para quem valoriza a arte e a cultura é dolorido perceber como elas são deixadas de lado nos processos educacionais. Questionamos como foi aceito que as aulas de artes fiquem limitadas não só no conteúdo, mas também a praticamente uma hora por semana, que o teatro não seja integrado ao ensino, que as atividades esportivas sejam desvalorizadas e não sejam estimuladas desde o ensino básico práticas relacionadas com a teoria, que possam auxiliar numa futura profissão.

No momento em que o país carece de mão de obra especializada em determinadas áreas, que o mercado de trabalho está saturado e o diploma não representa mais garantia de emprego, percebemos grande movimento para aumentar as vagas nas universidades e pouca preocupação com a qualidade das mesmas, e em especial com as condições do ensino básico. Não é nítido nenhum grande investimento na educação profissionalizante nem em mudanças que proporcionem um ensino mais humanístico.

Este trabalho é focado nos resultados obtidos no curso de adolescentes do CET que, normalmente, atinge a faixa etária de 13 a 18 anos, nas entrevistas realizadas com jovens estudantes do ensino superior, médio e das últimas séries do ensino fundamental (7^a e 8^a) e com profissionais da comunicação que acabaram de entrar no mercado de trabalho. O CET funciona no Forum da Cultura da UFJF e é coordenado pelo professor da Faculdade de Comunicação, José Luiz Ribeiro. Fundado em 1966 na antiga Faculdade de Filosofia e Letras como um grupo universitário, atualmente é um núcleo de pesquisa, ensino e extensão em artes cênicas e realiza cursos voltados para três segmentos, o de adolescentes, o de universitários e o da terceira idade.

2 RETRATOS JUVENIS

Antes de analisar como o teatro influencia o comportamento juvenil é necessário conhecer esses jovens que serão objeto de estudo. Analisar os retratos juvenis nada mais é do que tentar representar com exatidão o perfil dos que se inserem nesta fase. Assim, é preciso compreender suas características e maneira de agir, bem como suas angústias, sonhos e perspectivas, além de analisar seu comportamento perante a fragmentada sociedade em que vivemos.

Com as modificações vividas a partir da globalização, do fenômeno do multiculturalismo e da midiaticização, novos rumos foram encarados por toda a sociedade. Sendo assim, é nítido que o jovem também passou a vivenciar essas novas condições e, por se encontrar numa fase muito especial da vida, o momento de transição da infância para a maturidade, os conflitos na sua relação com o outro são intensificados.

Para estudar tais aspectos tornou-se importante compreender a contemporânea sociedade de festas, que valoriza cada vez mais o consumo, o entretenimento, a individualidade e o imediatismo. E também, perpassar pelas conseqüências da modificação da estrutura familiar, da supervalorização da jovialidade e por dados estatísticos que demonstram de que forma o estudo, a violência e a falta de perspectivas se fazem presentes no cotidiano juvenil. A questão das tribos também é permeada para que se possa entender melhor os relacionamentos atuais, a significação do ‘estar junto’, as respostas da sociedade e a razão de se juntar a um grupo por um motivo específico. Dessa maneira, embrenhamos no fantástico e conturbado universo da juventude.

Na adolescência, a 'personalidade' social ainda não está cristalizada: os papéis ainda não se tornaram máscaras endurecidas sobre os rostos, o adolescente está à procura de si mesmo e à procura da condição adulta, donde uma primeira e fundamental contradição entre a busca de autenticidade e a busca de integração na sociedade. A essa dupla busca se une a busca da 'verdadeira vida'.

Edgar Morin

2.1 O JOVEM ATUAL

Até bem pouco tempo atrás, temos relatos de mulheres que eram consideradas velhas para se casar, pois tinham 25 anos. Os homens já na infância usavam roupas iguais às dos adultos, as crianças passavam direto à fase adulta. Não havia uma fase intermediária. Alguns anos mais tarde, especialistas começaram a falar de puberdade; muitos pesquisadores acreditam que essa fase sempre existiu, mas que durante uma época, devido a fatores sociais, não foi revelada. Mas com a evolução da sociedade, a idade de transição entre a infância e a maturidade começou a se destacar. “As sociedades arcaicas efetuavam pelos ritos de iniciação a passagem brutal da infância para a idade adulta: seja com doze, quatorze ou dezesseis anos, o iniciado tomava lugar na sociedade dos adultos”. (MORIN, 1997, p.153).

De acordo com a historiadora Mary Del Priore (2007, p.7-8), a palavra adolescência surgiu no fim do século XIII fazendo referência aos anos posteriores à infância e começou a se consolidar juntamente com o termo juventude devido aos avanços da pedagogia, da medicina e da filosofia. No entanto, esteve ausente na maior parte dos dicionários luso-portugueses até o século XIX.

A adolescência significou, durante séculos, a passagem do mundo infantil para o adulto. Mas não só. Tal passagem obedecia a rituais precisos que implicavam afirmar a identidade de determinada faixa etária, mas também de grupos vinculados a condições de vida diferentes [...]. E, se por muito tempo a noção de adolescência foi conotada negativamente, o século XX inaugurou uma fase positiva e uma nova leitura da idade. Nos anos 30, por exemplo, os jovens estiveram associados ao poder; eram recrutados para os exércitos de Hitler, Mussolini e Stálin. [...] Já na década de 50 com a expansão do consumo do Ocidente, a juventude se tornou um mercado, o dos *teenagers*, que incluía também a transgressão. No fim do século, a juventude se transformou em obsessão e utopia. As sociedades contemporâneas querem ser jovens. (PRIORE, 2007, p.13).

A partir da segunda metade do século XX o período correspondente à adolescência se expandiu bastante e, atualmente, o que podemos visualizar é uma geração sem pressa de amadurecer. Enquanto há alguns anos os pesquisadores consideravam que a idade adulta

começava aos 22 anos, atualmente, a maioria dos órgãos que levam em conta a faixa etária da população para realizar pesquisas (como Unesco e MEC) considera jovens pessoas que têm entre 15 e 29 anos.

Para Spósito (1997, p.37), “É preciso reconhecer que, histórica e socialmente, a juventude tem sido encarada como fase de vida marcada por certa instabilidade associada a determinados ‘problemas sociais’, mas o modo de apreensão também muda”. Dependendo da época e dos valores, a avaliação que se faz sobre os jovens se modifica. Na década de 60, por exemplo, a juventude era colocada como um problema em muitos estudos por protagonizar a crise de valores e o conflito de gerações que permeou este período. Já a partir da década de 70, a maioria dos estudos sobre a juventude retratava a inserção no mercado de trabalho e a questão do desemprego.

De acordo com Aristóteles (19--. p.127), os jovens não conseguem dominar seus desejos. São inconstantes, suas vontades são violentas e geralmente agem por impulso. São esperançosos e têm índole boa, por não terem presenciado muitas ações más.

Os jovens [...] gostam das honras, mais ainda da vitória, pois a juventude é ávida de superioridade, e a vitória constitui uma espécie de superioridade. Mais que o dinheiro, tentam-nos a honra e a vitória; gostam muito pouco do dinheiro, porque nunca experimentaram a falta do mesmo. (ARISTÓTELES, 19--., p.127).

O que podemos verificar atualmente é uma juventude bem diferente da retratada por Aristóteles. São jovens capazes de dominar seus desejos e que são maduros o suficiente para serem responsabilizados por seus atos. Eles também estão mais preocupados com questões financeiras, a grande maioria, no caso do Brasil, já experimentou a falta de dinheiro. Mas todos eles têm algo em comum, gostam das novidades tecnológicas, querem roupas da moda e adoram comprar, são vítimas do consumismo globalizado.

Para Milton Santos (2000), “Consumismo e competitividade levam ao emagrecimento moral e intelectual da pessoa, à redução da personalidade e da visão do mundo, convidando também a esquecer a oposição fundamental entre a figura do consumidor

e a figura do cidadão”. A crítica do autor faz referência à inversão de valores da nossa sociedade. O consumismo, a competitividade, o individualismo e a falta de reflexão estão cada vez mais presentes no nosso cotidiano e atrofiando mais o crescimento humanístico e social.

Retomando o pensamento de Aristóteles, é possível concordar que os jovens agem por impulso, mas não somente. Agem também com a razão, e os de baixa renda, principalmente, já presenciaram cenas muito tristes e vivem em um meio de dificuldades, que muitas vezes os tornam pessoas cruéis, capazes até de arrastar por quilômetros uma criança agarrada ao carro até que ela venha a falecer, como foi o tão repercutido caso do menino João Hélio¹. Mas não é só a dificuldade financeira que torna as pessoas cruéis, pois jovens de classe média e alta também queimam índios e espancam empregadas domésticas.

O perfil do jovem se alterou muito devido à modificação da sociedade e, por consequência, da família. De acordo com Morin (1997), a família não se baseia mais na autoridade do chefe da casa. A emancipação da mulher e a promoção de valores femininos modificaram os papéis no lar e os novos pais não impõem mais uma autoridade na qual não acreditam.

É tentador atribuir essa escalada da violência a fatores isolados, como a perda da autoridade paterna ou a dificuldade de diálogo entre gerações. Questões desse calibre, no entanto, não têm respostas lineares. Esses aspectos têm relação com a violência, mas nenhum, sozinho, seria suficiente para instalá-la e mantê-la. Ainda assim, não temos o direito de nos colocar alheios à busca de soluções, com a desculpa de que a compreensão de problemas complexos, como a violência urbana, está fora da nossa alçada. [...] A necessidade de se diferenciar dos pais e a importância de se sentir parte de outro grupo que não a família são fatores que dificultam a comunicação. A perplexidade dos pais diante das transformações dos filhos e sua impotência para impedir o afastamento deles colaboram para tornar difícil esse momento. A escola também tem sua cota de responsabilidade, já que nossos jovens passam grande parte do tempo sob sua guarda. Precisamos da aliança de todos os envolvidos (família, escola e comunidade) na formação das próximas gerações. (ARATANGY, 2007, p.134).

¹ João Hélio morreu em 7 de fevereiro de 2007, depois que assaltantes roubaram o carro de sua família e o arrastaram por quilômetros agarrado ao cinto de segurança do lado de fora do automóvel.

O trecho do artigo da psicoterapeuta Ligia Aratangy, publicado na edição de agosto de 2007 da revista **Claudia**, revela questões interessantes a serem discutidas. A modificação do papel da mulher no lar, já que a mãe atual acumulou funções e agora trabalha além de cuidar dos afazeres domésticos, faz com que os homens também alterem sua posição. Eles tiveram que se adaptar aos novos costumes e compartilhar mais das atividades da casa, não mais como o chefe, que apenas ordena e a esposa executa, mas dividindo tarefas, já que agora também há divisão de custos.

Esses fatores culminam no fato de as crianças e jovens passarem grande parte do dia longe dos pais, que por sua vez, para compensar o tempo que ficam distantes, incentivam o consumo como uma forma de recompensa.

A vulgarização do divórcio também modificou a concepção de família. Atualmente, muitas mulheres também são chefes do lar e, além de trabalhar e cuidar dos filhos, ainda têm que arcar com grande parte ou até mesmo toda a despesa da casa. Com a diminuição do relacionamento entre pais e filhos (sendo os pais divorciados ou não) a escola passa a exercer papel fundamental no processo de educação, mas, às vezes, recai sobre ela uma carga pesada demais para erguer sozinha. Os pais perderam um pouco do controle da situação e, quando jogam toda a responsabilidade educacional para o colégio – esquecendo-se que na maioria das vezes os filhos passam apenas cinco horas nessas instituições –, deixam de preparar os jovens para a realidade que enfrentarão futuramente.

Outra modificação relevante é que enquanto há algumas décadas a juventude corria para amadurecer, agora ela retarda seu envelhecimento, e os que já passaram por ela desejam retornar. “[...] o tema da juventude não concerne apenas aos jovens, mas também àqueles que envelhecem. Estes, não se preparam para a senescência, pelo contrário, lutam para permanecerem jovens”. (MORIN, 1997, p.152).

Morin (1997, p.147) afirma ainda que a sociedade tem desvalorizado a velhice e supervalorizado aspectos juvenis. Temos acompanhado uma juventude cada vez mais expandida, ou seja, a idade do envelhecimento recuou e o desejo de camuflar este amadurecimento é cada vez maior.

Todo impulso juvenil corresponde a uma aceleração da História: porém, mais amplamente, numa sociedade em rápida evolução, e, sobretudo, numa civilização em transformação acelerada como a nossa, o essencial não é mais a experiência acumulada, mas a adesão ao movimento. A experiência dos velhos se torna lengalenga desusada, anacronismo.

O culto à beleza está cada vez mais valorizado. E o culto à juventude também. O preconceito com os idosos é visível quando pensamos que depois de certa idade não é mais comum namorar, casar novamente, freqüentar determinados locais e realizar algumas atividades. Como a expectativa de vida dos brasileiros era baixa até bem pouco tempo, temos uma grande população jovem e isso pode justificar essa característica de supervalorizar aspectos juvenis. Mas com o aumento da expectativa de vida, a tendência é que haja crescimento da população idosa e já podemos perceber este aumento.

Em 2002, o Brasil tinha 16.022.231 de pessoas com 60 anos ou mais representando 9,3% da população. Parece pouco, mas segundo projeções populacionais realizadas pelo IBGE, em 2020 os idosos chegarão a 25 milhões de pessoas, que irão compor 11,4% da população. Já em 2030, acredita-se que cerca de 40% dos brasileiros deverão ter entre 30 e 60 anos. (...) Paralelo à diminuição das taxas de natalidade e de fecundidade está o crescimento da expectativa de vida no país. Em 2002 registrou-se que a esperança média de vida ao nascer era de 71 anos de idade, com um aumento de 4,7 anos em relação ao ano de 1992. Portanto, enquanto o número de nascimentos diminuiu, a população passou a viver mais, principalmente nas cidades. (IBGE, 2007).

No entanto, a supervalorização da juventude, que deveria ter diminuído, aumenta. A cada dia vemos mais pessoas interessadas em fazer cirurgia plástica - o Brasil é o país que mais realiza esse procedimento -, em usar produtos de beleza que retardam o envelhecimento e em usar roupas mais modernas. Os fios de cabelo branco são disfarçados com pintura e é quase impossível ver uma mulher com mais de 50 anos que não pinte o cabelo. Mas os homens também estão preocupados com a idade. Eles freqüentam cada vez mais as clínicas de

estética e muitos também pintam os cabelos. Tudo isso para parecerem mais jovens, mais bonitos e com mais disposição.

E os jovens não querem parecer mais velhos como acontecia antigamente. Eles querem estar cada vez mais modernos, usando o modelo de celular mais equipado que o dinheiro lhe permitir comprar, sendo irreverentes quase o tempo inteiro – como exemplo podemos citar a mudança do comportamento dos formandos na cerimônia de colação de grau, que até há aproximadamente 20 anos era uma solenidade extremamente formal e hoje é uma festividade completamente informal e irreverente, a não ser pelas becas – e adiando os compromissos da vida adulta (os jovens demoram mais para entrar no mercado de trabalho e buscam se preparar mais para isso, o tempo de estudo aumentou).

A partir da junção dessas informações podemos compreender um pouco mais sobre a juventude, contudo, os dados numéricos tornam-se importantes e necessários quando desejamos traçar de maneira mais detalhada o perfil do jovem atual.

Segundo o quadro Jovens do Brasil, exibido no **Jornal Hoje**² (telejornal da Rede Globo), o país tem 50,5 milhões de jovens entre 15 e 29 anos. Dos que possuem até 24 anos, 16,5 milhões freqüentam escolas, mas 18,5 milhões, na mesma faixa etária, não estão matriculados em instituições de ensino. Dados da Unesco mostram que, em 2005, nove milhões de estudantes estavam matriculados no ensino médio, quase 90% desse número no ensino público. De acordo com o MEC, em 2006, o Brasil contou com 58.908 jovens matriculados em escolas de ensino médio integrado ao ensino profissional.

Do total de jovens em idade de cursar ensino superior, apenas 11% estão nas universidades e 70% desse número freqüentam universidades particulares. O Brasil possui 55 universidades federais, seis foram criadas entre 2000 e 2002 e outras 10 foram implantadas a

² O quadro Jovens do Brasil foi exibido no **Jornal Hoje** entre os dias 13 e 24 de agosto de 2007. Alguns dados e as matérias do quadro podem ser consultados no site < <http://jornalhoje.globo.com/>>.

partir de 2003 até janeiro de 2007, sendo que duas foram criadas e outras oito instituições foram transformadas em universidades federais.

O quadro do **Jornal Hoje** revelou também que 75% dos presos por tráfico de drogas em Brasília são jovens que têm entre 12 e 29 anos, e que, em Salvador, mais de 50% dos homicídios têm pessoas de até 29 anos como vítimas. A questão da violência envolvendo jovens trouxe à tona uma polêmica: a idade em que eles devem pagar pelos crimes que cometem. A diminuição da maioridade penal tornou-se assunto de grande discussão da sociedade e divulgação na mídia. Muitos brasileiros foram às ruas reivindicar e lutar para que menores de 18 anos fossem julgados como um cidadão qualquer sem direito aos benefícios garantidos pela idade. No entanto, o impasse está longe de ser resolvido, pois o governo federal e os juristas ainda não estão convencidos de que esta seja a solução para diminuir o número de crimes envolvendo adolescentes.

A fixação da idade penal aos 18 anos não tem relação com a capacidade individual de discernimento. É evidente que o adolescente não sai de um estado de inconsciência para entrar no pleno discernimento no dia que completa 18 anos. [...] E vale lembrar que o agravamento das penas e a suspensão de benefícios decorrentes da Lei dos Crimes Hediondos não reduziram em nada a prática desses crimes. [...] a responsabilidade penal das crianças e dos adolescentes é uma questão relacionada à justiça social, ao cruzamento do discurso político com o psicológico, aos limites éticos da intervenção penal, ao próprio sentido da infância, da adolescência e da ação infracional. São problemas sérios e complexos que não cabem no simplismo da escolha de uma idade “x”. (OLIVEIRA, 2007, p.77).

De acordo com dados da Unesco, os jovens representam aproximadamente metade dos desempregados no Brasil. Além disso, como os dados comprovam, a maioria dos jovens está fora de alguma instituição de ensino. A triste realidade do nosso país foi mostrada na matéria do quadro Jovens do Brasil, exibida no dia 16 de agosto no **Jornal Hoje**, cuja manchete era “O Brasil tem 4,5 milhões de jovens considerados em estado de risco. Eles não completaram o ensino fundamental e estão sem emprego”.

Para Cassab e Portella (2006, p.34), a juventude das classes baixas não ganha oportunidades de inserção na sociedade. Pois, apesar da grande valorização da mocidade

como modelo a ser seguido, “Não há lugar no mundo hoje para aquele que é jovem e apresenta demandas urgentes de inserção na vida social”. As condições de vida contemporâneas são complexas, já que as alternativas aos problemas, como a fixação na escola e a formação para o trabalho, não parecem mais cativar os jovens.

Os números demonstram que vivemos em um país de desigualdades, em que aproximadamente metade da população jovem não tem acesso a educação, esporte e cultura. Um país violento, que sofre com a corrupção e que tem altos índices de desemprego. E os jovens fazem parte de todas essas estatísticas, pois estão inseridos na sociedade e representam quase um terço da população brasileira. Coincidência ou não, é também um terço o número aproximado de brasileiros que vivem abaixo do nível da pobreza.

Apesar da proporção de pessoas que vivem abaixo da linha de pobreza ter diminuído, quase um terço dos brasileiros ainda vivem abaixo da linha de pobreza, com base nas mensurações mais recentes. Desses, aproximadamente 20 milhões vivem em situação de pobreza absoluta. Dessa forma, como apontado pelo CCA [Avaliação Conjunta do País], o Brasil não é um país pobre, mas um país extremamente desigual e injusto, possuindo enorme número de pessoas pobres. A desigualdade brasileira tem componentes estruturais que estão relacionados a um passado caracterizado por um modelo de organização social altamente estratificado, no qual a escravidão desempenhou papel importante, e pela perpetuação de privilégios de classe ao longo dos diversos regimes políticos. (UNESCO, 2006, p.9).

Este retrato do Brasil diz respeito também ao jovem que aqui vive. São jovens desiguais, diferentes, muitos deles vivem na pobreza e outros abusam dos privilégios que recebem. Mas também existe um lado enriquecedor, em que os resultados positivos mostram uma outra face do que estamos acostumados a visualizar. Um exemplo é o número de universidades federais, que aumentou aproximadamente 25 % nos sete últimos anos. Outro, é o aumento da participação das mulheres no mercado de trabalho e na política. O crescimento de projetos de inclusão social, voltados principalmente para crianças e jovens, e as iniciativas de combate à violência também exemplificam um retrato mais colorido das mudanças que vêm ocorrendo.

Quando a juventude é colocada diante de atividades que estimulam sua consciência crítica, valorizam suas habilidades e incentivam o aprendizado, novos valores começam a florescer, a auto-estima cresce e sua relação com a sociedade começa a se modificar. A partir do reconhecimento do papel das atividades culturais na modificação e inclusão social, o processo de educação do jovem só tem a ganhar. “A consciência da dimensão econômica da cultura vem crescendo, assim como a de seu papel na concepção de políticas sociais que favoreçam o respeito à diversidade cultural, ao pluralismo e aos direitos humanos”. (UNESCO, 2006, p.42).

A pesquisa realizada pela professora da Unesp e doutora em Ciências Sociais, Loriza Lacerda de Almeida (2007), divulgada na revista on-line da Universidade Federal de Goiás (UFG), demonstra que o individualismo é muito presente na juventude. Quando seus entrevistados foram questionados a respeito dos ideais da juventude e se estes são coletivos ou individuais, eles foram unânimes em responder que são individuais e apontaram, na maioria das vezes, para questões da própria vida profissional, econômica e afetiva. Mas, de acordo com a pesquisa, uma exceção se faz no campo do movimento cultural, no qual aparentemente os estudantes se inserem de forma coletiva.

Aqueles que estão envolvidos nos movimentos religiosos, culturais, nas instâncias de representação discente e nos movimentos de solidariedade representam, cada qual ao seu modo, formas singulares de participação política, distintas de formas clássicas já superadas e/ ou revistas. (ALMEIDA, 2007).

O jovem atual tem mais abertura para se expressar, falar o que pensa e para fazer escolhas. Age muitas vezes de maneira inconseqüente, mas tem consciência dos seus atos e maturidade para responder por eles. É um jovem midiaticizado, que, geralmente, lê e reflete pouco, mas sabe bem o que é injustiça e dinheiro. É o jovem pouco politizado e antenado à globalização, mas também é extremamente aberto às modificações. O jovem atual, quando envolvido com uma causa ou afetado por um movimento que faça parte, é capaz de superar qualquer obstáculo.

A fim de preparar os jovens para o amanhã, é preciso antes de tudo considerar a adolescência como tema de estudo, suas características biológicas e psicossociais, mas também o que ela contém de dilemas e incertezas, expectativas e sonhos.

Claudemir Belintane

2.2 SONHOS E PERSPECTIVAS

Traçar os sonhos do jovem atual não é nada fácil. É preciso compreender a individualidade do ser humano e não generalizar. Mas tentar entender o que a maioria dos jovens almeja, os sonhos e medos em comum e a modificação dos seus desejos com o passar dos anos é fundamental para traçar um perfil sólido das perspectivas da juventude contemporânea.

Atualmente, não há mais distinção social pelo vestuário. Com o fenômeno da globalização é possível que um brasileiro esteja usando uma mesma peça de roupa que um sul africano ou japonês. A produção em grande escala e a queda dos preços também fez com que as peças se tornassem mais acessíveis. Quando um artigo está na moda é possível encontrá-lo em um camelô como também em uma loja de grife. E é seguindo estes parâmetros que os jovens se vestem. Apesar de terem estilos diferentes, o nível social não é mais distinto pelas roupas que usam.

A psicóloga e pedagoga Eliana Balena (APÊNDICE C), autora do livro **Divã para Vestibulandos**, trabalha com jovens como orientadora de um colégio particular há 12 anos. De acordo com ela, que lida com estudantes em sua maioria de classe média e alta, é muito difícil caracterizar o jovem, mas diferenciar aspectos das outras gerações jovens é possível. Eliana acredita que hoje as perspectivas são mais pessimistas, a violência nessa faixa etária é maior do que antes e a busca por um ideal parece estar mais distante. No entanto, ela ressalta que o desejo de se tornar independente, o medo de perder os pais e o conflito de gerações entre pais e filhos permanecem. A psicóloga destaca que, nas épocas em que um diploma significava garantia de futuro, a juventude se cobrava menos e tinha mais motivos para sonhar. “Agora, a angústia do presente é maior”, garante.

A agonia de sair da universidade sem nenhuma garantia profissional é um dos fatores que mais preocupa e ameaça o sonho juvenil. Todos os universitários ou recém formados entrevistados para esta monografia acreditam que é difícil encontrar espaço no mercado de trabalho e muitos sentem medo de não conseguir trabalhar na área que desejam.

A estudante Mahina Proba Fava, que tem 22 anos e está no último período do curso de Comunicação Social da UFJF, diz que pensa no futuro, mas não faz as coisas almejando só os objetivos. “Eu gosto muito de tudo, então não traço metas para a minha vida profissional, em qual área vou trabalhar eu não sei. Tenho receio, bate o peso da responsabilidade quando estamos próximos de formar. Aí passa pela cabeça se as experiências que temos são suficientes”, afirma. (APÊNDICE D).

Quando falamos de aspirações, precisamos lembrar que elas são freqüentemente moldadas pela cultura midiática. E não apenas as aspirações e sonhos juvenis, mas de toda a sociedade. Para Morin (1997) a cultura de massa, por instigar a subjetividade do indivíduo que busca suas próprias satisfações, é capaz de transformar desejos em sonhos e vice-versa.

O indivíduo privado, que quer consumir sua própria vida, tende a valorizar o presente. Fica, além disso, cada vez mais privado de passado; este não lhe fornece mais sabedoria e norma de vida; os antigos valores, as grandes transcendências são esmagadas por um devir acelerado. (MORIN, 1997, p.175).

A característica muitas vezes incoseqüente do jovem pode ser compreendida a partir dessa citação. Pois a valorização do presente faz com que o futuro e o passado sejam deixados de lado. O importante passa a ser curtir o agora, sem preocupações com o que pode vir a acontecer ou com o que já ocorreu. Daí, muitos jovens passam a ser classificados como irresponsáveis e insensatos. No entanto, a característica de valorização do hoje está arraigada na sociedade atual e apenas se reflete na juventude.

Eliana Balena ressalta como relevante esta questão de valorizar o agora. Segundo ela, estamos vivendo de uma forma que tudo tem que ser rápido, consumista e descartável. E essas características acabam por adentrar em nosso cotidiano e afetar nossa maneira de agir e

nos relacionar. “A sensação tem sido priorizada e o sentimento deixado de lado”, afirma. Balena cita como exemplo o consumo exagerado de bebida alcoólica, incentivado pela ‘moda’ das festas de bebida liberada¹, e o fato da diversão se resumir para a grande maioria dos jovens em ‘beijar e beber’, “muitos não saem mais para dançar ou conversar com amigos, o que importa é ‘ficar’ com muita gente e beber muito. As coisas só são boas se são descartáveis e em quantidade”, conclui.

A pesquisa realizada com 139 jovens de colégios públicos e privados de Juiz de Fora (ver APÊNDICE A) revela que 53,95% deles consideram como principal forma de diversão ir a um show ou festa. 42,44% acreditam que conversar com amigos é uma boa forma de se divertir e 23% também acham que beber é uma dessas formas. ‘Ficar com alguém’ ficou em quarto lugar nas preferências, sendo citado por 22,3%. O que estes jovens menos consideram como forma de se divertir é ficar em casa com familiares, que teve índice de 12,94%.

Essa mudança na maneira em que os jovens se divertem representa uma consequência das modificações da sociedade com o passar dos anos e, por conseguinte, da alteração ocorrida com o ritual da festa. Mas muitas características permaneceram no ato de festejar. Não é de hoje que durante uma festa as pessoas se liberam para divertir ao extremo, se sentem como heróis, comem e bebem em demasia e experimentam diversos papéis. O excesso relatado nas festas atuais não é privilégio nem inovação da juventude contemporânea, já que até mesmo nas cerimônias dionisíacas era permitido viver um momento de exceção.

[...] a função da festa é mais utilitária do que se pensa; o desperdício atrai e provoca a abundância e é um investimento como qualquer outro. Só que aqui o lucro não se mede, nem conta. Trata-se de adquirir potência, vida, saúde... [...] a festa é antes de tudo um advento do insólito. Regem-na regras especiais, privativas, que a isolam e fazem dela um dia de exceção. (PAZ, 1984, p.46).

¹ O participante de uma festa de bebida liberada paga apenas pelo ingresso e pode beber o quanto quiser durante o evento.

A festa dá um sentido social à vida do homem e nela somos levados a um comportamento de transgressão, pois os valores são subvertidos e os sentidos se afloram. Para Ribeiro (1993, p. 172), o espectador se comporta na festa de maneira indomável e não economiza ações e emoções. É natural debulhar em lágrimas, rir de alegria e aplaudir. “A festa é uma necessidade, um remédio para tornar o cotidiano suportável. Ela se instala entre a saudade mitificada e o devir imaginário”.

Vivemos numa sociedade de festa. Enquanto antigamente as solenidades se restringiam aos fins de semana, agora todo dia é momento de celebrar e as festas se diluíram no cotidiano. Os barzinhos passaram a abrir todos os dias, as boates que só funcionavam nos fins de semana têm público a partir de quarta ou quinta-feira, e as noites de segunda e terça-feira, que eram quase desertas, agora estão bem mais movimentadas, principalmente nas cidades de médio e grande porte. Mas com a profusão das festas, elas deixam, muitas vezes, de ser necessidade e se tornam excesso.

A festa também se tornou uma aposta juvenil. Muitos começaram a investir nos eventos para arrecadar dinheiro para os fundos de formatura ou simplesmente para o lucro individual. O investimento em shows, bailes, ‘chopadas’, dentre outras inúmeras formas de celebração, se tornou comum entre os jovens que participam desde a simples venda de um número determinado de ingressos com intuito de ganhar o seu, ou até mesmo de todo processo de organização.

Esse fator deve-se também ao caráter empreendedor da sociedade e, em particular, da juventude. Contrariando o que poderia ser esperado do jovem, mas condizendo com a sociedade globalizada em que vivemos, o caráter empreendedor tem florescido cada vez mais. A valorização dos conceitos da administração, o desejo de independência e auto-suficiência e a exigência cada vez maior do mercado fazem com que alguns jovens se tornem verdadeiros ‘virões’. A venda de produtos nas escolas para ajudar a renda familiar ou apenas para

conseguir um dinheiro a mais para si próprio, a apreciação das atividades práticas e o desejo de ter o próprio negócio, tornaram-se comuns atualmente.

O estudante do último período da faculdade de Comunicação Social da UFJF, Felipe Gazola, de 22 anos, é proprietário da empresa de comunicação on-line Ato Interativo. Felipe sempre sonhou em ter o próprio negócio e acredita que hoje muitos jovens têm esse perfil. “Eu acho que já nasci com essa característica, comecei a trabalhar numa empresa que fazia site com 16 anos e de lá para cá não parei, saí de lá por causa da faculdade, mas logo comecei a fazer estágio em outra firma e depois entrei na empresa júnior da faculdade”, diz Felipe. O estudante começou a planejar o próprio negócio no quarto período e no quinto colocou em prática a idéia. (APÊNDICE D).

O ideal de Felipe é muito comum entre os jovens atualmente. A grande maioria dos universitários quer ter uma experiência profissional antes de formar, o que se deve também à dificuldade de encontrar espaço no mercado de trabalho. Os educadores criticam muito os estudantes que se dedicam mais à prática do que à teoria, mas esse é o paradoxo do mercado. Ele não dá oportunidade do recém formado aprender, é preciso sair pronto da faculdade e com o máximo de experiências possível. Isso tem feito com que a universidade reavalie os currículos e tente adaptar sua postura, mas é difícil aliar com qualidade e, tão rapidamente, as discussões de sala de aula à prática profissional. E o preço que se paga é a diminuição do interesse pelas disciplinas que instigam a reflexão.

Os jovens, assim como a maioria da sociedade, desejam aproveitar a vida ao máximo, ter mais momentos agradáveis do que tristes e, é claro, ser feliz. No entanto, a concepção do que é ter felicidade é bem diferente na juventude e na fase adulta. Quando se tem uma vida inteira pela frente é mais fácil ser esperançoso, acreditar em mudanças e também ser influenciado pelos arquétipos e moldado pela cultura midiática.

De acordo com Morin (1997, p.169) “A cultura de massa procura deter ficticiamente tudo o que não pode ser consumido praticamente”, ela cria consolo e distração para acalantar aqueles que não conseguiram alcançar o ideal criado por ela.

A partir da interpretação do pensamento de Morin (1997, p.169) de que “[...] a vida não pode consumir tudo e a sociedade não poderá dar tudo. Ela retira mesmo quando dá. Não pode dar ao mesmo tempo a segurança e o risco; retira a aventura quando dá os chinelos [aposentadoria]. Retira a carne quando dá a imagem”, podemos compreender porque tantos sonhos dos jovens são moldados pela mídia.

A vontade de tornar-se famoso, virar celebridade, é um exemplo de moldagem dos sonhos. Quantas meninas não seriam manequins se tivessem a oportunidade e quantas mães empurram suas filhas para este caminho por acreditar que é a melhor forma delas serem felizes, já que a felicidade pode ser traduzida, a partir dos modelos da sociedade do espetáculo, em ter dinheiro e sucesso, ser magro e bonito. Atualmente, a imprensa tem divulgado diversos casos de adolescentes que sofrem com bulimia e anorexia, ‘doenças modernas’ que são estimuladas a todo o momento pela ditadura da beleza.

E numa sociedade que deseja rejuvenescer mais a cada dia, não é de admirar que os jovens sintam-se frustrados com as ilusões de felicidade que são estimulados a desejar. A perspectiva é que apenas uma minoria vai atingir a meta de ser rico e famoso além de se enquadrar nos padrões estéticos da época, é claro. A grande maioria não vai ter a oportunidade de vivenciar a bela cena do comercial de margarina nem ser capa de uma revista de grande circulação.

Outra característica marcante da juventude contemporânea é o desejo de independência e individualidade. A ligação mais forte com a família, devido à aproximação dos pais, que são mais liberais e têm menos filhos², instiga ao mesmo tempo o grande desejo

² Fator comprovado com a queda da taxa de natalidade, principalmente nas classes média e alta, mas também nas classes baixas.

de se tornar independente, mas também um forte elo com os pais. No entanto, esse elo vai se rompendo à medida que o conflito entre gerações permanece, que os jovens começam a sair de casa para estudar em outra cidade e que os momentos de convivência se tornam cada vez mais escassos, já que cada um almoça em um horário, os pais trabalham fora e os filhos têm muitas atividades. A conclusão que se chega é que a capacidade de se comunicar pessoalmente tem diminuído na sociedade da informação.

Um ponto negativo é o extremo individualismo da sociedade, que também acaba por se tornar uma característica do jovem. Enquanto antigamente havia apenas um televisor em cada casa, ao sair para almoçar era pedido um prato para toda a família e o computador era de todos, agora, a tendência é de cada um assistir no seu quarto um programa de televisão, ir a um restaurante self-service muitas vezes sozinho, escolher o seu prato e comer sem compartilhar ou sequer conversar, além de ter um computador próprio. A única limitação que pode brevar essa tendência é a financeira. O individualismo chegou ao seu extremo no momento em que não é mais possível aprender em conjunto. E o ensino grupal, que não se modificou nas escolas, acaba por incentivar ainda mais esse individualismo. De acordo com o que Eliana Balena consegue perceber com os jovens com quem trabalha, as aulas particulares são mais comuns do que nunca, ninguém quer mais fazer trabalho em grupo e se reunir para estudar com amigos tornou-se uma atividade cada vez mais incomum.

Entretanto, os jovens têm se demonstrado mais abertos a conviver com as diferenças e a conhecer coisas novas. A presença do multiculturalismo, devido também ao caráter globalizado da nossa sociedade, tem influenciado bastante o comportamento juvenil e alterado principalmente a concepção de arte.

A globalização introduz um terceiro na relação entre o local e o nacional, o local e o regional, o regional e o nacional que interrompe o fluxo linear de relações e comunicação onde estas polaridades se desenvolviam até vinte anos atrás, reguladas pela unidade do estado-nação e pela repartição territorial das trocas econômicas, políticas e culturais [...]. Este terceiro introduz uma lógica desterritorializante e desinstitucionalizante em relação ao contexto anterior. (BURITY, 2007).

O jovem de maior poder aquisitivo começou a compartilhar as celebrações e o modo de se divertir das comunidades de baixa renda. Hoje, os adolescentes de classe média e alta gostam do *funk*, ritmo que surgiu na periferia, e freqüentam os bailes sem preconceito. A música sertaneja e a baiana, que também eram discriminadas pela elite cultural do país, conquistaram a juventude atual e estão entre os ritmos mais vendidos. Outra curiosidade é a febre da comida japonesa e o sucesso que outros tipos de culinária como a árabe e a chinesa fazem nessa faixa etária.

A palavra *multiculturalismo* tem geralmente uma conotação positiva: refere-se à coexistência enriquecedora de diversos pontos de vista, interpretações, visões, atitudes, provenientes de diferentes bagagens culturais. O termo serve de etiqueta para uma posição intelectual aberta e flexível, baseada no respeito desta diversidade e na rejeição de todo preconceito ou hierarquia. (FERNÁNDEZ, 2007).

O multiculturalismo fez dos jovens pessoas mais ecléticas, que experimentam um pouco de diversas culturas e buscam cada vez mais se diferenciar do campo comum, o que pode ser um paradoxo por se tratar de um mundo globalizado, mas que é perfeitamente compreensível quando enxergamos a dimensão desses fatores.

A pluralidade cultural é ao mesmo tempo fruto da globalização e uma resposta a ela. Da mesma maneira que graças à globalização podemos, através da internet, nos comunicar simultaneamente com várias pessoas em diversas partes do mundo e conhecer outras culturas de maneira simples e rápida, tudo ficou muito homogêneo e comum. Todo mundo tem celular, usa 'havaianas', tem roupa das cores da moda da estação e tem a possibilidade de se alimentar da mesma forma (um lanche do MC Donald's ou uma Coca-Cola, por exemplo). Isso fez com que as pessoas buscassem alternativas para se diferenciar dentro do campo comum. Você não deixa de ter celular, mas tem uma capinha exclusiva; usa a mesma marca, mas busca algo para chamar a atenção; quer ter uma festa de formatura (que é uma característica muito incentivada pelos filmes americanos), mas deseja que tenha uma inovação.

Os jovens são os pioneiros nessa forma de agir. Eles amam a globalização e lutam contra ela concomitantemente. Querem a todo momento ter aquilo que todos têm, mas buscam formas de reinventar alguma coisa e serem únicos. Por isso, atualmente, há muita gente buscando fazer atividades diferenciadas. A prática de atividades físicas que eram pouco comuns no nosso país, como yoga, pólo aquático e futebol feminino, e o interesse por idiomas menos populares, como japonês, mandarim e italiano, vêm crescendo. E esses jovens também têm experimentado novas formas de fé.

Antigamente, os pais obrigavam as crianças e os jovens a irem pelo menos aos domingos nas cerimônias religiosas, havia a imagem de um deus conservador e os filhos tinham que seguir a religião dos pais. Com o passar do tempo, as famílias começaram a dar mais liberdade para que os filhos escolhessem quando e em quais eventos religiosos participariam. Entretanto, o tradicionalismo das crenças fez com que os jovens passassem por um momento de desmotivação.

As religiões começaram então a desenvolver técnicas para reconquistar a juventude. O investimento em programas de rádio e TV, em missas e cultos cantados, em marketing voltado para a divulgação de produtos (livros, CDs) e dos próprios líderes espirituais (padres, pastores, conferencistas) aumentaram consideravelmente e a religiosidade agora é cada vez mais midiática. A Canção Nova é um exemplo de renovação e midiaticização da crença. Fundada na década de 70 com intuito inicial de evangelizar os jovens, a comunidade católica Canção Nova reestruturou a forma de cativar seus devotos e atualmente tem um canal próprio de televisão. O encontro de jovens da comunidade chega a conquistar um público de aproximadamente 20 mil pessoas, e o número de peregrinos que visitam a sede da Canção Nova nos fins de semana chega a superar a visitação da basílica de Aparecida do Norte e a de São Pedro, em Roma. O que comprova que o desejo de mudança, inicialmente juvenil, estava presente em toda a sociedade.

[...] o estar-junto é um dado fundamental. Antes de qualquer outra determinação ou qualificação ele consiste nessa espontaneidade vital que assegura a uma cultura sua força e sua solidez específicas. Em seguida, essa espontaneidade pode se artificializar, quer dizer, se civilizar e produzir obras (políticas, econômicas, artísticas) notáveis.

Michel Maffesoli

2.3 TRIBOS E RUPTURAS

Durante toda a nossa vida, nos relacionamos uns com os outros. Seja com a família, com os amigos, na escola ou no trabalho, a todo o momento precisamos conviver com outras pessoas. E apesar do forte caráter individualista presente na nossa fragmentada sociedade midiática, a organização das pessoas que buscam juntar-se a outras – por apresentarem algum tipo de afinidade –, com intuito de celebrar, compartilhar ou apenas passar o tempo livre, tem se tornado algo comum.

De acordo com Michel Maffesoli (1998, p.123), “Enquanto a lógica individualista se apóia numa identidade separada e fechada sobre si mesma, a pessoa só existe em relação com o outro”. Por mais que a sociedade seja fragmentada e apresente um caráter individualista, nela o indivíduo não consegue se sustentar sozinho.

[...] a valorização do grupo é uma desconstrução do individualismo [...]. Esse individualismo existe, é inegável. Ele permite à sociologia nascente explicar a dinâmica própria da Modernidade, mas é, ao mesmo tempo, contrabalançado pelo seu contrário, ou mais exatamente pela remanência de elementos alternativos. Aliás, essa é a tensão paradoxal que garante a tonicidade de uma dada sociedade.

Em todo momento estamos nos relacionando em grupo, no entanto, em uma certa idade da vida, mais especificamente na adolescência, a necessidade de pertencer a um grupo é grande. O jovem, ao tentar a independência das idéias dos pais, procura os seus iguais e passa a fazer parte de uma tribo.

A tribo é um conjunto familiar ou de comunidades de pessoas que falam a mesma língua, têm os mesmos costumes ou as mesmas tradições. Maffesoli (1998) chama de tribos os microgrupos responsáveis pela tensão fundadora que caracterizam o fim do século XX. De acordo com ele, a massa, ou o povo, não são sujeitos da história, pois não se apóiam na lógica da identidade como o proletariado e as outras classes. Já a tribo participa dessa lógica ao

permitir que no processo de desindividualização seja valorizado o papel de cada pessoa dentro do grupo.

Para Maffesoli (1998, p.108), o indivíduo tem uma característica do social e uma da socialidade. No social, a pessoa tem uma função em um grupo estável, já na socialidade a pessoa representa papéis tanto dentro de sua atividade profissional quanto nas diversas tribos de que participa. “Mudando seu figurino, ela vai, de acordo com seus gostos [...] assumir o seu lugar, a cada dia, nas diversas peças do *theatrum mundi*”.

É importante ressaltar que as tribos se desenvolvem dentro das massas e de qualquer outra classe e, assim como elas, são instáveis e não se cristalizam. Dessa maneira, as pessoas podem mudar de uma tribo para outra ou permanecer em uma mesma tribo apesar de ter mudado de classe. A forma do *tribalismo* é fundamentada pelas noções de comunidade emocional, de potência e de socialidade e têm como consequência o multiculturalismo. (MAFFESOLI, 1998, p.10).

Com o passar do tempo, as tribos também se modificam. As atuais são bem diferentes das da década de 60, por exemplo. O fenômeno das tribos modernas é muitas vezes classificado por Maffesoli (1998) como neotribalismo. Segundo ele, esse novo tribalismo é caracterizado pela fluidez, pelas uniões pontuais e pela dispersão. “O que ele [M.Scheler] chama de ‘teoria da identificação da simpatia’ permite explicar as situações de fusão, esses momentos de êxtase que podem ser pontuais, mas que podem, também, caracterizar o clima de uma época”.

Um grupo religioso, um time de futebol, uma confraria de pessoas da terceira idade, todos podem representar uma tribo. A tribo dos lutadores de jiu-jitsu, das pessoas que frequentam determinado local na praia, das patricinhas ou dos playboys. Qualquer grupo de pessoas que se unem por qualquer motivo e que passam a agir de uma forma comum, vestir de

uma maneira diferenciada ou apresentar áreas de interesse semelhantes, mesmo mantendo suas singularidades, pode representar uma tribo.

Os jovens, principalmente, têm necessidade de fazer parte de um grupo e se sentirem pertencentes a uma tribo. Até mesmo para acreditar que são aceitos na sociedade. E com o individualismo tão presente, cada dia é maior a necessidade dos adolescentes se auto-afirmarem e provarem para si mesmos que têm uma identidade. A necessidade de independência dos pais e a vontade de construir sua própria vida fazem com que eles estejam sempre em busca de um grupo com o qual se identificam.

Fazer parte de uma tribo traz satisfação por significar estar inserido em algo que também ajudou a construir, o integrante sente-se único e ao mesmo tempo tem aliados semelhantes a ele. O poder de quem age em grupo é maior, a vontade de enfrentamento é encorajada e os resultados são somados, pois a conquista de um passa a representar uma conquista de todo o grupo. No entanto, se por um lado fazer parte de uma tribo é algo importante e uma experiência necessária, ser excluído é duro e complicado.

Para uma criança - sobretudo para um adolescente -, é vital ser aceito pelo grupo com o qual se identifica, ao mesmo tempo que os excluídos são ridicularizados e hostilizados. Esse processo reflete e alimenta os fanatismos e preconceitos (religiosos, esportivos, étnicos) do universo adulto. Sua manifestação mais extremada é o bullying (prática violenta em que um aluno se torna alvo de chacotas e agressões de colegas), mas esse comportamento era ignorado ou desvalorizado pelos professores e pais até que pesquisas revelaram as graves consequências que acarreta para as vítimas, os agressores e as testemunhas. (ARATANGY, 2007, p.134).

Os jovens, quando estão com seus colegas de tribo, costumam discriminar aqueles que fazem parte de uma outra tribo ou não fazem parte de nenhuma. A perversidade com que alguns são rejeitados e até mesmo excluídos do grupo pode trazer problemas sérios de relacionamento. O uso de apelidos, por exemplo, muitas vezes deixa a vítima traumatizada e sem coragem de enfrentar os colegas. O *bullying* é apenas uma prática que foi constatada atualmente e tem sido trabalhada nos colégios e pelos psicólogos.

Atualmente, uma tribo que tem chamado bastante atenção da mídia e tem sido vítima de muito preconceito é a dos Emos. O termo Emo (abreviação da palavra em inglês *emotional*) é um gênero de música derivado do hardcore. A expressão foi utilizada, originalmente, para designar as bandas do cenário punk de Washington que compunham letras de música com um lirismo mais emotivo que o habitual.

Algumas das suposições é que o termo Emo foi criado por publicações alternativas, como o fanzine **Maximum RocknRoll** e a revista de **Skate Thrasher**, para descrever a nova geração de bandas de "hardcore emocional" que surgiram na década de 80, incentivadas por outras como Embrace, Rites of Spring, Gray Matter, Dag Nasty e Fire Party. Mas nenhuma destas bandas jamais aceitou ou se auto-definiu através deste rótulo, porque ser uma banda Emo era visto como uma piada ou algo pejorativo. (EMO, 2007).

No Brasil, o gênero se estabeleceu sob forte influência norte-americana em meados dos anos 2000, principalmente nos grandes centros. Passou a influenciar uma moda adolescente caracterizada não somente pela música, mas também pelo comportamento geralmente emotivo e pelos trajes pretos ou listrados, uso de meia arrastão, cabelos coloridos com franjas caídas sobre os olhos, *piercing* e maquiagem preta na região dos olhos.

Os Emos fazem parte de um tipo de tribo urbana em que os membros se auto-definem como pessoas carinhosas, sensíveis, calmas, que não gostam de briga e querem apenas amar e serem amados. Eles, geralmente, têm entre 12 e 25 anos, costumam fazer amizades pela internet e gostam de músicas das bandas NXZero, Forfun, CPM22 e Ramirez. (O JEITO..., 2007). No entanto, apesar de existirem muitos jovens pertencentes a esta tribo, é difícil encontrar Emos que se auto-declarem assim. O preconceito e a discriminação são tão grandes, que acabam gerando ameaças e violência.

Estes são alguns dos problemas mais comuns na existência das tribos. A abertura do jovem para o conhecimento de uma outra cultura ou uma nova forma de conviver, o

relacionamento em grupo e a maturidade conseguida com a construção da própria identidade são fatores que nos levam a crer na magnitude de pertencer a um grupo. Mas não podemos deixar de lado os conflitos que também são desencadeados em consequência do tribalismo.

Com efeito, mesmo sob a forma da agressividade ou do conflito, existe uma propensão ao reagrupamento. O que Pareto vai chamar o instinto de combinação, ou ainda esse 'instinto interno' que, segundo Locke, serve de base a qualquer sociedade. Sem nos pronunciarmos sobre o conteúdo dessa tendência, podemos considerar que a comunicação, ao mesmo tempo, verbal e não verbal, constitui com uma vasta rede que liga os indivíduos entre si. (MAFFESOLI, 1998, p.113).

A Comunicação realmente assume um grande papel no que diz respeito ao grupo. Independente da forma como é usada, tem grande influência no relacionamento humano e se faz necessária a todo o momento, quando nos relacionamos com os outros. Sempre é necessário comunicar e, ainda que exista, ou não, um 'instinto interno' ou uma tendência ao agrupamento, o fato é que a comunicação é um grande instrumento e um grande estímulo à reunião das pessoas.

De fato, a lógica comunicacional, ou ainda a interação, particularmente visíveis nos grupos, tem tendência a privilegiar o todo, o aspecto arquitetônico e a complementariedade que deles resulta. É isso que nos permite falar de uma alma coletiva, de uma matriz fundamental que engloba e anima o conjunto da vida quotidiana. (MAFFESOLI, 1998, p. 112).

O fato de partilhar um hábito, uma ideologia, um ideal, determina o estar junto, mas não há uma regra para fazer parte de uma tribo. A escolha é independente e cada um passa a fazer parte de um grupo por questões próprias, sem ter uma norma ou uma razão que expliquem. Outra característica interessante é a confiança estabelecida entre os membros do grupo. Através de rituais, signos e até mesmo um segredo, a tribo tenta se fortificar. O objetivo pode ser fortalecer o pequeno grupo contra o grande grupo ou apenas se sentir acolhido, ter companhia de alguém e valorizar o lado caloroso do apenas estar junto. É a partir dos bandos, clãs e *gangs* que o tribalismo relembra a importância do afeto na vida social e da união na invenção de novas formas culturais.

A tensão das heterogeneidades, umas com as outras, tenderia a assegurar a solidez do conjunto. Os mestres-de-obra da Idade Média sabiam algo a respeito e construíam as catedrais com base nesse princípio. Essa é a ordem da massa. Dessa maneira, modos de vida estranhos uns aos outros podem engendrar, em pontilhado, uma forma de viver em comum. E isso, permanecendo curiosamente fiéis à especificidade de cada um. Foi isso que fez, no instante de sua fundação, a fecundidade dos grandes momentos culturais. (MAFFESOLI, 1998, p.142).

O grande paradoxo das tribos na contemporaneidade consiste no fato de unir apagando a diferença e, ao mesmo tempo, dividir sem deixar de fazer parte do todo. A metáfora utilizada por Mafessoli (1998, p.142), “Podemos imaginar que o cimento de um dado conjunto seja, justamente, constituído por aquilo que divide”, explica bem essa característica contraditória que permeia a coexistência do extremo individualismo e do tribalismo na sociedade atual.

As rupturas dos jovens com os paradigmas ou com a maneira de ser de uma geração também são fortemente influenciadas quando há o surgimento de novas tribos. Um grande exemplo de ruptura foi a dos jovens que inauguravam a tribo hippie. Os participantes do movimento de contracultura iniciado na década de 60, que defendiam o ideal de “paz e amor”, eram chamados hippies. Composto essencialmente por jovens de classe média que negavam a própria classe e criticavam a violência e a guerra, o movimento que começou nos Estados Unidos rapidamente influenciou outras partes do mundo.

O festival de Woodstock, que aconteceu em 1969, representou o ápice da tribo hippie, já que atingiu um público jamais imaginado e ganhou grande espaço na mídia. Independente dos preconceitos enfrentados pelos integrantes do movimento devido ao uso de drogas, inovação musical e crítica constante às atitudes do governo norte-americano – principalmente em relação à guerra do Vietnã –, o fato é que os hippies conseguiram romper com padrões socialmente cristalizados.

Atualmente, ao contrário do que aconteceu na década de 60, os jovens romperam com a politização. A relação social existente na política e afirmada a partir do exercício da

cidadania passou a não fazer mais parte do cotidiano juvenil. Talvez porque atualmente os jovens se tornem eleitores em um momento de fortes conflitos políticos em que se reduz a cidadania a uma questão política, eles abdicam desse direito – ou dever – e preferem se mostrar alheios à situação. Na realidade, eles estão a par de toda a corrupção e problemática existentes na política, mas não se encontram organizados como nas décadas passadas para lutar contra esses problemas.

As mudanças socioculturais afetam de maneira significativa o comportamento dos jovens e, em consequência, das tribos, criando uma nova realidade a ser enfrentada com seus problemas e sucessos. O redimensionamento das características do ‘estar junto’ e a reformulação dos padrões sociais são simultaneamente causa e consequência das rupturas na maneira de se comportar em sociedade.

3 O TEMPLO

Atualmente, a Comunicação e a tecnologia estão mais presentes nas nossas vidas do que em qualquer outro momento da história. E quando ela, além de modificar a percepção das pessoas, passa a também criar imagens públicas capazes de interferir na realidade, torna-se impossível analisar qualquer fenômeno contemporâneo sem levar em conta a mídia.

É por isso que, ao falar das influências do teatro na sociedade ao longo dos tempos, é necessário também situar as modificações de hábitos e costumes gerados pela mídia. Assim, a função do teatro como ferramenta da comunicação fica visível e as modificações também sofridas por esta arte, em consequência da evolução tecnológica, ficam mais nítidas.

O teatro, antes de tudo, pode ser considerado um fenômeno social capaz de refletir as relações do homem com o mundo. Dessa forma, o público torna-se um elemento fundamental das encenações e elas passam a não apenas servir como espelho da sociedade, como também de cada época. A partir desse contexto, a reprodução da história através do teatro torna-se possível.

Ao rever as possíveis origens do teatro, retornamos aos espetáculos ritualísticos e necessitamos compreender melhor a presença do ritual nas sociedades e a transformação no mundo contemporâneo destes ritos tribais em espetáculos. As modificações dos jovens em relação a estes fatores e a interferências de outras culturas também foram analisadas para buscar entender melhor o nosso objeto de estudo.

Não foram deixados de destacar também o fenômeno da cibercultura, a questão do consumo, os conflitos causados pela crise de identidade e gerados quando o desenvolvimento tecnológico supera o desenvolvimento humano. É feita uma relação entre o templo imaginário e a realidade em que vivemos.

O mapa de significados do universo teatral tem origem na relação sócio-cultural do espectador. A dinâmica da cultura realimenta, com novos significados, o jogo teatral, enriquecendo-o, atualizando e readaptando-o às sociedades que, como o homem, transformam-se a cada minuto.

José Luiz Ribeiro

3.1 O TEATRO E A HUMANIDADE

O teatro, “expressão das mais antigas do espírito lúdico da humanidade”, é uma arte cênica peculiar, porque apesar de tomar, quase sempre, como ponto de partida um roteiro, exige uma segunda operação artística, a transformação do texto em espetáculo cênico e sua mutação direta a partir da reação da platéia.

Por maior que seja a interdependência entre texto dramático e o espetáculo, juntos, ator, cena, sonoplastia, iluminação, cenário e figurino criam uma linguagem específica e uma arte essencialmente distinta da criação literária. A representação é flutuante, cada espetáculo é único e não sobrevive à representação; já os textos permanecem no tempo e, a cada nova montagem, um novo sentido é dado ao texto original. Dessa forma, o teatro vive uma característica cíclica e transitável.

Durante o espetáculo, o texto dramático se realiza mediante a metamorfose do ator em personagem. A dramaturgia é única por isso, ela é feita visando a representação e, por conseqüência, afeta de alguma forma o público. Assim, podemos considerar o teatro, antes de tudo, como um fenômeno social.

Não existe teatro em sentido absoluto, com normas e regras permanentes. Ele é uma arte mutante, que acompanha a sociedade e suas mudanças, é reflexo da humanidade e uma resposta às suas angústias e inquietações. É uma arte tribal, não é feita individualmente, já que até mesmo um monólogo precisa do espectador que lhe dê amparo. As pessoas que vivem o teatro participam de um grupo – profissional ou amador – e junto com esse grupo descobrem uma nova maneira de ser.

Muitos atores convivem mais com seus colegas de grupo do que com seus familiares ou amigos. A convivência é intensa, principalmente na época mais próxima e durante a apresentação de um espetáculo. Tantas coisas são vividas em conjunto, tantas

experiências adquiridas e problemas compartilhados, que o grupo começa a adquirir hábitos comuns, uma maneira semelhante de agir e se expressar, gostos parecidos, e um começa a influenciar o outro sem que se perca a individualidade própria de cada integrante. É o resultado do tribalismo semeado no teatro.

Cada ator, ao longo de sua vida profissional, constrói sua própria técnica, que lhe fornece os instrumentos necessários à concretização de seu ofício. Da mesma forma, os grupos de teatro, sendo um conjunto de individualidades, possuem sua própria cultura, suas metodologias de trabalho, seus temas principais, etc, e que são resultado do encontro - diálogo entre seus diversos membros. (PUCETTI, 2007).

A interação do ator com o público é outra questão importante ao tentar compreender a relação do teatro com a humanidade. O choque dos olhares, a respiração, o suor, as palmas ou vaias, o enfrentamento entre ator e platéia, a resposta ao que é encenado, compõem a troca presente na relação entre realidade do cotidiano e ficção da representação. O diretor polonês Jerzy Grotowski considerava que determinados tipos de palco prejudicavam a interação entre público e espetáculo, pois o isolamento no palco italiano, por exemplo, podia causar afastamento físico do espectador e constituir um obstáculo que deve ser eliminado. Mas sem levar em conta métodos e tipos de palcos, o fato é que o teatro necessita dessa troca.

Segundo José Luiz Ribeiro (1993, p.1), assim “Como os operários anônimos, o público sempre foi elemento indispensável à realização do espetáculo teatral. Sua presença corresponde à metade que, somada ao espetáculo preparado previamente, integraliza o fenômeno teatral”.

É a partir da encenação que os atores e a equipe de produção da peça conseguem compreender o resultado do que representaram. Assim como cada espetáculo é único, cada público reage de uma maneira à montagem. E é a partir dessa constante experiência com a platéia que os atores criam uma relação de aprendizado e maturidade, e que o espectador vivencia junto a representação. Para Ribeiro (1993), é impossível existir teatro sem público,

pois ele não é variante, mas sim a certeza de uma integração espetacular, já que sua ausência resulta na inexistência do fazer teatral.

O teatro pode ser considerado como espelho do homem e do mundo, já que, através dele, percebemos a relação do homem com ele mesmo, com os outros, e com o mundo. A crença no teatro como reflexo da sociedade pode ser comprovada atualmente por pesquisadores de qualquer vertente, pois o teatro, além de refletir a sociedade, também é reflexo de cada tempo.

Ao compreender que o teatro é o espelho de cada época, por representar o tempo em que se vive ou algum outro, mas utilizando os materiais e técnicas do momento em que o espetáculo está sendo produzido, podemos entender melhor como funcionou a sociedade em cada período e região onde o teatro se fundamentou ou trouxe inovações.

É comum ouvirmos que o teatro ocidental tem origem na Grécia. Sem uma data correta ou um momento preciso, o teatro grego tem suas raízes em rituais, como o culto de Dionísio (ou Dioniso). O teatro grego tornou-se muito conhecido pela tragédia, devido às inúmeras traduções, que até hoje são freqüentes nas representações modernas. Ésquilo, Sófocles e Eurípedes são os principais autores trágicos da época. Já o aristocrata e conservador Aristófanes, com sua crítica à política, foi o criador da comédia antiga. Menandro, que apresentou uma linguagem mais próxima do cotidiano, foi o responsável pela ‘comédia nova’, menos mitológica e também menos politizada.

Dessa forma, o teatro grego reproduzia, através da tragédia ou da comédia, os hábitos e a maneira de viver da sociedade grega. A partir do momento em que passou a haver uma aproximação maior com o público, por causa do reconhecimento e da identificação do espectador, o teatro grego começou a se expandir, diminuindo fronteiras e conquistando outros públicos. Esse processo torna-se comum em qualquer lugar onde se faz teatro e se

estende até os dias de hoje, já que com as modificações da sociedade a arte também se modifica.

Na civilização latina, contrariamente ao que aconteceu na Grécia, as origens do teatro não estão ligadas às manifestações religiosas, mas à paródia. A evolução se processa mais ou menos num sentido literário, no qual o elemento imitativo toma, às vezes, uma significação determinante de uma série de motivos, ora etruscos, ora helenísticos, inserindo-se nestes certos aspectos particulares da sociedade romana. Em Roma a primeira forma teatral é de natureza cômica e não trágica. (REVERBEL, 1987, p. 16).

A comédia romana antiga foi de forte originalidade. Plauto demonstrou-se um grande farsista com força cômica e ao mesmo tempo lirismo, enquanto Terêncio, com menos comicidade, deu preferência à representação das classes baixas e suas formas de diversão, de maneira crítica à sociedade romana. A tragédia romana representou um fenômeno singular e isolado. As tragédias do filósofo Sêneca contêm as mesmas características gregas, no entanto, não obtiveram o mesmo sucesso.

Entre o século X e o início do século XV, a igreja teve grande papel e influenciou de maneira marcante o teatro da época. A princípio, são encenados dramas litúrgicos em latim, escritos e representados por membros do clero, os fiéis participavam como figurantes e, mais tarde, como atores, e misturavam ao latim a língua falada no país. O interior das igrejas é usado inicialmente como teatro. A partir dos dramas religiosos, formam-se grupos populares, que passam a se apresentar na rua – geralmente na praça em frente à igreja. Os temas ainda são religiosos, mas o texto passou a ter linguagem mais acessível e a incluir situações do cotidiano.

Os mistérios e milagres foram os principais gêneros teatrais da Idade Média. Em 1548, já na idade moderna, a proibição dos mistérios pela Igreja tenta pôr fim à mistura abusiva do litúrgico e do profano. A medida acaba por consolidar o teatro popular. Os grupos se profissionalizam e dois gêneros se fixam: as comédias bufas, chamadas de *soties* (tolices), com intenções políticas ou sociais, e a farsa, que satiriza o cotidiano.

O Renascimento na História do Teatro é considerado um período de transição entre a Idade Média e a Idade Moderna. Nessa época, surgiram os atores domésticos, ou seja, atores contratados pelas grandes famílias senhoriais e que passaram a substituir os menestréis. Com a decadência dessas famílias, com o fortalecimento do poder real e a centralização da vida cultural nos ambientes palacianos das grandes cidades européias, teve início a formação das grandes companhias regulares de teatro.

No momento de plena efervescência cultural vivida em todo o mundo, devido às novas tendências do Renascimento, que propunham o rompimento dos mais diversos paradigmas e em contrapartida valorizava o retorno à antigüidade clássica, a dramaturgia acompanhava esse processo, e em cada região desenvolviam-se novas formas de se fazer teatro.

Na Itália, foi criado um novo tipo de representação, com predomínio de gestos expressivos e pouco diálogo. Este ‘novo teatro italiano’ recebeu o nome de *Commedia Dell’Arte*. As companhias de teatro passaram a ser itinerantes, e o texto foi aos poucos desaparecendo, surgiam os roteiros (chamados de *canevas*) que serviam de esboço para o espetáculo, mas permitiam a livre interpretação e criação de falas e ações. As histórias são sempre misturas de drama com farsa popular, entremeadas por divertidas peripécias dos personagens.

A presença dos personagens característicos, ou seja, de personagens fixos que tinham sempre as mesmas características ou personalidade, mudando apenas as situações, é uma particularidade marcante desse gênero teatral. A partir do século XVII, quando a *Commedia Dell’Arte* atingiu sua fase de glória se expandindo por toda a Europa, os truques mecânicos, as novidades cenográficas e a abertura dos textos de características da fábula e da mitologia incorporaram-se a esta forma teatral, que é um dos grandes legados deixado ao teatro moderno.

Outras formas teatrais, que também fazem parte do teatro renascentista, mas compreendem a arte barroca que cresceu na Europa a partir da segunda metade do século XVI, se desenvolveram devido à contra-reforma católica, às conquistas na América e às modificações em todas as artes. Os artistas barrocos valorizavam mais o movimento, a metamorfose e o obscuro, privilegiando a sensibilidade em detrimento da razão. Na França, a estética barroca chocou-se com as resistências clássicas. Pierre Corneille, apesar de ter suas peças enquadradas no classicismo, elaborou comédias tipicamente barrocas. Já na Espanha, o teatro barroco teve origem na tradição medieval. Lope de Vega, com suas epopéias, histórias nacionais e lendas, foi o grande representante do teatro espanhol da época. (REVERBEL, 1987).

Na Inglaterra, no chamado teatro elizabetano, o grande dramaturgo da época foi Shakespeare, com seus dramas que mesclavam tragédia e um pouco de comédia, que traçava os destinos humanos ao se inspirar nas lendas populares. A história da Inglaterra foi a fonte de inspiração não só para ele como para outros autores, como Christopher Marlowe e Ben Jonson. O teatro da época conquistou a população inglesa e chegou a ser indispensável à vida das comunidades, principalmente em Londres. As próprias palavras do personagem Hamlet caracterizam o teatro elizabetano como “[...] espelho e crônica abreviada da época”. (REVERBEL, 1987, p. 38-39).

No século XVII desenvolve-se na França intensa atividade teatral, no entanto, o teatro clássico francês é diferente dos teatros clássicos espanhol e inglês, por não ter caráter popular. Há, nas origens, influências espanholas e da *Commedia Dell'Arte* italiana, mas é menos popular e mais rebuscado, o que é justificado pela característica mais sofisticada do seu público. Com enredo reduzido ao essencial, e expressão verbal disciplinada pelas *bienséances*, é uma primeira forma de teatro moderno.

O teatro clássico francês valoriza o mínimo de ação exterior dando prioridade à psicologia dramática. Corneille, por exemplo, modifica enredos que tomou emprestado de autores espanhóis enriquecendo-os com a religiosidade dos jesuítas e com a política maquiavelista. Tanto suas peças como as de Jean Racine e as de Molière destacam-se pela valorização literária e pelo alcance das temáticas. A dramaturgia é baseada na realidade e escrita em versos de métrica rigorosa, passando a ser a diversão preferida da corte e da aristocracia. No entanto, o teatro clássico não sobreviveu à Revolução Francesa.

Em 1827, no prefácio de seu drama histórico **Cromwell**, Victor Hugo lança um manifesto pela liberdade do teatro. Paradoxalmente, o romantismo teatral que se desenvolve na Alemanha, em reação, firma-se após a encenação de **Hernani**, também de Victor Hugo. Durante a temporada da peça, a nobreza vaiou sem tréguas o espetáculo. Como defensores da obra estão os “jovens bárbaros shakesperianos”; a confusão do período foi tanta que muitas vezes os atores não conseguiam representar. O que está em jogo são duas escolas literárias: o classicismo e o romantismo, saindo este último fortalecido da batalha. (GALVÃO, 2007).

O movimento romântico, essencialmente burguês, revolucionou todas as artes na primeira metade do século XIX e rompeu definitivamente com o classicismo. No teatro romântico, o verso não é mais obrigatório e se caracteriza por situações, sentimentos, grandes feitos romanescos, adultérios e dilemas morais. Já na segunda metade do século, surge no romantismo a concepção do ator personalista, isto é, o ator que representa a força dramática do espetáculo teatral. Assim, os espetáculos começaram a correr o mundo, tendo como grande objeto de marketing a fama de grandes estrelas, como Sarah Bernhardt, na França, Eleonora Duse, na Itália, e o ator romântico João Caetano, no Brasil.

O movimento do naturalismo desenvolveu-se nas últimas décadas do século XIX, baseado em Darwin e nos filósofos positivistas. As idéias naturalistas e, em consequência, o

teatro, também se expandiram por toda a Europa e influenciaram obras de Hauptmann, Tolstói e Gorki. Mas o teatro naturalista evoluiu espontaneamente para o realista.

O teatro realista francês teve início após a encenação de **A Dama das Camélias** (1852), de Alexandre Dumas Filho. O drama crítico realista exigia um novo estilo de interpretação, uma cenografia nova, e dominou os palcos da Europa. Problemas sociais, relação entre capital e trabalho e situações do cotidiano eram representados de uma maneira cada vez mais próxima da realidade. Nicolai Gogol, na Rússia, Oscar Wilde, na Inglaterra, e Henrik Ibsen, na Noruega, são os grandes nomes do realismo, além de Dumas, na França, é claro.

O que surgira nos teatros europeus sob o signo do realismo e do historicismo viveu seu último grande ressurgimento com o estilo dos Meininger [companhia de teatro fundada pelo duque de Meininger], cujos espetáculos percorreram toda a Europa, chegando até a América. Cada representação dos Meininger era criada em longos ensaios, sendo cuidados os mínimos detalhes cenográficos. Tudo, cenários, trajes, interpretação, devia ser preciso e “verdadeiro”. (REVERBEL, 1987, p. 16).

Ibsen foi o autor mais representado na Europa no fim do século XIX. No Brasil, o maior defensor do realismo foi Machado de Assis, que, escrevendo num jornal de grande circulação do Rio de Janeiro, lançou **Idéias Sobre Teatro**, em que criticava abertamente o Romantismo e referia-se ao Realismo com grande admiração. Outros representantes realistas foram José de Alencar, Joaquim Manuel de Macedo e Pinheiro Guimarães.

A crítica é uma marca das obras realistas brasileiras, que abordam os temas de maneira sempre objetiva, buscando ao máximo elucidar o público. O Realismo, dentro de seu contexto histórico, rebateu as conotações românticas, que propunham a supervalorização do herói, do índio e do homem mitológico, além de refutar o teocentrismo barroco, que propunha um culto cego em relação à religiosidade.

O teatro realista é dividido em: realismo fotográfico, que valoriza a grande aproximação com o real; realismo social, muito presente na Rússia e que adotou como

temática a luta de classes; e o realismo psicológico, que tem como principal característica a representação da alma humana.

A partir do século XX, com o advento da Revolução Industrial e as novidades implementadas com o surgimento do rádio e, posteriormente, da televisão, o teatro passou a ter linguagens específicas. A denúncia crítico-social da ordem existente culminou na revolução. A partir daí, teatro proletário e social do pós Primeira Guerra foi muito caracterizado. O diretor retorna como centro da encenação e da crítica, e a interpretação foi aperfeiçoada.

Do expressionismo alemão, passando pelo futurismo italiano e pelo construtivismo russo, o teatro começou a desenvolver características peculiares e independentes em cada região. O desejo de tornar o teatro tão popular quanto na antiguidade fez o espetáculo desenvolver as questões sociais e políticas do momento.

Já na recém firmada república da Espanha, Federico García Lorca cria uma companhia ambulante com intuito de levar o teatro até a população rural. Lorca acreditava que o teatro era útil e fundamental para a educação de um país, prova disso é sua célebre frase, “Mede-se a cultura de um povo pelo seu teatro”.

O teatro contemporâneo tem essa característica social muito presente, mas também é capaz de sobrepor vários estilos teatrais como naturalismo, simbolismo, expressionismo, teatro experimental e do absurdo. O teatro oriental, tantas vezes deixado de lado e até mesmo ignorado pelos ocidentais, ganha um pouco mais de espaço e divulgação com o fenômeno do multiculturalismo e da globalização.

Há vertentes teatrais que foram muito influenciadas pelo teatro de emoção oriental, característicos do *Kathakali*, como o teatro épico de Brecht, o experimental de Grotowski, e também o teatro do absurdo, que valoriza mais o racionalismo. Já o teatro balinês influenciou o teatro surrealista e o da crueldade, de Antonin Artaud.

O *kathakali* é o estilo masculino de dança-teatro mais popular da Índia. Essa antiga arte trabalha com a profundidade dos gestos, adquiridos por treinamentos intensos, e busca atingir a mais pura expressão dos sentimentos, indo além das barreiras da oralidade. Os atores levam, em média, três horas para se maquiar, duas para se vestir, e a apresentação geralmente dura uma noite inteira. Desde o primeiro espetáculo, as apresentações do teatro *kathakali* são codificadas.

Por acreditar que o palco é um lugar escolhido por deuses para a eterna disputa entre as forças do bem e do mal, o *Kathakali* é cheio de crenças e significados religiosos. Este estilo cênico começou a crescer depois da independência da Índia. A partir de então, foi criada uma escola de artes, a *Kerala Kalamandalam Government School*, que possui cursos profissionalizantes de maquiagem, confecção de figurinos e rituais de *Kerala* - estado da Índia que dá nome à escola. (CASTRO, 2007).

O teatro balinês, típico da região de Bali, instaurou um sistema de códigos corporais. Nele, existe um mediador da relação teatral e a exigência de uma representação sacralizada, os temas são provenientes das junções primitivas da natureza e há aproximação com o rito religioso. Essa forma de teatro influenciou o “teatro da crueldade” de Artaud. Ele critica o teatro europeu e o caráter de divertimento relacionado à dramaturgia, criando um teatro de silêncio e simbologia, inspirado nos espetáculos místicos de Bali.

A biomecânica e a valorização de um teatro preocupado com a expressão corporal representam um grande legado deixado pelos orientais. E o que realmente caracteriza o teatro a partir do século XX é a mistura de características e o intercâmbio cultural. Não há mais uma forma, estilo, ou gênero bem definidos. Os grupos têm mais liberdade para a escolha de seus repertórios e, geralmente, não ficam presos a um só tipo de espetáculo.

Com Bertold Brecht, as idéias são valorizadas pela inspiração poética e a sua obra épica leva à reflexão e à crítica sobre situações e comportamentos. O caráter didático-político

de suas obras e sua aproximação com o marxismo caracterizam o que foi chamado de teatro dialético. O compromisso com a transformação da realidade social de seu tempo foi a alma do teatro de Brecht e também a razão de sua atividade poética. Ele foi um artista que procurou refletir na sua obra as causas das dificuldades da vida e da intolerância dos homens. O intuito era que as pessoas conseguissem refletir sobre sua condição. Por isso, no teatro brechtiano, o espectador deve distanciar-se do espetáculo para melhor compreendê-lo. A técnica do distanciamento entre ator e personagem proposta por Brecht foi uma das principais inovações da interpretação.

A destruição de valores e crenças durante os regimes totalitaristas e após a Segunda Guerra Mundial incentivou o surgimento de um teatro anti-realista, ilógico, que encara a linguagem como obstáculo entre os homens. Esse fenômeno intitulado como teatro do absurdo tem como principais expoentes o irlandês Samuel Beckett, o romeno Eugène Ionesco, o espanhol Fernando Arrabal e o inglês Harold Pinter.

Em relação ao teatro experimental, Jerzy Grotowski é um dos destaques. Seu trabalho como diretor, professor e teórico de teatro tem grande impacto a partir da década de 60. Grotowski propõe a criação de um "teatro pobre", sem elementos cênicos e que é baseado apenas na relação ator-espectador.

O teatro é uma arte híbrida e vem acumulando durante milênios uma sabedoria cultural baseada na expressividade humana e “Ele jamais se repete diante da variabilidade de possibilidades do ser humano”. (RIBEIRO, 1993, p. 17). Ainda assim, todas as artes, e em especial o teatro, tiveram ao longo dos anos as suas dinâmicas próprias de relação conflituosa entre tradição e modernidade. Movimentos cíclicos de ruptura do pensamento artístico aconteceram, mas novos conceitos adaptados aos tempos que mudam jamais deixaram de ser elaborados.

No início do século XX, quando a disciplina antropológica ganhava forma e um olhar mais atento sobre os diferentes povos e culturas, um fenômeno social bastante peculiar passou a ser descrito e analisado com grande curiosidade: os rituais de iniciação que os jovens, em especial das sociedades indígenas, tinham de vivenciar antes de ingressar na vida adulta.

Alessandra El Far

3.2 RITO E TRANSFORMAÇÃO

O ritual é a maneira que vivenciamos um mito, é uma cerimônia com caráter simbólico, na qual os homens encontram a possibilidade de dramatizá-lo ou recordá-lo. A origem do espetáculo nas sociedades míticas encontra-se na realização de rituais mágico-religiosos, com a necessidade humana de jogo e de ser outro.

Na sociedade atual, espetacular, como é caracterizada por Morin (1997), há dessacralização do homem e do mundo, os elementos rituais são transformados em espetáculos e a ciência passa a ser o grande paradigma; no entanto, o rito não deixou de ser um elemento de transformação e, juntamente com o mito, ainda sobrevive, só que é dissimulado ou camuflado.

As formas expressivas se alteraram por causa da globalização, os ritos tribais transformaram-se em manifestações contemporâneas através do modismo, das práticas estéticas de modificação da aparência, do corpo ou do estilo.

Vivemos um tempo de fraturas e heterogeneidade, de segmentações dentro de cada nação e de comunicações fluídas com as ordens transnacionais da informação, da moda e do saber. Em meio a esta heterogeneidade encontramos códigos que nos unificam, ou que ao menos permitem que nos entendamos. Mas esses códigos compartilhados são cada vez menos da etnia, da classe ou da nação em que nascemos. (CANCLINI, 1995, p.61).

Os rompimentos culturais vividos por cada nação devido à globalização também geram uma cultura transnacional, que é influenciada e influencia outras culturas. Há um retorno às características arcaicas e a implementação delas nas culturas contemporâneas, uma mistura de estilos e épocas que fomenta principalmente na juventude a necessidade de algumas provas. O uso do piercing, da tatuagem, da tintura de cabelo são provas corporais que os jovens utilizam para se identificarem uns com os outros, para criarem uma identidade própria e, ao mesmo tempo, para relacionar características arcaicas com os seus conceitos contemporâneos.

Assim como algumas tribos indígenas arrancam o cabelo das moças quando elas menstruam pela primeira vez ou colocam as mãos dos meninos dentro de um utensílio com formigas, como prova de maturidade e ritual de passagem para a fase adulta; a igreja católica realiza o batismo como rito de transformação de uma vida sem influências do catolicismo para uma vida sagrada e regida pelo cristianismo; e os jovens atuais realizam seus próprios ritos para se iniciarem numa tribo, quando modificam sua maneira de agir e enxergar o mundo ou quando desejam reforçar sua identidade.

Independentemente da análise temporal-espacial de uma sociedade observa-se a repetição da demarcação de momentos de passagem ou transformação na vida do sujeito como algo necessário de ser significado de forma simbólica. Estas passagens quase invariavelmente são acompanhadas de um ritual cerimonioso, ou ao menos por uma pequena celebração, sendo que o essencial parece ser o reconhecimento desta mudança de uma situação para outra. Pressupõe-se, portanto, uma estrutura básica fundamental dos ritos de passagem, que consiste na separação de uma condição anterior e a agregação à nova situação. Este novo "status" adquirido pelo iniciado, torna a questão do significado coletivo fundamental. Na verdade, o mito precede ao rito. Com base na imaginação de cada indivíduo os aspectos coletivos do mito se constelam na individualidade de cada um. (CARVALHO, 2007).

Os góticos se vestem de preto e usam maquiagens escuras, os adoradores de Bob Marley usam indumentárias rastafari e muitos deles utilizam a maconha pela primeira vez como um rito de iniciação ao entrarem no círculo de pessoas que admiram o cantor. Outras tribos têm formas diferentes para realizar seus rituais de iniciação e determinar as transformações que seus integrantes terão que sofrer para permanecer no grupo. Cada clã com seus ideais e anseios, assim como cada um de nós com nossas vontades e necessidade de afirmação e aceitação na sociedade, vivemos rituais diferenciados e nos transformamos a cada dia. Influenciamos e somos influenciados a todo o momento por aquilo que está ao nosso redor e, atualmente, cada vez mais, o multiculturalismo e a presença da globalização tornam essas influências recíprocas mais enriquecidas.

Pode-se perceber uma influência oriental naqueles que inserem algum ornamento no corpo (argolas, pinturas, tatuagens) com propósito ideológico, de chocar os outros, de criar

a própria identidade ou de se integrar no grupo. E essa percepção nos leva a crer que cada vez mais a interferência de outras culturas gera transformações e o surgimento de novos ritos, de fato menos sacralizados, mas com uma profusão de caráter espetacular.

A festa *rave* é um exemplo de espetacularização das tribos. Enquanto os hippies, os punks e os góticos têm, ou tinham, uma maneira própria de se vestir e de se comportar cotidianamente, agora os jovens ‘psicodélicos’ que curtem as músicas eletrônicas e o estilo frenético só se comportam como pertencentes a uma mesma tribo quando estão no momento da festa. No dia-a-dia é impossível identificar um freqüentador de *rave*, pois ele não tem uma maneira especial de se vestir e não faz parte de um grupo fechado que ouve um único tipo de música, por exemplo. A *rave* é fruto da cibercultura e a relação entre os freqüentadores é efêmera.

A duração desse tipo de evento geralmente é de 12 ou 24 horas, acontece em locais ao ar livre, a música tocada é exclusivamente eletrônica e as drogas sintéticas, como o *ecstasy*, são as mais consumidas. A maioria das pessoas vai a uma *rave* como a outra festa qualquer, apesar dos freqüentadores assíduos afirmarem que este é um novo estilo de diversão e representa uma nova maneira de ser, de apreciar a música e de se relacionar com os outros. O fato é que esse novo tipo de diversão reflete bem a sociedade em que vivemos.

A música sempre acompanhou o momento presente, sendo um veículo de manifestação de massa expressivo e potente. O *rock and roll* nos anos sessenta, o psicodelismo nos 70, o *new age* e o *hip hop* nos 80 e o *grunge* nos 90 representaram em seu tempo o que a música eletrônica é hoje, um eco ressonando os desejos coletivos. Uma válvula de escape para os problemas cotidianos. Uma imagem da complexidade dos arranjos sociais. (ABDALA, 2007).

Mas não foram só as *raves* que ganharam força das novas tecnologias. O fenômeno eletrônico está interligado com a rotina da vida digital e, dessa forma, um evento voltado para o público jovem dificilmente não será afetado pela digitalização, virtualidade e imediatismo presentes na sociedade.

O rito do consumo, tão valorizado atualmente, também merece ser destacado. O ideal de beleza, felicidade, amor e espírito de liberdade adquirido junto com os bens de consumo é responsável por mover o pensamento de que sempre é preciso ter mais. Você compra um celular, mas em pouco tempo precisa de outro porque o antigo já está ultrapassado. As roupas e acessórios indumentários ganharam caráter quase que descartável, com a mudança de estação, todas as cores que eram usadas até o momento tornam-se bregas e, de uma hora para outra, o tamanho das bolsas, o salto dos sapatos e o comprimento das roupas são alterados.

O consumismo exacerbado trouxe à tona um caráter efêmero. Agora, tudo é passageiro, o velho é a todo o momento deixado de lado, descartado, enquanto o novo, o jovial, é supervalorizado. Essa característica explica também o porquê de a sociedade negar a velhice e desejar rejuvenescer a todo custo. A juventude recebe o peso de uma carga que é difícil suportar, pois, na época de conflitos e coragem em que surge a necessidade de autoafirmação, ela é extremamente criticada e ao mesmo tempo invejada.

O emprego desses valores, como agilidade, beleza e liberdade, são extremamente utilizados nas campanhas publicitárias para conotar as principais características joviais e afirmar o ideal consumista que agora está arraigado em nós. A publicidade se baseia nos instintos primitivos para aguçar o desejo de possuir e sentir-se melhor, mais potente, mais realizado e, é claro, mais jovem.

Um grande problema dos rituais modernos é o retorno à barbárie. O que muitas vezes assistimos com as torcidas organizadas de futebol e com os jovens que participam de ‘rachas’, por exemplo, é um retorno à agressividade primitiva. A admiração de atos de violência ou a incoseqüência dos atos representam fatores preocupantes da juventude atual. A transformação vivida pelo jovem tem muitos fatores positivos, mas a agressividade e o culto à violência são dificuldades a serem superadas.

Quando um torcedor vai até um estádio para assistir a um jogo de futebol, imagina-se que o desejo é torcer pelo time, se divertir e até atingir a catarse. Mas quando ocorre um ato de violência generalizada ou quando os torcedores passam a ir aos estádios com intuito de brigar ou provocar a torcida contrária é sinal que alguma coisa mudou. E essa mudança está presente em toda a nossa sociedade. A barbaridade nada mais é do que o reflexo da falta de princípios humanísticos e da desvalorização da educação por parte de um povo extremamente consumista, agressivo e imediatista.

O mais torpe e o mais sublime da natureza humana coexistem dentro de cada um de nós. Os sentimentos mais primários (ódio, inveja) convivem com os mais elevados (solidariedade, lealdade, compaixão). O que determina o caminho que essas potencialidades vão tomar são as possibilidades de transformação dos impulsos primários e a existência de canais adequados para dar vazão a eles. Cabe à família e à escola ajudar a criança a transformar os impulsos em comportamentos aceitáveis. E cabe à sociedade oferecer canais que direcionem esse fluxo a objetivos elevados. Essas variáveis combinam-se para que venha à tona o melhor ou o pior de cada um de nós. (ARATANGY, 2007, p.134).

A modificação deve acontecer também no sentido de transformar as pessoas em seres mais atentos, menos apressados e egoístas. Atualmente, as crianças das classes mais pobres convivem muito próximas da violência, rotineiramente acompanham alguém ser agredido, atingido por uma bala perdida, que sofre sem atendimento na fila de um hospital ou tornando-se vítima do tráfico de drogas. Por outro lado, as de classe média ou alta vivem em condomínios fechados ou em apartamentos com grade, prédios com alarme, câmeras e porteiro. Desde pequenas aprendem o significado da reclusão, do que aparenta ser seguro e o que é desconfiar de todos que são diferentes. Esses fatores os levam a um isolamento capaz de nutrir a intolerância e o egoísmo e de dificultar os atos de solidariedade.

Pensamos em demasia e sentimos bem pouco. Mais do que máquinas, precisamos de humanidade; mais do que inteligência, precisamos de afeição e doçura. Sem essas virtudes, a vida será de violência e tudo estará perdido.

Charles Chaplin

3.3 CONFLITOS MIDIÁTICOS

A mídia é responsável por grandes facilidades e também pela modernização de alguns costumes, mas concomitantemente, é causadora de alguns conflitos. O aumento da exclusão, a midiaticização das culturas e o fomento à simultaneidade a todo custo são exemplos. Com o surgimento de novos meios de comunicação, a sociedade passa por um processo de adaptação e de aceitação ou não do novo meio. Alguns caem em desuso rapidamente, outros passam a fazer parte do cotidiano e criam extrema dependência.

Muitos se perguntam como era possível viver sem o telefone, o rádio ou a televisão. Os mais jovens não compreendem como as pessoas se comunicavam sem o celular e a internet. A tecnologia avança com o passar dos anos e traz novas formas instrumentais para facilitar o trabalho, encurtar distâncias e agilizar os processos. A mídia está tão presente em nosso cotidiano que reflete na nossa relação com o outro e molda de maneira significativa alguns novos hábitos. Os meios de comunicação assumem papel importante na transmissão de informações e na mediação das nossas relações.

A contradição entre a evolução tecnológica e os problemas sociais e éticos é um fator que gera muitos conflitos quando o desenvolvimento da tecnologia supera o desenvolvimento humano. O que é buscado para diminuir essa lacuna é utilizar da tecnologia e da mídia para promover desenvolvimento social e, conseqüentemente, humano. No entanto, a desigualdade nas formas de recepção ainda é grande no sentido de que quem possui melhor condição financeira continua tendo acesso mais amplo às informações.

Enquanto para as classes baixas o poder de escolha sobre o que é oferecido para assistir continua sendo menor e a capacidade de adquirir novas tecnologias é mais restrita, um outro fator foi alcançado. Houve uma equalização em relação à aquisição de novos bens, já que o consumismo não afetou apenas os mais ricos. O impacto também é sentido nas camadas

populares, que também querem ter e, se não podem comprar determinada marca, compram a semelhante, se não é possível ter o original, o genérico torna-se a solução. Hoje, a classe social não difere tanto as roupas das pessoas e o consumo de determinados produtos. O celular é um exemplo. Apesar de, inicialmente, ser restrito aos que tinham maior poder aquisitivo, agora estão em todos os estratos sociais.

Ao mesmo tempo em que o processo de modernização tecnológica da indústria e dos serviços exige mão-de-obra mais qualificada, cresce a evasão escolar, limitando-se o acesso dos setores médios (e, obviamente, das maiorias populares) à informação mais nova. O conhecimento dos dados e dos instrumentos que habilitam ao trabalho autônomo ou criativo se reduz aos que podem assinar serviços de informática e redes exclusivas de televisão (antena parabólica, TV a cabo, estações transmissoras de canais metropolitanos). Para o resto das pessoas, se oferece um modelo de comunicação de massa, concentrado em grandes monopólios. (CANCLINI, 1995, p.64).

De acordo com dados da Unesco (2006), o mercado de mídia brasileiro é dividido em três segmentos privados e possui 138 empresas que controlam 668 veículos de comunicação (entre estações de rádio, televisão e jornais). Uma única rede é responsável por 53% do mercado e possui 54% da audiência televisiva. Essa alta concentração é um desafio ao pluralismo e um problema quanto à democratização dos veículos.

Em 2001, uma pesquisa da Unesco registrou que aproximadamente 88% das residências brasileiras tinham televisão, sendo que a maioria usufruía da TV aberta, o que faz desta, ainda no século XXI, a maior fonte de informação do país. Já na mesma época, o número de usuários da internet aumentou consideravelmente, mas 55% dos brasileiros com mais de 10 anos continuam sem ter contato com o computador e 68% com a internet. A realidade brasileira é de uma internet ainda limitada aos estratos sociais mais altos.

Dessa maneira, a exclusão digital tornou-se um fator que assombra as classes menos favorecidas. Enquanto a maioria das famílias pobres hoje tem um aparelho de rádio, de televisão e uma antena parabólica, os computadores e a internet ainda estão restritos aos que possuem maior poder aquisitivo. Mas essa exclusão não se limita apenas à posse de um

computador; a falta de entendimento de como se utiliza os programas, de como se acessa a internet e das possibilidades que são geradas com a utilização do computador é o problema maior. Apesar de muita gente ter acesso a um computador e à internet nas universidades ou nas *lan houses*, a dificuldade de compreensão dos programas e acessórios, bem como da utilidade da *web* representam uma barreira cada vez mais freqüente.

A pesquisa realizada com 47 jovens do ensino público de Juiz de Fora (ver gráfico 3 do APÊNDICE A) revelou que apenas um entrevistado não utiliza computador e internet. Dos que fazem uso, 43% acessam a internet em casa e 57% em outros locais, como em *lan houses* ou no trabalho, ninguém citou a escola. Apesar de ser nítido o grande acesso da sociedade à tecnologia da informática, fica claro que a maioria ainda não tem possibilidade de ter um computador com acesso à internet em casa. É preciso pagar para utilizar nas *lan houses* ou usar de forma restrita em outros ambientes, como por exemplo, no trabalho.

O dado mais surpreendente da pesquisa é que nenhum estudante declarou usar computador ou internet nos colégios. O que significa um grande problema atual, pois as escolas, no caso as públicas, não estão adaptadas para as novas tendências e geralmente não usam a tecnologia para promover o desenvolvimento social. Enquanto o computador e também a internet deveriam estar sendo utilizados como forma de auxiliar no aprendizado e na interdisciplinaridade, percebemos que eles não fazem parte da educação da maioria dos brasileiros.

Podemos verificar que as universidades, tanto privadas quanto públicas, estão mais adaptadas tecnologicamente, já que na maioria há infocentros e os alunos têm a possibilidade de acessar a internet. Apesar de muitas vezes não ser ainda o ideal, principalmente nas universidades públicas, onde há poucos equipamentos se comparados com o número de alunos e quase nenhuma preparação para a utilização dos mesmos, é bem melhor do que no ensino fundamental e médio. Se visitarmos as escolas estaduais e municipais,

veremos que a informática está bem distante dos jovens e que eles sequer têm alguma orientação sobre a maneira de utilizar programas básicos e como realizar atividades e trabalhos. Os professores desses colégios raramente têm a oportunidade de fazer cursos de reciclagem e também são ignorantes em muitos aspectos tecnológicos. As escolas particulares não ficam muito distantes, pois apesar de terem infra-estrutura infinitamente melhor, também não fornecem, na maioria das vezes, aulas de informática ou de alguma disciplina em que os alunos podem ter acesso ao computador e à internet. Esses fatores demonstram que, sem orientação preliminar, os jovens acabam por utilizar o computador e a internet quase que exclusivamente como forma de entretenimento e descartam suas possibilidades de auxílio à cultura e à educação, já que quando realizam pesquisas praticamente copiam todo o conteúdo.

Outro desafio midiático é em relação à influência da globalização. Vivemos na sociedade da informação e, com o regime capitalista, nada mais comum do que a informação agregar valor. A notícia vale dinheiro, então, quem tem a informação mais precisa e quem consegue divulgá-la com mais rapidez é mais valorizado. Só que nessa era globalizada, a agilidade muitas vezes supera as condições humanas. Alguns segundos depois que um jogo de futebol termina é possível acompanhar o resultado e o desempenho dos times, por exemplo. Mas a simultaneidade e a exigência da velocidade da informação a qualquer custo têm feito com que muitas vezes a credibilidade fique em segundo plano.

É impossível que uma pessoa realize com o máximo de qualidade um papel que era desempenhado antigamente por uma equipe, ainda mais quando não há tempo hábil para apurar informações com calma, conversar pessoalmente com um entrevistado e ouvir todos os lados envolvidos. A relação entre custo e benefício, tão presente no mercado em geral, chegou aos veículos de comunicação causando redução nas redações jornalísticas. O efeito da globalização gerou melhorias na maneira como as informações são produzidas e divulgadas, se levarmos em conta a tecnologia, mas causou aspectos piores se forem analisadas as

exigências do mercado, da simultaneidade e da quantidade de produto que precisa ser veiculado.

A questão do consumo encontrou pleno espaço na sociedade midiática. A publicidade tem como carro chefe os veículos de comunicação, principalmente o rádio e a TV, e, agora, encontra um espaço alternativo na internet. A publicidade *on line* apresenta o seu diferencial na medida em que não tem limitações de distância e abrangência. Quando um comercial é veiculado na televisão ou na rádio ele terá uma área máxima de cobertura, na rede isso não ocorre, em qualquer lugar do mundo você pode receber um e-mail publicitário ou acessar um site que abrigue a propaganda.

A rede criou uma mundialização dos conteúdos e a abertura dos mercados gerou diminuição dos preços da informação estrangeira. Cresce o número de jornalistas que atuam como correspondentes internacionais e de agências de notícias voltadas para esse mercado internacionalizado. Isso é o resultado da modificação da forma de consumo da sociedade, que foi capaz de afetar a mídia.

Uma peça de roupa, um carro ou um programa de televisão eram mais acessíveis se eram nacionais. O valor simbólico do consumir “o nosso” era sustentado por uma racionalidade econômica. Procurar bens e marcas estrangeiras era um recurso de prestígio e às vezes uma opção por qualidade. (CANCLINI, 1995. p.16).

Atualmente, as multinacionais estão em toda parte, a fusão de pequenas empresas é comum e a compra delas por uma grande firma também. Os produtos que importamos da China ou de Taiwan são bem mais baratos que os nacionais e, na maioria das vezes, a qualidade é pior, as marcas nacionais que hoje podem ser encontradas fora do país são mais variadas e a opção de produtos estrangeiros no mercado brasileiro é bem maior. As grifes multinacionais são frequentes e a terceirização de mão-de-obra é mais comum do que nunca.

Hoje podemos comprar no Brasil um tênis de tecnologia americana que foi produzido na Coreia, também podemos encontrar em vários supermercados do país as mesmas marcas, o que até alguns anos atrás era improvável, e ainda temos a opção de usar um

aparelho de celular igual ao de um japonês ou argentino. A tecnologia afetou não apenas os meios de comunicação, mas o nosso consumo e maneira de viver.

Agora, a grande novidade são as compras realizadas através dos meios de comunicação. Alguns programas de televisão são voltados exclusivamente para este fim, no entanto, a internet é mais utilizada. É possível comprar desde um ingresso para o cinema até um carro através da rede. A hipermídia, que era utilizada de início apenas como um novo instrumento de comunicação e de aproximar distâncias, se encaixou perfeitamente no caráter consumista atual. A tecnologia também foi capaz de ‘substituir’ a moeda, os cartões de crédito, tão comuns, servem como exemplo.

Não foram tanto as revoluções sociais, nem o estudo das culturas populares, nem a sensibilidade excepcional de alguns movimentos alternativos na política e na arte, quanto o crescimento vertiginoso das tecnologias audiovisuais de comunicação, o que tornou patente como vinha mudando desde o século passado o desenvolvimento do público e o exercício da cidadania. Mas estes meios eletrônicos que fizeram irromper as massas populares na esfera pública foram deslocando o desempenho da cidadania em direção às práticas de consumo. (CANCLINI, 1995. p.26).

A valorização da cultura eletrônica em prol das outras formas culturais tem sido um grande conflito da atualidade. De acordo com Canclini (1995, p. 160), a redefinição das identidades nacionais não é realizada apenas a partir dos modelos da televisão ou do cinema, mas por todas as vias da comunicação. “A transmissão por satélite e as novas redes de fibra óptica transformaram a comunicação científica [...], os serviços bancários e interempresariais, e, naturalmente, a distribuição de espetáculos culturais”.

Mídia é uma estrutura de poder. É televisão, internet, fax, cinema, rádio, jornal, tudo isso conjugado. Na sua vida cotidiana, o indivíduo pula de um meio para outro. A vida hoje é regida e organizada por mídia. Logo, a mídia é uma nova forma de vida. Ela organiza hábitos, costumes, percepções, formas de sentir. Evidentemente, esta forma de vida constitui uma esfera emocional que altera hábitos e costumes. Por isso, ela, com um todo, é estruturalmente pedagógica. Não é educativa, é pedagógica. Tem um pedagogismo porque está sempre ensinando alguma coisa. Mas é preciso saber se ela ensina mais pelo que ela diz ou pela forma como o telespectador se coloca. Quer dizer, é o que ela diz ou é a relação afetiva que todo esse sistema tem com o público? Acredito que é mais a relação afetiva. (SODRÉ, 2007).

A opinião de Muniz Sodré reflete bem a amplitude da mídia. Ao transferir especificamente para o universo dos jovens as características citadas por ele, é notório que a vida juvenil também é regida pela mídia. Se considerarmos que essa nova geração nasceu em plena efervescência das novas tecnologias fica ainda mais visível compreender a relação afetiva que existe entre eles e esses meios. Ao analisar a relação do jovem com a mídia atualmente, podemos perceber que alguns fatores são marcantes. A maioria não lê jornal, as revistas mais lidas são as de entretenimento e a televisão é o veículo mais presente. A internet é muito usada também no cotidiano dos de classe média e alta, no entanto, ainda é pouco empregada entre os de classe baixa, que têm acesso restrito a ela.

A representação do jovem nos meios de comunicação é algo um tanto interessante no sentido de que não há um padrão. Cada emissora de televisão e cada programa, especificamente, demonstram os adolescentes de uma maneira. Enquanto na **Malhação**, série da Rede Globo, o estereótipo é do jovem de classe média, que se dedica ao estudo sem precisar trabalhar, no canal Canção Nova ou de outras emissoras com caráter religioso, o perfil é do cidadão preocupado com questões sociais e movido por uma crença, independente da condição financeira.

O que podemos verificar é que, da mesma forma em que a representação dos jovens se difere entre os programas, a recepção também. A sua relação com a utilização da mídia vai ser diferente de acordo com a faixa etária, grau de escolaridade, nível social, perfil familiar e gosto pessoal, dentre outros fatores. É difícil medir qual é o programa de televisão predileto da juventude ou qual site consegue conquistar mais esse público. Podemos contabilizar qual é o programa mais assistido, a rádio mais ouvida e o site mais visitado, mas compreender o real significado de determinada mídia e o resultado de sua recepção para os jovens em geral é impraticável.

Entretanto, não podemos negar que é muito comum a identificação do jovem com modelos midiáticos e com a cultura do instantâneo. A juventude, mais do que as pessoas de outras faixas etárias, está atenta com as novidades tecnológicas e a informação veloz, mas é bombardeada com tantas informações fragmentadas que muitas vezes torna-se incapaz de formar uma opinião crítica própria.

A necessidade que o jovem tem de ser tribal, de se encontrar dentro da sociedade fragmentada, cria uma crise de identidade e uma tensão entre o sentimento de solidão e a vontade de pertencer a um grupo. A juventude, que muitas vezes não se sente integrada com a família, na escola ou com outros grupos de convivência, cria um vínculo forte com os poucos amigos que conquistou na tribo em que pertence.

O adolescente, assim como qualquer outra pessoa, convive com redes sociais (família, amigos, colégio, trabalho, comunidade) e participa de relações interpessoais que podem ser significativas para a afirmação de sua identidade ou que apenas fazem parte de sua vida, sem servir de exemplo. Atualmente, é possível perceber como a exclusão tornou-se mais relacionada com a identidade do que com a questão financeira. O jovem de classe baixa que encontra oportunidades de aprendizado cultural, que conviveu em ambientes de socialização e se auto-afirmou sente-se mais pertencente à identidade coletiva do que aquele de qualquer classe, que devido aos conflitos e à falta de referências que lhe incentivassem a se posicionar como cidadão, não conseguiu criar sua própria identidade.

A crise de identidade social talvez seja o grande conflito que tenha participação da mídia. O paradoxo entre extremo individualismo e necessidade de conviver para se afirmar é uma questão que não afeta somente a juventude, mas toda a sociedade, devido mais à reorganização dos hábitos e percepções intrínseca a qualquer mudança do que à evolução tecnológica e midiática, propriamente dita.

4 A EDUCAÇÃO DO FUTURO

Traçar o perfil da educação brasileira e tentar compreender como é o funcionamento das escolas (principalmente em Minas Gerais e em Juiz de Fora) não é tarefa fácil. Mas tal necessidade se torna latente quando desejamos propor algo novo. Por isso, visualizar os problemas educacionais é importante para que haja argumentos que solidifiquem novas propostas e sirvam de embasamento para que os mesmos erros não se repitam.

Por acreditar que a educação é a solução de graves problemas da sociedade, estudamos suas questões, dados estatísticos e a realidade da juventude na escola para compreender melhor como os processos ocorrem e o que precisa ser mudado inicialmente. Sem dúvida, é importante que haja prioritariamente maior valorização do ensino básico, do corpo docente de qualquer nível de ensino (já que é desestimado em todos os níveis), e a compreensão do real significado da educação.

A complexidade, a contextualização e a interdisciplinaridade precisam fazer parte do cotidiano de qualquer escola, assim como o incentivo de práticas culturais e esportivas. O ensino deve ser baseado na qualidade e não apenas em números. Os modelos de ensino não podem ficar engessados, é necessário que se renovem e que seja percebida a relevância de promover alterações no ensino que se adaptem às modificações da sociedade.

Repensar a identidade e a cidadania, trabalhar a aproximação e as atividades em grupo, estimular a curiosidade, incentivar as diversas formas artísticas e culturais são fatores importantes e que devem nortear os programas educacionais. Dessa forma, o teatro torna-se um elemento que pode ser usado a favor da educação, pois fornece a possibilidade de unir todos esses fatores. É hora de voltarmos para novas propostas e começarmos a elaborar agora a educação do futuro.

Quantas fontes, quantas causas de erros e de ilusão múltiplas e renovadas constantemente em todos os conhecimentos! Daí decorre a necessidade de destacar, em qualquer educação, as grandes interrogações sobre nossas possibilidades de conhecer. Pôr em prática essas interrogações constitui o oxigênio de qualquer proposta de conhecimento. Assim como o oxigênio matava os seres vivos primitivos até que a vida utilizasse esse corruptor como desintoxicante, da mesma forma a incerteza, que mata o conhecimento simplista, é o desintoxicante do conhecimento complexo. De qualquer forma, o conhecimento permanece como uma aventura para a qual a educação deve fornecer o apoio indispensável.

Edgar Morin

4.1 PANORAMA ATUAL

Nada mais natural do que em um novo século existir um novo jovem. E esse cidadão contemporâneo, que nasceu em plena efervescência tecnológica, não aceita mais formas antigas de relacionamento, educação ou de transmitir as informações. Os embates entre a juventude e a sociedade sempre existiram, mas, agora, o confronto é alimentado pelas novas tecnologias.

O receptor, até então colocado em segundo plano e interpretado como o ser com a mera função de absorver as informações, ganha mais espaço, é mais analisado e tem mais poder. Os estudos da recepção ganharam um novo dimensionamento, e, com o advento da internet, o antigo receptor transforma-se em ‘emissor-receptor’ simultâneo. A massificação dos aparelhos celulares (alguns até com câmera), das câmeras digitais, da divulgação de vídeos e textos através da internet fez com que todos nós nos transformássemos em ‘emissor-receptores’ constantes.

O **Big Brother** não é na televisão. Convivemos com ele cotidianamente. A comunicação, mais do que nunca, está no centro de diversas questões, conflitos e soluções. A descentralização da informação é constante e ela é bombardeada a cada segundo. Vivemos na era da ausência de barreiras e da agilidade, na sociedade do agora.

Velocidade, beleza, dinheiro e sucesso são os objetos de consumo deste novo século. E o consumismo é uma das principais características, além, é claro, do caráter instantâneo e descartável que tudo deve ter. E esses valores foram transmitidos ao relacionamento humano. O ‘ficar’ tomou lugar do namorar, o descompromisso ganhou status de liberdade, tudo que é ágil aparenta ser melhor e as relações com o outro ficaram muito superficiais.

Mas apesar daquilo que é antigo estar fora de moda, na realidade, a sociedade apenas remodela o que existia. O anel de compromisso, por exemplo, tão usado pelos adolescentes, nada mais é do que retomar algo já utilizado anteriormente. Os ritos de iniciação, criados por grupos de relacionamento modernos, e as novas formas religiosas, como as da Renovação Carismática, nada mais são do que uma readaptação dos antigos costumes.

Tal como a química, podemos dizer que tudo são combinações. Por associações diferenciadas dos elementos obtemos tal ou qual corpo específico, mas, a partir de uma mudança mínima, ou em função do deslocamento de um elemento, o conjunto pode mudar de forma. É dessa maneira, no fim das contas, que ocorre a passagem de um equilíbrio social para outro. Foi dentro dessa combinatória que se tentou considerar o papel do terceiro, este número “três” que constitui as sociedades, mas que é frequentemente esquecido. Referências históricas, teóricas ou factuais, pretendiam ressaltar que levar em conta o número três corresponde sempre a um momento de *cultura*. Pelo contrário, o enfraquecimento da cultura a caminho da civilização tende a favorecer um retraimento para a unidade, a suscitar o medo do Estranho. [...] as imagens religiosas, místicas, são esclarecedoras, pois lembram, e, em maior ou menor grau, encarnam, no quotidiano, esta utopia coletiva, este imaginário de uma comunidade celeste onde ‘seremos todos idênticos e diferentes. Como idênticos e diferentes são todos os pontos de uma circunferência em relação a seu centro’. (MAFFESOLI, 1998, p.167).

Com o passar do tempo, o que acontece são relações entre fatores novos e antigos. E, assim, o equilíbrio social realmente se transforma. Mas nem sempre há apenas enfraquecimento da cultura, pois as formas culturais também se modificam. Então, podemos considerar que uma forma cultural sofre enfraquecimento enquanto há surgimento de outras. No entanto, a valorização da cultura é o ponto culminante desse contexto.

Vivemos em uma atmosfera favorável à promoção da cultura, em que, por se tratar de um ambiente capitalista, é natural que sua dimensão econômica cresça. A valorização da diversidade e das políticas sociais também faz com que a cultura ganhe espaço, mas o Brasil ainda é muito carente em relação ao valor agregado a ela. Possuímos tradição em valorizar as políticas de conservação do patrimônio histórico, entretanto, a preocupação com as diversas outras formas de cultura não é estimada.

De acordo com Canclini (1995, p.102), “As políticas culturais eram concebidas até pouco tempo como conservação e administração de patrimônios históricos”. A modificação desse ponto de vista é recente e, por isso, a valorização da cultura propriamente dita está passando por uma fase de afirmação.

Ao analisar por outro ângulo, percebemos o quanto o consumo cultural é pouco estimado, mesmo em uma sociedade extremamente consumista. Poucas pessoas realmente valorizam a arte e o crescimento do acesso às atividades culturais se dá apenas de maneira proporcional ao crescimento da população, mas em termos comparativos com outras épocas, é decadente.

[...] a mancha urbana se disseminou num ritmo muito mais veloz do que a expansão dos equipamentos culturais públicos, observa-se uma atomização das práticas simbólicas e uma baixa assiduidade, e em declive, nos centros comuns de consumo: cinemas, teatros e espetáculos musicais. (CANCLINI, 1995, p.105).

Canclini (1995, p.114) ainda afirma que “As políticas culturais mais democráticas e mais populares não são necessariamente as que oferecem espetáculos e mensagens que cheguem a maioria, mas as que levam em conta a variedade de necessidades e demandas da população”. Isso quer dizer que o que importa não é atingir o grande público, mas representar todas as camadas da sociedade e também atingir as minorias. Em estudo realizado com metrópoles da América Latina, Canclini (1995) revela que, principalmente, as grandes cidades precisam de políticas multisetoriais adaptadas a cada característica (grau de escolaridade, faixa etária, nível social) do público em questão. Segundo ele, o segredo não é tentar homogeneizar, mas compreender as diferenças. Podemos considerar que hoje em dia nem sempre é a população de alta renda a que mais frequenta as atividades culturais, pois devido ao aumento de políticas sociais, as classes mais pobres também vão mais aos espetáculos artísticos.

O individualismo é um dos responsáveis pelo fato de nos voltarmos apenas para nós mesmos e para nosso entorno e não levarmos em conta o conjunto. A visão fragmentada

do todo é um grande problema da sociedade e também da educação. De acordo com Morin (2006), a nossa educação nos ensinou a separar e a compreender apenas o que está isolado, por isso, sentimos tanta dificuldade em interar os contextos e compreender complexidades. Os grandes problemas humanos se reduzem às questões particulares.

Recentes filmes brasileiros como, por exemplo, **Cidade de Deus** (2002) e **Tropa de Elite** (2007), retratam bem a questão político-social do nosso país. Demonstram uma realidade dura, de corrupção, violência e de uma juventude de classe média e alta muito alienada e pouco mobilizada em relação aos problemas sociais do país.

Ao tentar compreender um pouco melhor o contexto do jovem atual, seus anseios e decepções em relação à educação e como encontraram força para se dedicar a uma atividade cultural, em especial o teatro, alguns jovens entre 19 e 25 anos foram entrevistados (APÊNDICE D). Todos eles são estudantes de Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) ou recém-formados no curso. O interessante é que todos revelaram que a motivação para entrarem em um curso ou grupo de teatro partiu quando estavam em alguma instituição de ensino. Seja apresentando peças no colégio ou estimulados pelo grupo teatral da universidade, eles comprovam a forte ligação existente entre arte e ensino.

A grande questão apontada pela maioria dos entrevistados foi a falta de garantia de realização profissional após a conclusão do curso superior. De acordo com Breno Fonseca, que se formou no segundo semestre de 2007 pela UFJF, o problema está em deixar a segurança de ser estudante para entrar no mercado de trabalho não preparado para absorver a demanda. Basileu Tavares, aluno do sexto período da Faculdade de Comunicação, concorda com Breno e, mesmo sem ter se formado, acredita que é normal surgir essa angústia quando o fim do curso se aproxima.

A jornalista Tásia Souza, formada em abril de 2006, revela que passou pelas mesmas reflexões, mas logo foi aprovada no curso de mestrado. Pouco tempo depois da

entrada no mestrado, Táschia foi contratada pelo jornal **Tribuna de Minas**, mas precisou abandonar o grupo de teatro por causa do emprego. E isto é o que teme o estudante José Eduardo Brum. “Como o mercado de trabalho está apertado, tenho medo de conseguir um trabalho que me afaste do teatro”, afirma. Essa relação entre profissão e atividades secundárias, que representam muito para a vivência, é outra preocupação comum na juventude. A necessidade de optar entre a banda de música e os estudos, entre o grupo de teatro e a preparação para o vestibular, entre o balé e o trabalho são escolhas duras para serem realizadas nessa fase da vida e servem para comprovar como a cultura sempre é colocada em segundo plano, já que a maioria opta, ou é induzida a optar, pela carreira ou preparação educacional tradicional.

A opção pelo emprego que dê mais segurança ou pela atividade remunerada em detrimento das atividades artísticas não é uma coisa errada ou antiética, pois todos têm que se sustentar. O foco da questão está na escassez ou total ausência dessas atividades nos currículos escolares, por exemplo. As atividades extracurriculares que incentivam a interdisciplinaridade, o aprendizado coletivo e o relacionamento em grupo, voltadas para o lado humanístico e cultural, são cada vez mais deixadas de lado e desvalorizadas nas instituições de ensino.

Percebemos um imenso desinteresse pelas aulas de educação física, filosofia e artes na educação fundamental e no ensino médio. Já nas faculdades, o isolamento das disciplinas e a desatualização das ementas e grades curriculares também representam problemas. Segundo Breno, falta formação humana tanto no ensino público quanto no particular. “Agora, com o vestibular seriado, você sai da oitava série e já pensa no vestibular. A preocupação em entrar na faculdade é maior do que se voltar para o lado humano, para as descobertas que fazemos nessa idade”. Para Táschia, que além de aluna do curso de adolescentes do Divulgação, também foi professora de expressão corporal do mesmo, “O

ensino hoje é muito voltado para o vestibular, deixa de lado o ensino para a vida. E a família também espera muito da escola um papel que não é só dela”. A jornalista acredita que os adolescentes perderam um pouco o respeito nas relações com o outro e também pelos lugares que freqüentam, como o colégio, por exemplo. “Eu acredito que os meninos que fazem teatro são tocados de uma forma diferente e conseguimos modificar com mais facilidade o comportamento agressivo ou desrespeitoso deles”, conclui.

O professor de história, diretor de teatro e chefe do departamento de gestão escolar da secretaria de educação de Juiz de Fora, Toninho Dutra (APÊNDICE C), implantou um grande trabalho voltado para o lado cultural e humanístico, quando atuou como diretor da escola municipal Caic, do bairro Santa Cruz. Ele acredita que é praticamente impossível promover mudanças de curto prazo nas escolas, mas afirma que se houver força de vontade da equipe, tudo é possível, mesmo que a longo prazo. “Sabemos que existem dificuldades maiores. [...] Mas quando a equipe tem grande vontade, dá para fazer boas coisas”. Toninho percebe claramente como o teatro e outras atividades culturais foram capazes de alterar a realidade de muitas crianças e jovens que participaram dos projetos no colégio. Ele cita como exemplo os 15 jovens que continuaram na sua oficina de teatro mesmo quando saíram do Caic. Sete deles estão fazendo curso superior e os outros se preparam para o vestibular ou optaram por outras atividades. O estudante da Faculdade de Comunicação Cristiney da Costa, que também foi entrevistado para esta monografia (APÊNDICE D), é um dos egressos da Oficina do Caic que conseguiu superar as dificuldades. Ele garante que o aprendizado do teatro proporcionou melhorias tanto para sua relação com os outros, como para questões da faculdade. “O teatro mostrou a eles que valia a pena ousar entrar em um mundo que não era deles”, ressalta Toninho.

As Faculdades de Comunicação, por exemplo, possuem muitas disciplinas independentes e que não se relacionam com as demais. No entanto, esta falta de correlação

não acontece porque a disciplina não é complexa (*complexus* significa o que foi tecido junto) ou porque há falta de interesse em criar uma relação, mas sim porque o processo educacional em atividade isola as partes do todo e também as partes umas das outras.

A falta de investimentos em atividades culturais nas escolas, o desinteresse dos próprios alunos – já que a motivação ocorre muitas vezes apenas por causa das notas e essas disciplinas, geralmente, não valem pontos – e a própria insistência numa forma de ensino ultrapassada são problemas da educação atual. Os obstáculos são tão nítidos, que podemos citar como exemplo o fato dos alunos não conseguirem mais aprender em grupo. Cada vez as recuperações e aulas particulares são mais freqüentes. Outro fator desestimulante é a falta de interatividade. A aula tradicional, com a disposição das cadeiras como auditório, em que o professor apenas escreve no quadro negro e fala, enquanto os alunos anotam e depois podem perguntar, não cativa mais os estudantes. Os jovens gostam de participar, desejam se expressar e se auto-afirmar, mas, ao mesmo tempo, sentem-se inseguros e desmotivados. Eles não têm no colégio tanto espaço como nas tribos e na internet, por exemplo.

O sistema não se modificou, não se adequou às alterações da sociedade. As novas tecnologias estão aí, a sociedade se alterou, se readaptou, outros valores tornaram-se importantes e os elementos culturais modificaram-se. Mas o processo educacional estagnou. Algumas tecnologias foram utilizadas e algo foi modernizado, é claro, mas não o suficiente para condizer com as necessidades atuais e suprimir o que a educação deveria representar.

A falta da perspectiva humanística, de contextualizar situações e de fazer com que as disciplinas interajam, trazem conseqüências graves para a formação do indivíduo. O incentivo à pesquisa e a valorização da praticidade, sem jamais deixar de lado o embasamento teórico, precisam ser fomentados e, a partir da percepção de todos esses fatores, soluções devem ser encontradas para que comecemos a conviver em uma sociedade simplesmente mais educada.

A introdução do teatro e das outras formas de expressão artística na educação escolar contemporânea ocidental trouxe consigo a discussão do sentido do ensino das artes para a formação das novas gerações. O debate, longe de se exaurir, permanece aberto, alimentado por diferentes argumentos, que buscam justificar seu valor educativo e sua inclusão no ensino formal.

Ricardo Japiassu

4.2 O DESPERTAR DA PRIMAVERA

O termo teatro vem do verbo grego *theastai* – ver, contemplar, olhar – e representava, inicialmente, o local onde aconteciam os espetáculos. Com o passar do tempo passou a designar qualquer tipo de espetáculo. (PEIXOTO, 1981, p.14). Atualmente, o teatro tem sido muito mais do que isto. Ele representa um canal da Comunicação presente na nossa sociedade e, por ser uma arte presencial, afeta de maneira surpreendente o ser humano. Aristóteles (19--) já designava o homem como *zoón politikon*, ou seja, como ser que convive, que tem necessidade de interagir com os outros.

Na verdade, o teatro nasce no instante em que o homem primitivo coloca e tira sua máscara diante do espectador. Ou seja, quando existe consciência de que ocorre uma “simulação” [“consciência de uma cumplicidade”], quando a representação cênica de um deus é aceita como tal: a divindade presente é um homem disfarçado. (PEIXOTO, 1981, p.15).

De acordo com Raymond Williams (2000, p.135), é necessário analisar a evolução histórica do sistema de sinais presente no teatro e, especialmente, o teatro clássico grego, para compreender o desenvolvimento cultural e social. “As representações diárias começavam com um sacrifício e libações; o sacerdote de Dioniso sentava-se no centro, na frente do público; a imagem do deus [...] havia sido trazida em procissão e colocada no teatro; no centro da platéia havia um altar”. Esses sinais citados eram religiosos e enquadram a representação em um modo culturalmente específico. Entretanto, houve uma evolução de significados e este espetáculo teatral, apesar das características religiosas, já não significa o mesmo que os rituais religiosos dos quais se originou.

O surgimento de novos sinais no teatro grego fez com que os personagens deixassem de ser sacerdotes ou devotos e passassem a ser interpretados por atores e coro diante do público. Os sinais dramáticos começaram a predominar; a narrativa e o teatro se afirmaram, dessa forma, condicionados à sociedade. E a cada mudança social esta arte é afetada ou vice-versa, de maneira que, com o passar do tempo, novos problemas e soluções,

conflitos e motivação são descobertos. Com o desenvolvimento dos meios de comunicação e com o avanço tecnológico não foi diferente.

A indústria cultural e os meios de comunicação de massa ameaçavam recalcar o teatro e, até mesmo, destruir esta arte tribal, no entanto, ela sobreviveu. Mas apesar de não ter sido destruída, artifícios foram criados e ela foi reinventada. “Em determinado momento precisa-se de mais, precisa-se da *invenção*. É aqui que a produção não chega a abafar a criação, que a burocracia é obrigada a procurar a invenção, que o padrão se detém para ser aperfeiçoado pela originalidade”. (MORIN, 1997, p.26).

As formas de se fazer teatro sempre foram diferentes e levaram em conta a cultura da região em que estavam inseridas. Mas o teatro mantém algumas características globais, como a capacidade de romper estereótipos impostos pela sociedade e o fato de ser instrumento de modificação social. Além disso, o trabalho do teatro está diretamente ligado ao estímulo à criação e à imaginação, o que contribui ainda mais com o aprendizado e a reflexão.

A importância da fantasia e do imaginário no ser humano é inimaginável; dado que as vias de entrada e de saída do sistema neurocerebral, que colocam o organismo em conexão com o mundo exterior, representam apenas 2% do conjunto, enquanto 98% se referem ao funcionamento interno, constitui-se um mundo psíquico relativamente independente, em que fermentam necessidades, sonhos, desejos, idéias, imagens, fantasias, e este mundo infiltra-se em nossa visão ou concepção do mundo exterior. (MORIN, 2006, p.21).

A nossa sociedade, individualista e fragmentada, faz com que os indivíduos pensem e ajam de acordo com paradigmas inscritos culturalmente. Estes paradigmas funcionam como cegueiras do conhecimento. (MORIN, 2006, p.25). O teatro, na medida em que é capaz de romper paradigmas, pode ser utilizado como forma de auxiliar o processo educacional e, assim, conscientizar os jovens de que eles não precisam ficar presos aos modelos, mas devem questionar o mundo e as nossas possibilidades como seres humanos.

Um problema encontrado na educação contemporânea é a desunião, a divisão dos saberes, enquanto vivemos e enfrentamos problemas globais e multidisciplinares. (MORIN,

2006, p.36). Dessa maneira, percebemos que muitas de nossas instituições de ensino não têm preparado os jovens para enfrentar problemas reais, contextualizados e multidimensionais, mas sim, para responder questões isoladas e dados pouco complexos.

Até o início do século XX, muitas ciências limitavam o conhecimento do todo ao conhecimento de suas partes, e deixavam de analisar que é possível ao todo gerar propriedades novas em relação às partes isoladas. (MORIN, 2006, p.42). Mas, hoje, é possível perceber que “A educação deve favorecer a aptidão natural da mente em formular e resolver problemas essenciais e, de forma correlata, estimular o uso total da inteligência geral”. (MORIN, 2006, p.39).

Por estimular a curiosidade, trabalhar interdisciplinaridades e considerar contextualizações, podemos considerar que o teatro é capaz de incentivar a inteligência geral. A pesquisa que vem sendo realizada desde 2005 com adolescentes que freqüentam o curso de teatro do Centro de Estudos Teatrais do Grupo Divulgação já permitiu verificar grandes mudanças comportamentais. (APÊNDICE B).

Quando a pesquisa com os jovens que freqüentavam o curso do CET começou, 39 alunos se matricularam nas duas turmas (o nível I era a turma de iniciantes e o nível II voltado para os que já tinham alguma experiência no teatro ou já haviam passado pelo primeiro nível do curso), ao final, 22 permaneceram. Já em 2006, apenas uma turma foi aberta com intuito de integrar os alunos mais antigos com os recém chegados. 26 jovens iniciaram o curso e 14 continuaram até o final. Em 2007, o número inicial foi de 22 e ao término do curso 10 permaneceram.

Uma grande curiosidade em descobrir porque havia tanta evasão fez com que a pesquisa fosse iniciada. Ao entrevistar os alunos das turmas de 2005 e 2006 foi verificado que as expectativas em relação ao curso eram diferentes do que lhes foi oferecido. Quase todos os dissidentes não compreendiam realmente o significado do teatro, o tipo de aulas que

acompanhariam, os exercícios propostos e a responsabilidade que teriam que apresentar. Alguns se matricularam visando adquirir um pouco de experiência, mas com real intuito de fazer televisão. Outros revelaram que tinham como sonho serem atores de telenovela e almejavam fazer parte da série **Malhação**, da Rede Globo.

As principais desculpas imediatas da desistência do curso eram: incompatibilidade de horários e dificuldade em conciliar o estudo com as aulas de teatro. Mas, a partir de uma conversa mais detalhada, foi possível perceber que a maioria saiu frustrada, pois esperava aprender, rapidamente, apenas técnicas, se preparar para exames de profissionalização de atores e ser incentivada a tentar papéis na televisão ou cinema.

A primeira fase da pesquisa revelou que grande parte dos jovens que procuram atualmente um curso de teatro está em busca principalmente do sucesso e da fama, deixando em segundo plano a questão artística. Eles desejam apenas montar uma peça e acreditam que o teatro apenas forma atores e que a preparação não passa de uma coisa simples e técnica. Mas quando se deparam com a necessidade de meses de dedicação para apenas ao final representarem, chega a desilusão.

Este fator é justificado pelo imediatismo da nossa sociedade, que cada vez exige mais velocidade e não encontra tempo para se preparar. Vivemos um momento de explosão do fazer cinematográfico no Brasil, mas pelo fato do cinema ser a arte do diretor, e até mesmo do editor, o trabalho do ator não tem tanta relevância como no teatro. Como há o fator de deslumbre, que alimenta o status de se fazer cinema ou televisão, o trabalho do ator passou a ser encarado como algo simples, e o glamour atingiu o cotidiano desta classe. Dessa forma, a opinião pública começou a se convencer de que para realmente ser um ator é necessário fazer televisão ou estar no elenco de grandes produções cinematográficas, além disso, passou a crer na falsa idéia de que os atores são milionários, levam uma vida tranqüila e sem muito esforço.

A redução do teatro em arte que apenas forma atores ocorre demasiadamente na nossa sociedade e tem aumentado com a midiaticização. A desvalorização do ator de teatro, e, principalmente, do que pertence ao grupo amador – o próprio termo ‘amador’ soa de forma pejorativa, já que o fato de o ator não receber pelo seu trabalho não o torna menos profissional ou quer dizer que ele entenda superficialmente do assunto – faz com que esta classe seja obrigada a depender dos meios de comunicação como forma de subsistência. Enquanto um ator de televisão geralmente ganha o suficiente para se sustentar no início da carreira, o de teatro dificilmente tem um fácil começo. Todos esses fatores fazem com que a arte presencial perca espaço para a midiaticizada.

Mesmo nos grupos mais profissionais, as características artesanais do teatro são mantidas como, por exemplo, a panfletagem e o caráter um pouco nômade (quando há necessidade de viajar com os espetáculos para diversos lugares do país e, em alguns casos, até do exterior). Ao contrário do que ocorre com a televisão, que é o elemento da visibilidade, o teatro representa o elemento da socialidade. Por isso, muitos atores que se revelam apaixonados pelo teatro se mantêm vinculados ao trabalho televisivo como forma de adquirir visibilidade, de se auto-divulgar, e maneira de se sustentar e de dar mais notoriedade a outros trabalhos.

Principalmente nos países subdesenvolvidos, onde os processos são geralmente invertidos, se forem comparados com países com mais desenvolvimento, o valor cultural tende a ser diminuído, já que outras necessidades básicas tornam-se prioritárias, a velocidade da informação não pára de aumentar e o desejo de adquirir novos produtos tecnológicos não permite que se invista tanto na questão social e educacional. Na realidade, as medidas paliativas são sempre privilegiadas e não é criada uma base cultural que suporte e concorra com as inovações da tecnologia.

No terceiro mundo, a indústria ultraligeira, a das comunicações (rádio, cinema, antes de qualquer outro), começa a revolucionar as mentalidades antes mesmo que a sociedade seja transformada. Nos países ocidentais, o alfabetismo foi difundido antes da cultura audiovisual. No Terceiro Mundo, o processo é, com frequência, invertido. A cultura audiovisual se propaga por imensas zonas ainda analfabetas. (MORIN, 1997, p.161)

Apesar de Morin excluir, por exemplo, toda a América Latina do lado ocidental e não considerar que possa haver orientais desenvolvidos ou ocidentais subdesenvolvidos, e, devido à época, citar prioritariamente o rádio e o cinema, podemos estender seus conceitos e englobar a televisão e a internet para que seja possível contextualizar sua citação e compreender o exemplo. No caso do Brasil, a televisão está na casa de praticamente todos os cidadãos, mas o nível de escolaridade não aumentou de forma proporcional.

A ignorância a respeito da amplitude que o teatro possibilita deve-se a estes fatores e, também, a diversos outros, como a falta de inclusão dessa arte nas escolas. O teatro, na sua forma mais completa, trabalha a persistência, a responsabilidade, a sensibilidade, a expressão corporal, a música e a expressão oral, a cenografia, a iluminação, o figurino, a literatura e, em especial, a dramaturgia. Além disso, é a arte da observação, da relação humana, do reflexo de uma sociedade e do prazer em ser outro.

Quando alguém busca fazer parte de um grupo de teatro almejando apenas o reconhecimento é sinal que esta pessoa não compreende a dimensão teatral. Pois o objetivo da arte não é formar astros ou estrelas, mas sim tocar o público e mobilizar a sociedade, é servir de terapia, de fomento para a curiosidade, de gatilho para o questionamento, para diversão ou comoção. O sucesso é mera consequência e, assim como um espetáculo, é transitório.

A segunda fase da pesquisa realizada com os alunos do curso de adolescentes do CET (APÊNDICE B) revelou, através de questionários e entrevistas, o quanto o teatro foi capaz de alterar o comportamento desses jovens. Em 2005, questionários foram aplicados no meio do ano, após cinco meses de acompanhamento das aulas, e a grande maioria revelou gostar de assistir, na televisão, novelas e programas de entretenimento, principalmente. As

meninas gostavam de ler revistas voltadas para o público adolescente feminino (como **Capricho**) e de moda, além das tradicionais (como **Veja**), os meninos também citaram as tradicionais, mas alguns disseram gostar das revistas de quadrinhos. A grande maioria disse que geralmente lia os jornais locais e apenas os livros exigidos pelo colégio. Todos disseram que o curso era um pouco diferente do que imaginavam e que pretendiam continuar. Depois das férias alguns não voltaram.

Ao final do curso de 2005, a maioria dos alunos demonstrou-se mais interessada pela leitura, todos afirmaram que passaram a ler mais. Os adolescentes permaneceram lendo as revistas que gostavam anteriormente, mas se demonstraram mais curiosos com outras revistas, jornais e mais atentos aos telejornais. Os programas de televisão citados permaneceram praticamente inalterados. O fator mais interessante percebido nas entrevistas foi que todos os alunos perceberam diferenças comportamentais em si mesmos. Alguns se declararam menos tímidos, outros mais observadores. Muitos disseram que depois da entrada no curso passaram a ler e apresentar trabalhos em sala de aula com mais desenvoltura.

O questionário aplicado com os alunos em 2006 mostrou que apenas um aluno não gostava de ler e que todos passaram a ler mais depois da entrada no curso. Todos também revelaram que pretendiam continuar em algum curso de teatro. Apenas um declarou não ter costume de ler revista ou jornal. A revista **Veja** foi a mais citada pelos que têm costume, seguida pelo Jornal **Tribuna de Minas** e depois o jornal **Panorama**, empatado com revistas femininas. Todos revelaram ter costume de assistir peças de teatro e de ir ao cinema. A maioria disse gostar das aulas do curso, inclusive as teóricas, mas preferiram as práticas. O tipo de atividade que mais se interessavam nas aulas foram os exercícios de improviso e apenas um aluno falou que gostava apenas dos ensaios.

Em 2007, a pesquisa revelou que a maioria gosta de assistir na televisão programas jornalísticos (como telejornal diário, o programa **Fantástico** da Rede Globo e a

mesa de debates **Sem Censura** da TVE), em segundo lugar citaram as novelas e programas de humor. Disseram que a convivência em grupo, os exercícios de improviso, as aulas de expressão corporal e vocal, a troca de experiências, a possibilidade de viver outras histórias, de estudar autores e teorias de teatro, além de fazer novos amigos, são o que mais gostam e os principais fatores que percebem no curso. O aluno Tálisson Mello disse que depois que começou a fazer teatro melhorou sua postura, dicção e tornou-se mais tolerante. Ane Caroline Lopes disse que passou a se interessar mais por textos teatrais, aprendeu a trabalhar em grupo, a ser mais responsável e compreende melhor como é fazer a produção de um espetáculo. Já Maria Teresa Umbelino acredita que hoje é mais comunicativa, atenta e observadora.

Os recém-formados e estudantes do curso de Comunicação Social ouvidos também confirmam que o teatro foi capaz de alterar diversos aspectos de suas vidas. Breno Fonseca, de 23 anos, afirma que aprendeu a ter mais comprometimento e disciplina, “Você aprende a trabalhar em grupo e tem que conviver com a dificuldade de lidar com as diferenças”. Breno, que fez parte do Grupo Divulgação (GD), ressalta a importância de aprender um pouco de cada etapa da construção de um espetáculo e garante que o teatro visto apenas como formação de ator é um teatro incompleto. “O teatro profissional acaba sendo muito setorizado, acredito que o ideal é passar por uma escola de teatro generalista e depois escolher uma área para se especializar”, afirma.

Mahina Fava, de 22 anos, é integrante da Cia. Caravela das Artes e acredita que um dos maiores aprendizados no teatro foi perceber a importância de se fazer presente e de ser pontual. Ela acredita que os atores que não passaram pelo teatro são mais deslumbrados e que a maioria das pessoas que já tiveram a experiência tem uma responsabilidade diferente. “Acho que a humildade no teatro é muito trabalhada, todo mundo tem que cooperar com tudo. Fazer teatro não é só subir no palco, o processo de produção também é valorizado, pena que nem todos os grupos trabalham todos os processos”, ressalta. Segundo a estudante do último

período de Comunicação, foi possível amadurecer com a arte, “O teatro me mostrou a realidade, eu era muito infantil quando entrei e passei a compreender melhor o mundo”.

Suellen Andrade, de 23 anos, fez parte do Grupo Divulgação e diz que desde criança tinha vontade de fazer teatro, “Mas não era corrente no meio em que vivia, eu não tive acesso a nenhum grupo”. Foi na Universidade que ela encontrou a chance de realizar o desejo. Segundo a recém-formada, a experiência foi válida porque, antes de fazer parte do GD, não entendia bem como funcionava um grupo e teve a possibilidade de trabalhar na construção de cenários, reformar figurinos e atuar. Mas, Suellen acredita, que o maior aprendizado foi possibilitado pela atuação no projeto Escola de Espectador, realizado pelo Divulgação e que oferece espetáculos gratuitos a crianças e jovens de colégios públicos e a instituições comunitárias. “Percebi que precisamos de uma comunicação integrada e que o incentivo cultural deve partir dos grupos, mas também ser apoiado pelas lideranças comunitárias, pelas escolas e autoridades, pois não adianta oferecer sem dar a motivação”, afirma.

A interferência do teatro na formação de todos esses jovens é notória, não apenas pela mudança de hábitos de leitura e maior consciência crítica, como também por aumentar a auto-estima, fazer com que tornem-se mais compromissados e por demonstrar a importância de estarem e, principalmente, se sentirem inseridos na sociedade.

[...] para a educação do futuro é necessário promover grande rememoração dos conhecimentos oriundos das ciências naturais, a fim de situar a condição humana no colocar em evidência a multidimensionalidade e a complexidade humanas, bem como integrar (na educação do futuro) a contribuição inestimável das humanidades, não somente a filosofia e a história, mas também a literatura, a poesia, as artes... (MORIN, 2006, p.48).

O teatro, por se envolver com história, poesia, literatura, dramaturgia e culturas de diferentes regiões, torna-se um elemento forte a ser integrado na educação do futuro. É preciso que esta nova forma de educação compreenda os sonhos e perspectivas do jovem atual, provoque suas dúvidas e corresponda seus anseios, além de tornar seu aprendizado mais complexo e integrado.

Educar é mostrar a vida a quem ainda não viu. O educador diz: “Veja!” – e, ao falar, aponta. O aluno olha na direção apontada e vê o que nunca viu. O seu mundo se expande. Ele fica mais rico interiormente. E ficando mais rico interiormente, ele pode sentir mais alegria e dar mais alegria – que é a razão pela qual vivemos. Vivemos para ter alegria e para dar alegria. O milagre da educação acontece quando vemos um mundo que nunca se havia visto.

Rubem Alves

4.3 NOVOS RUMOS

A educação vive um momento especial na história. Apesar das formas de ensino estarem muitas vezes ultrapassadas e dos jovens se demonstrarem constantemente desmotivados com a didática que não foi remodelada, nunca a educação foi tão destacada como prioridade. A mídia tem dado grande destaque ao tema, os governantes discutem constantemente a respeito e a sociedade espera e, ao mesmo tempo, tenta agir para promover mudanças. Entretanto, percebemos uma grande distância entre as propostas e a aplicação de uma grande reforma educacional brasileira.

De acordo com dados da Unesco (2006, p.23), 15,2 milhões de pessoas com mais de nove anos foram consideradas analfabetas no país, em 2004. É preciso ressaltar que o analfabetismo diz respeito apenas ao fato de saber ler e escrever e não mede a compreensão do que é lido, pois se esse dado fosse levado em conta, o número aumentaria consideravelmente.

O **Jornal Hoje**¹, da Rede Globo, divulgou que 18,5 milhões de jovens com até 24 anos não estão matriculados em instituições de ensino. No entanto, nos últimos dez anos, o número de matrículas no ensino superior aumentou 134%, de acordo com a Unesco. As pesquisas revelam um grande paradoxo enfrentado no Brasil, pois, enquanto de um lado, o ensino fundamental e médio, principalmente público, apresenta inúmeras carências e qualidade desejável, do outro, há um constante aumento no número de instituições privadas de ensino superior e, conseqüentemente, o crescimento gigantesco de alunos.

A dúvida que assombra é se realmente os colégios estão educando alunos humanizados, capazes de ter consciência crítica e bem preparados intelectualmente, e se as universidades estão formando profissionais realmente capacitados. Se levarmos em conta os

¹ Programa exibido em 14 de agosto de 2007.

dados da Unesco (2006), a resposta será não, já que a repetência e evasão escolar são comuns e um quinto dos que completam a quarta série não possuem nível adequado de leitura e de cálculo matemático.

O sistema educacional brasileiro nem sempre é capaz de desenvolver habilidades cognitivas de importância essencial para a vida cotidiana e evidencia debilidades no fomento à formação de valores que capacitem os cidadãos a uma participação ativa na sociedade, e também na promoção do desenvolvimento humano sustentável. (UNESCO, 2006, p. 22).

Outra questão é a falta de adequação das escolas para atender aos alunos que não se integram ao ensino regular. Crianças e jovens com problemas de desvio de atenção, motores, neurológicos, com hiperatividade ou que possuem algum tipo de má formação congênita que afete o aprendizado, sofrem com o sistema de ensino tradicional. Muitas vezes, quando o problema é incomum, nem é detectado nas escolas.

A carência de investimentos em atividades que podem ser utilizadas nos colégios de maneira interdisciplinar e que ofereçam oportunidades àqueles que não se adequam ao sistema representa um grande problema educacional brasileiro. Não existe uma fórmula para melhorar o nível da educação e, muito menos, uma única solução. O que precisa haver são propostas baseadas nas dificuldades existentes e a vontade de mudar, de melhorar e estimular novos conhecimentos.

O que não deve mais existir é a hipocrisia de acreditar que tudo vai bem sendo que a realidade mostra algo diferente. De nada adianta apresentar números dizendo que a taxa de repetência foi reduzida se a qualidade do ensino também caiu. A diminuição da média para aprovação, a criação das dependências (os alunos reprovados em uma disciplina podem avançar uma série, mas continuam acompanhando as aulas da matéria em que foi reprovado na série anterior) e os supletivos representam apenas uma busca por dados satisfatórios, mas também a falta de preocupação com a eficácia do ensino.

As escolas estaduais não podem reprovar alunos de 1ª a 3ª série. Dessa forma, os estudantes passam de ano mesmo sem condições de acompanhar a turma. Na Escola Estadual

Delfim Moreira, de Juiz de Fora, os alunos ficam no colégio apenas no horário de aula, sem haver atividade extra, e não têm qualquer acesso a computadores ou internet, o que acontece em muitas outras escolas, mesmo após a destinação de recursos do governo estadual para compra de computadores. A verba para os equipamentos chega, mas não há profissionais qualificados para utilizar os materiais, ensinar aos alunos e até mesmo aos professores. Em outros casos, não há nem espaço para instalação. Já no Colégio Estadual Dom Orione, também em Juiz de Fora, por causa do pequeno número de estudantes, há uma turma que comporta alunos de 1ª à 4ª série do ensino fundamental juntos, ou seja, o ensino é praticamente o mesmo para crianças que estão em níveis diferentes. Dado esses fatores, é praticamente impossível que professores e alunos sintam-se motivados, já que o tutor fica de mãos atadas para ensinar coisas mais complexas e os alunos são quase que impedidos de melhorar suas habilidades.

A questão enfrentada pelos professores é um péssimo indicador para a educação. Enquanto eles necessariamente precisam da qualificação exigida, costumam ganhar bem menos do que outros profissionais sem qualificação. Um estudo da Unesco², com dados de 2001, mostra que o salário médio do professor brasileiro em início de carreira é o terceiro mais baixo em comparação com 38 países desenvolvidos e em desenvolvimento. Argentina e Chile pagam aproximadamente o dobro dos valores brasileiros. De acordo com o MEC, em todo o país, quase 40% dos professores do ensino básico da rede pública, com jornada de trabalho de 40 horas semanais, recebem menos que R\$ 850. Já os salários dos estados variam muito; em Minas Gerais, o salário dos professores de 1ª a 8ª série do ensino fundamental varia de R\$ 390 a R\$ 486, e os do ensino médio recebem entre R\$ 486 e R\$ 550.

De acordo com matéria publicada no jornal **Folha de São Paulo** em 2003, “Grande parte dos professores no país tem uma média salarial bem abaixo de outras

² Dados disponíveis em <<http://www.sindicatomercosul.com.br/noticia02.asp?noticia=20803>>.

profissões, leciona em escolas com infra-estrutura precária e cumpre jornada acima de 30 horas semanais”. (CONSTANTINO, 2007). Uma pesquisa do Ibope em parceria com a revista **Nova Escola**³ (2007), realizada com professores da rede pública, mostra que 53% expressam amor pela carreira, mas apenas 14% acreditam preparar o aluno para o futuro e 21% estão satisfeitos com a profissão. 49% declararam que a formação os preparou pouco para a sala de aula, 23% acham a educação brasileira ruim ou péssima e 33% acreditam que daqui a dez anos ela continuará ruim.

Estes problemas refletem diretamente na qualidade do ensino, pois professores desestimulados, mal remunerados, que geralmente têm salas de aula com mais de 30 pessoas ainda precisam encontrar formas de motivar os alunos. Não podemos esquecer de citar também que muitas vezes a própria formação do professor é deficiente. E, neste universo que conspira contra a qualidade, ou os professores criam recursos próprios para conquistar os estudantes ou tornam-se coniventes com os problemas educacionais.

O que os modelos de ensino e muitos professores ainda não conseguiram compreender é que a sociedade agora é visual e que se a forma de repassar as informações não for renovada, os conceitos transmitidos não serão decodificados pelos alunos, pois o arcaico e o tecnológico se degladiam na comunicação. Então, cabe também aos educadores tentar entrar no universo tecnológico e visual da juventude contemporânea, para tornar a comunicação entre eles e os alunos, de fato, eficaz.

Em um país que sofre com desigualdade, violência, criminalidade e, simultaneamente, se vê diante do crescimento econômico, do desenvolvimento e das inovações globais e multiculturais, é inadmissível que estudantes, principalmente de baixa renda, permaneçam por apenas quatro horas e, às vezes, menos do que isso, nos colégios. Também é incompreensível a falta de investimentos em atividades culturais e esportivas. Já

³ Pesquisa realizada com 500 professores, com idade entre 25 e 55 anos, de todo o país e divulgada na edição de novembro de 2007 da revista **Nova Escola**, da editora Abril.

está mais do que provado por estudos, exemplos e pelos resultados da própria prática, que crianças e jovens que têm a oportunidade de realizar essas atividades extracurriculares deixam de passar o tempo na rua enquanto os familiares trabalham, desenvolvem novas habilidades, conseguem se destacar em outras disciplinas que até então não tinham interesse e também passam a compreender complexidades.

O teatro, especificamente, é uma atividade que deveria ser mais incentivada nas escolas. É difícil entender como uma aula de artes fica restrita às salas tradicionais, com carteiras dispostas em filas e com o professor à frente do quadro ou circulando por entre as cadeiras. Também é interessante notar que apenas pessoas formadas nos cursos de artes ministram essas aulas. Por que, em um momento que o mundo pede interatividade, intercâmbio e interdisciplinaridade, a arte dos próprios colégios – que deveria fomentar esses valores – fica restrita às artes plásticas?

Será que muitos pensam que música, dança e teatro não são formas artísticas? E a culinária, a costura, o artesanato? Eles também não podem ser considerados como arte? Essas questões deveriam ser feitas aos reguladores das grades curriculares dos colégios e, também, levadas aos nossos ministérios da educação e da cultura. É preciso entender o porquê da desvalorização de outras formas artísticas que não sejam as artes plásticas. Também temos que procurar descobrir qual o motivo das pessoas que desejam fazer outras modalidades de arte terem que pagar por isso, pois a grande maioria dos colégios particulares e dos públicos não oferece tais práticas na grade de aulas ou de atividades incluídas nas mensalidades.

É necessário “Estudar o modo como estão sendo produzidas as relações de continuidade, ruptura e hibridização entre sistemas locais e globais, tradicionais e ultramodernos, do desenvolvimento cultural”. (CANCLINI, 1995, p.151). Segundo Canclini este é um dos maiores desafios de se repensar a identidade e a cidadania. E rever tais fatores é de fundamental importância para entender melhor a sociedade e seus processos

comunicacionais, e assim, visualizar quais são os processos insuficientes ou controversos da educação.

A comunicação não garante a compreensão. A informação, se for bem transmitida e compreendida, traz inteligibilidade, condição primeira necessária, mas não suficiente, para a compreensão. Há duas formas de compreensão: a compreensão intelectual ou objetiva e a compreensão humana intersubjetiva. Compreender significa intelectualmente apreender em conjunto, *comprehendere*, abraçar junto (o texto e seu contexto, as partes e o todo, o múltiplo e o uno). (MORIN, 2006, p.94).

E este é o fator que precisamos. Mais do que nunca, a comunicação tem sido motivo de polêmicas, de guerras, de desentendimentos. Uma única falha no processo comunicacional é capaz de gerar problemas irreversíveis. É por isso que, não apenas as escolas de comunicação devem trabalhar as duas formas de compreensão e formar profissionais capazes de romper paradigmas e de lidar com as diferenças sem ser hostil ou egocêntrico, como também as escolas de nível básico. E, também por essa razão, o teatro deve ser mais valorizado, pois trabalha as duas compreensões, destrói o etnocentrismo e o sociocentrismo que nutrem a xenofobia, valoriza tanto a parte quanto o todo, utiliza o texto ou a representação para criar um contexto próprio e, acima de tudo, tem como fator essencial o trabalho em grupo.

O teatro é capaz de trabalhar a aproximação com o outro. Cada um na equipe tem uma importância e uma característica única, que são valorizados. Dessa forma, o integrante percebe que participa de algo que necessita de sua presença, sente-se necessário e integrado. Isso faz também com que a responsabilidade e o comprometimento sejam trabalhados. Pois, na hora do espetáculo, tudo tem que funcionar bem, o ator não pode chegar atrasado, o sonoplasta precisa ser atento e acompanhar os ensaios, o contra-regra tem que estar a postos. Toda essa mútua colaboração é importante para que a encenação ocorra da melhor forma, além disso, os imprevistos sempre acontecem num espetáculo e, por isso, é necessário que haja um grande entrosamento para que os problemas sejam superados.

O teatro é uma arte híbrida que acumulou, durante milênios, uma sabedoria cultural assentada na expressividade humana. No século da comunicação de massa, ele preserva a *aura* que lhe é conferida pelo “hic et nunc” da presença carnal do ator. Ele jamais se repete diante da variabilidade de possibilidades do ser humano. A construção do espetáculo envolve vários processos de comunicação entre o autor e diretor; o autor e o ator; o diretor e o ator; o cenógrafo e o ator, por exemplo. A comunicação entre estes pólos vai nos dizer que, literalmente, o teatro é a arte do diálogo. (RIBEIRO, 1993, p. 17).

De acordo com Morin (2006, p.101), quando o cinema favorece o uso da nossa subjetividade como forma de identificação, ele faz com que nos simpatizemos com o que, normalmente, seria estranho ou repugnante. O mesmo acontece no teatro. A representação nos leva a divertir com os bêbados, sofrer com as prostitutas ou compreender a atitude do traidor. “Enquanto na vida cotidiana ficamos quase indiferentes às misérias físicas e morais, sentimos compaixão e comiseração na leitura de um romance ou na projeção de um filme”, (MORIN, 2006, p. 101) e, ao assistir uma peça de teatro.

Ir ao teatro, ao cinema, ao circo, a uma exposição ou qualquer outra manifestação cultural leva as pessoas a uma reflexão diferente. A arte consegue tocar cada um de uma maneira singular e proporcionar contextualizações únicas. Assim, crianças e jovens deveriam ser mais incentivados a participar e assistir eventos culturais, para que possam trabalhar esse olhar diferenciado sobre o que aparenta ser diferente ou anormal, e a despertar o interesse por relacionar a arte com fatos do cotidiano.

Os alunos do CET são exemplos de jovens que modificaram a maneira de enxergar o mundo depois da entrada no teatro. Alguns se tornaram menos tímidos, outros mais observadores, mais críticos ou com mais habilidade para falar em público e se relacionar em grupo. Todos aumentaram o interesse pela leitura e passaram a se considerar pessoas mais comprometidas. É isso que encanta no teatro, poder acompanhar um adolescente que antes sofria imensamente para conseguir falar perante um grupo de pessoas e, agora, consegue se expressar com facilidade e não tem vergonha de dizer o que pensa. Tão interessante é perceber como alguém, que era discriminado ou deixado de lado na hora de realizar um

trabalho em equipe ou nos momentos de lazer, passou a conseguir se interar e se sentir parte fundamental de um grupo.

O teatro valoriza a literatura, a língua culta e ao mesmo tempo a oralidade. Trabalha com a história, com a geografia e também com outras disciplinas. Incentiva o artesanal e, muitas vezes, necessita da tecnologia; utiliza a música, a dança, as artes plásticas; precisa do espectador, do relacionamento humano, do contato e da compreensão. Não limita o conhecimento do todo, na verdade, trabalha a união dos conhecimentos. Dessa forma, o teatro fomenta habilidades que podem colaborar com o aprendizado de qualquer jovem.

Até meados do século XX, a maioria das ciências obedecia ao princípio da redução, que limitava o conhecimento do todo ao conhecimento de suas partes, como se a organização do todo não produzisse qualidades ou propriedades novas em relação às partes consideradas isoladamente. [...] Como nossa educação nos ensinou a separar, compartimentar, isolar e, não unir os conhecimentos, o conjunto deles constitui um quebra-cabeças ininteligível. (MORIN, 2006, p.48).

O teatro, por se envolver com humanidades, torna-se um elemento forte a ser integrado nos novos modelos de educação. Ele valoriza a cultura local e a global, estimula a curiosidade e não isola as partes do todo, pois tudo é igualmente importante para a execução do espetáculo. O estudo do texto, a compreensão da época em que foi escrito com a do momento histórico em que os personagens viveram são importantes para o trabalho do ator, mas também para a confecção do cenário, do figurino, da escolha da trilha musical. Tudo é estudado em conjunto e é visualizado como uma teia complexa de significados.

Percebemos que muitos jovens não conseguem desenvolver problemas de matemática, física ou química, pelo simples fato de não conseguirem entender os enunciados. Isso ocorre porque eles não foram estimulados a formular e resolver questões essenciais utilizando a inteligência geral. Parece que quando se concentram em uma disciplina esquecem tudo aquilo que aprenderam em outra matéria. “Este uso total pede o livre exercício da curiosidade, a faculdade mais expandida e a mais viva durante a infância e a adolescência, que com frequência a instrução extingue [...]”. (MORIN, 2006, p.39).

Esta é outra característica valorizada pelo teatro, pois entender o que é proposto é fator fundamental num exercício teatral. A curiosidade é cotidianamente trabalhada nos ensaios e, principalmente, nos exercícios de criação e improvisação. As atividades despertam na criança, no jovem e também no adulto o interesse em buscar coisas novas, elementos diferenciais, estimula o desejo de conhecer e incita a vontade de se expressar, que muitas vezes fica adormecida dentro de nós, dando o seu máximo.

As dinâmicas básicas do teatro podem ser interpretadas e a função de cada uma é facilmente entendida quando expomos os métodos. As aulas de expressão corporal têm como intuito fazer com que o ator compreenda melhor as dimensões do seu corpo, perceba como cada um tem uma maneira própria de se expressar fisicamente, e seja incentivado a estudar como um personagem se comporta corporalmente. A dança é valorizada e a marcação coreográfica também. As aulas de expressão oral trabalham a fala, a dicção, a musicalidade e a interpretação através da voz. As atividades são voltadas para que o ritmo, a impostação da voz e a audição sejam desenvolvidos. Além disso, a partir de exercícios baseados em programas fonoaudiológicos, é ensinada a maneira de preparar a voz tanto para um espetáculo quanto para o cotidiano, para que as cordas vocais não sejam prejudicadas.

As atividades de interpretação propriamente dita voltam-se para a construção do personagem, usando todos os elementos de corpo e voz. A leitura é trabalhada e a relação com os outros personagens, mas a emoção é o principal fator. Os exercícios levam o ator a compreender melhor o personagem, sentir seus gestos e atitudes e compreender seu comportamento. As aulas teóricas e de leitura são voltadas para um maior entendimento do texto, do autor, da história do lado social dos personagens. Cada palavra deve ser degustada com calma para que as significações sejam melhor entendidas. A interpretação do texto se inicia com a leitura (caso haja um texto como base do espetáculo), com a imaginação de como a cena pode ser construída e com a criação de elementos que serão trabalhados na encenação.

Os processos teatrais variam muito de acordo com diretor, grupo, autor e métodos a serem trabalhados. Algumas escolas têm uma preparação mais rápida, outras investem num longo processo de produção. Há diretores que valorizam mais a marcação cênica, outros o texto e a expressão. Não há padrões para o teatro, mas sim um espaço para a livre criação. Entretanto, alguns elementos em comum fazem com que esta arte consiga atingir resultados sociais concretos e seja uma das mais completas, por envolver quase que todos os outros fazeres artísticos na sua execução.

Morin (2006) considera os paradigmas como cegueiras do conhecimento e acredita que os indivíduos agem segundo modelos inscritos culturalmente. De acordo com ele, a partir do momento que conseguimos romper um paradigma, destruímos também estereótipos e passamos a questionar os absurdos e ‘crenças estúpidas não-contestadas’. O teatro também tem como função desfazer imposições, conformismos e preconceitos. O intuito é tornar as pessoas mais capazes de argumentar, de discutir, de duvidar, de buscar novas soluções, como também de ir contra as formas de discriminação. Dessa maneira, estimula que repensemos nossos paradigmas e que tentemos compreender melhor o outro.

Da mesma forma que as artes cênicas incentivam o relacionamento inter-pessoal, o olhar ao redor e a compreensão do externo, trabalha também a introspecção, uma das características que Morin (2006) considera como fundamental para a compreensão e, em consequência, para a melhoria da educação. O auto-exame, a busca do entendimento de nós mesmos, das nossas fraquezas, a autocrítica sevem para reconhecermos nosso egoísmo, para que seja possível que cada um se conheça melhor, para, assim, poder entender o seu entorno. O teatro nos permite ver, seja como espectador ou parte do espetáculo, as múltiplas faces de um ser. Somos levados a ver múltiplos aspectos e não nos apressamos a reduzir o ser a sua menor parte como geralmente fazemos no cotidiano.

De fato, como coloca Canclini (1995), a abertura da economia, a globalização e o processo de integração regionalizado, pelo qual muitas localidades da América Latina passaram, reduziram o papel das culturas regionais e diminuíram a importância dos referentes tradicionais de identidade. Mas cabe à educação tentar reverter essa perda e passar a valorizar mais as formas tradicionais da cultura desde o ensino básico, sem deixar de trabalhar também as novas vertentes culturais.

A reflexão atual sobre a identidade e a cidadania precisa situar-se com relação a vários suportes culturais, e não só com o folclore ou a discursividade política, como ocorreu nos nacionalismos do século XIX e princípios do XX. Deve-se levar em conta a diversidade de repertórios artísticos e de meios de comunicação que contribuem na reelaboração das identidades. Por isso mesmo, seu estudo não pode ser tarefa de uma única disciplina [...], mas de um trabalho transdisciplinar [...]. (CANCLINI, 1995, p. 148).

Discutir a questão das identidades é de extrema importância. E, mais uma vez, a partir do ensino do teatro isso se torna possível. Pois a arte é capaz de reafirmar a identidade local, assim como de trazer a concepção de outras culturas, já que com a globalização negar outras formas culturais torna-se um absurdo.

A partir dessa exposição, as práticas do teatro como elemento pedagógico e de modificação social ficam mais explícitas. Assim, as artes cênicas devem permear o ensino com intuito de promover uma formação mais humanística e menos fragmentada. As técnicas do teatro também podem e devem ser aplicadas ao ensino da comunicação, pois se há uma arte que trabalha a relação com o outro, o contato com o público, a persuasão, a expressão e o próprio espetáculo, ela não pode ser desperdiçada ou enfraquecida.

Portanto, os argumentos são a favor da modificação do sistema e da integração do teatro à educação do futuro. Pois, seguindo o pensamento de Morin (2006), está comprovado que o ser humano detém o conhecimento, mas já está em tempo dele conseguir organizar as informações e transformá-las em aprendizado.

5 CONCLUSÃO

Quando tentamos aprofundar em um tema, um fator nos leva a outro. E, na busca incessante por encontrar respostas, descobrimos alguns aspectos que não havíamos percebido anteriormente. Muitos enxergam que o teatro é capaz de modificar pequenos aspectos ou representar uma ferramenta assistencialista, mas foi na busca por elementos transformadores maiores que descobrimos outras questões sobre esta arte e sua relação com a educação.

Ao discutir o sistema educacional e explicitar as demandas da comunicação, torna-se necessário falar das modificações sociais, dos jovens e de suas formas de interação. Este trabalho, através da análise da juventude atual, revela que somos de fato uma sociedade imediatista do espetáculo, da festa e dos excessos, com forte aspecto consumista e midiático. Valorizamos a velocidade e o efêmero, apreciamos a beleza, o sucesso e o dinheiro.

E uma forte moeda cresceu dentre nós, a informação, que passou a ser vinculada ao status e ao poder. Este crescimento do valor agregado à informação e o surgimento de novas tecnologias fez com que as formas de recepção fossem alteradas. Tornamos-nos capazes de emitir e receber informações simultaneamente e, agora, vivemos atrelados à tecnologia e dependentes dela.

Este estudo também demonstra como a valorização da jovialidade cresce e o envelhecer é negado. E, apesar de termos dados que comprovam o envelhecimento populacional e os avanços da medicina, os aspectos juvenis são demasiadamente ressaltados e tudo que é velho torna-se imediatamente descartável.

A atitude violenta que diversas vezes está atrelada à juventude, a modificação do perfil familiar e das características essenciais do relacionamento humano, foram elementos utilizados como forma de comprovar a modificação social do último século, tão influenciada pela ciência. A presença de novos elementos tecnológicos como o celular, a câmera digital, o

computador e, em especial, a internet, também se tornaram alvo do estudo e serviram como maneira de justificar questões atuais.

Ao analisar a situação das escolas, identificamos a desvalorização dos professores e a falta de investimentos na educação, ou a aplicação de recursos de maneira equivocada, a carência de formação cultural e humana e a dificuldade de implementar uma reforma, que representam graves aspectos do sistema educacional brasileiro. E soluções de curto prazo para tais questões não serão facilmente encontradas. Entretanto, não adianta apenas culpar as escolas e esquecer que a educação é um processo contínuo e um exercício diário. É preciso ser educado e educar a todo o momento e o lar é o início de qualquer educação. Não é sábio jogar este peso apenas nos colégios e diminuir a função das famílias e dos demais grupos sociais. Mas detectar as falhas e assumir os erros pode significar um primeiro e grande passo rumo às melhorias.

É neste momento que o teatro surge como elemento de destaque e é proposto como alternativa. O fato de ser uma arte que reflete o homem e o mundo torna-o capaz de proporcionar respostas para as incertezas do conhecimento. Dessa forma, suas características vão de encontro às lacunas da educação e podem ser utilizadas para promover um ensino voltado não apenas para o raciocínio exato e determinado, mas, fundamentalmente, para a compreensão humana.

Relacionamos-nos uns com os outros em toda a vida, mas é perceptível que com o individualismo atual as pessoas perderam a compreensão do que é trabalhar em grupo. Ninguém está mais disposto a acatar a opinião do outro, há grande dificuldade em saber ouvir e, principalmente, em saber compartilhar. Por isso também, o teatro representa algo essencial, pois valoriza a equipe e estimula o trabalho conjunto.

Não podemos deixar de destacar que também há falhas nos próprios grupos ou escolas de teatro, e que não é todo professor ou diretor que compreende as reais dimensões

desta arte. Mas em todo o trabalho nos referimos à forma ideal de se fazer teatro, ao seu sentido mais promissor, por acreditar que é a maneira como ele precisa ser entendido.

Diante dos problemas e fragilidades citados, comprovamos de que modo a educação pode alterar o sistema e começar a modificar o processo. Daí, este trabalho ser fundamentado nela, na necessidade de valorizá-la e de compreendê-la melhor. A crítica feita é em relação ao pensamento simplista e à falta de união e de relação dos saberes. Não é apenas a duração das aulas, os salários baixos dos professores e a grande importância dada aos números em detrimento da qualidade que representam os piores percalços. Na realidade, o grande problema é a incompreensão do que significa o termo educação. Se ele fosse realmente entendido na sua forma mais grandiosa, com toda certeza esses fatores não existiriam, pois todos nós saberíamos valorizá-lo. Em um lugar em que a educação é prioridade não há espaço para demagogia, corrupção e descuido com aqueles que a sustentam.

Incentivar os princípios, práticas e valores do teatro, ressaltar sua importância no processo educacional e identificar em quais sentidos ele pode proporcionar soluções de questões didáticas e sociais foram proposições feitas para que possamos entender melhor de que maneira o aprendizado em sala de aula pode ser renovado. É possível, sim, tornar a educação nossa arma mais poderosa e, começar a discuti-la juntamente com o teatro é o passo inicial.

6 REFERÊNCIAS

ABDALA, Paulo Ricardo Zílio. **Celebração da tecnologia**: música eletrônica e raves. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/nucleos/njr/espinal/tecno23b.htm>>. Acesso em: 14 out. 2007.

ALMEIDA, Loriza Lacerda. A juventude e suas representações. **Revista da UFG**, v. 6, n.1. Disponível em: <http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/juventude/representa.html>. Acesso em: 21 ago. 2007.

ALVES, Rubem. **Conversas sobre educação**. Campinas: Versus Editora, 2003.

ARATANGY, Lidia. Jovens perversos e sem limites. **Revista Claudia**, São Paulo: Abril, ed. 551, p.134-137, ago. 2007.

ARISTÓTELES. **Arte retórica e arte poética**. 16.ed. Trad. Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo: Ediouro, 19--.

BELINTANE, Claudemir. O futuro começa agora. **Mente e Cérebro**: o olhar adolescente. São Paulo: Duetto Editorial. n.4. p.94-98, 2007.

BURITY, Joanildo. **Globalização e identidade**: desafios do multiculturalismo. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br/tpd/107.html>>. Acesso em: 15 set. 2007.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

CARVALHO, Maria Cristina de. **Batismo**: uma iniciação à função transcendente. Disponível em: <<http://www.symbolon.com.br/artigos/batismo.htm>>. Acesso em: 12 out. 2007.

CASSAB, Maria Aparecida Tardin; PORTELLA, Maria Carolina Ribeiro. O Projeto UFJF: Território de Oportunidades. In: CASSAB, Maria Aparecida Tardin. (Org.). **Para construir espaços solidários**: uma metodologia de trabalho com jovens. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2006. p.33-44.

CASTRO, Luciana. **Para encantar os olhos e preencher a alma**. Disponível em: <<http://www.overmundo.com.br/overblog/para-encantar-os-olhos-e-preencher-a-alma>>. Acesso em 30 set. 2007.

CONSTANTINO, Luciana. **Professor estuda mais, mas salário é baixo**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/educacao/ult305u13981.shtml>>. Acesso em: 31 out. 2007.

EL FAR, Alessandra. Ritos de Passagem. **Mente e Cérebro**: o olhar adolescente. São Paulo: Duetto Editorial. n.4. p.14-21, 2007.

EMO. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Emo>>. Acesso em: 24 set. 2007.

FERNÁNDEZ, Roberto. Multiculturalismo Intelectual. **Revista USP**. Disponível em: <<http://physics.nyu.edu/faculty/sokal/fernandez.html>>. Acesso em: 15 set. 2007.

GALVÃO, Leda. **Página do teatro**. Disponível em: <<http://www.lunaeamigos.com.br/teatro/indice.htm>>. Acesso em: 30 set. 2007.

GENTILE, Paola. A Educação, vista pelos olhos do professor. **Nova Escola**, São Paulo: Abril, ano 22, n.207, p.32-39, nov. 2007.

IBGE. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/pesquisas/brasileiros_mais_velhos.html>. Acesso em: 18 ago.2007.

JAPIASSU, Ricardo. **Metodologia do ensino do teatro**. Campinas: Papyrus, 2001.

JORNAL HOJE. Disponível em: <<http://jornalhoje.globo.com/JHoje/0,19125,3061-p-20070813,00.html>>. Acesso em: 22 ago.2007.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MEC. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/sesu>>. Acesso em: 18 ago.2007.

MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro**. 11. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2006.

_____. **Cultura de Massas no Século XX: Neurose**. 9.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

O JEITO emo de ser e se vestir. Disponível em: <<http://www.terra.com.br/jovem/falaserio/2007/04/26/000.htm>>. Acesso em: 24 set. 2007.

OLIVEIRA, Ana Sofia Schmidt de. Entre luzes e sombras. **Mente e Cérebro: o olhar adolescente**. São Paulo: Duetto Editorial. n.4. p.70-77, 2007.

PAZ, Octavio. **O labirinto da solidão e post-scriptum**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

PEIXOTO, Fernando. **O que é teatro**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

PRIORE, Mary Del. Adolescentes de ontem. **Mente e Cérebro: o olhar adolescente**. São Paulo: Duetto Editorial. n.4. p.7-13, 2007.

PUC CETTI, Ricardo. **Parada de rua: Pequeno histórico e reflexões**. Disponível em: <<http://www.cooperativadeteatro.com.br/portal/articles.php?id=75>>. Acesso em: 30 set. 2007.

REVERBEL, Olga. **Teatro: uma síntese em atos e cenas**. Porto Alegre: L&PM editores, 1987.

RIBEIRO, José Luiz. **As máscaras do espectador**. 1993. Dissertação de Mestrado, Centro de Letras e Artes, Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1993.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SODRÉ, MUNIZ. **Mídia**: descompromisso com a educação. Disponível em: <http://www.folhadirigida.com.br/htmls/Hotsites/Professor_2003/Cad_02/EntMunizSodre.html>. Acesso em: 16 out. 2007.

SPÓSITO, Marília Pontes. Estudos sobre a juventude em educação. In: **Revista Brasileira de Educação**: Juventude e Contemporaneidade, n. 5-6. São Paulo: Anped, 1997. p.37-52.

UNESCO. **Marco Estratégico da Unesco no Brasil**. Brasília: Unesco, 2006.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

7 APÊNDICES

APÊNDICE A

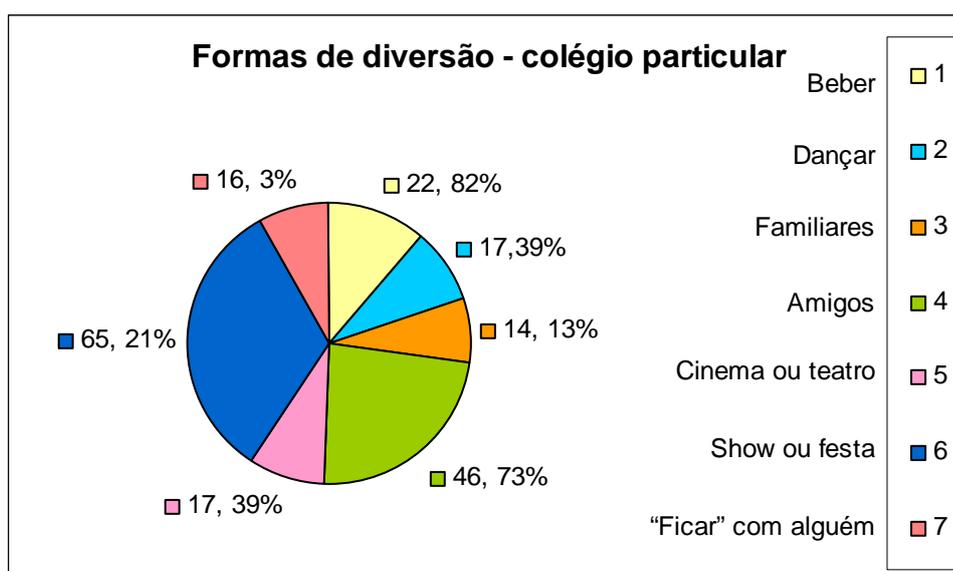
Resultado das pesquisas realizadas

A primeira pesquisa foi feita com 139 jovens, entre 15 e 19 anos, e separada em dois grupos (A e B), o primeiro referente aos que estudam em escolas particulares e o segundo em escolas públicas, todos de Juiz de Fora. O grupo A teve 92 entrevistados e o B, 47. A pergunta realizada foi: “O que você considera como as principais formas de diversão?” Eles puderam marcar até duas opções dentre as seguintes:

- Sair para beber
- Sair para dançar
- Ficar em casa com familiares
- Conversar com amigos
- Ir ao cinema ou peça de teatro
- Ir a um show ou festa
- “Ficar” com alguém

O resultado do grupo A comprovou que a maioria considera como principais formas de diversão ir a um show ou festa e conversar com amigos.

Gráfico 1:



Os números obtidos foram:

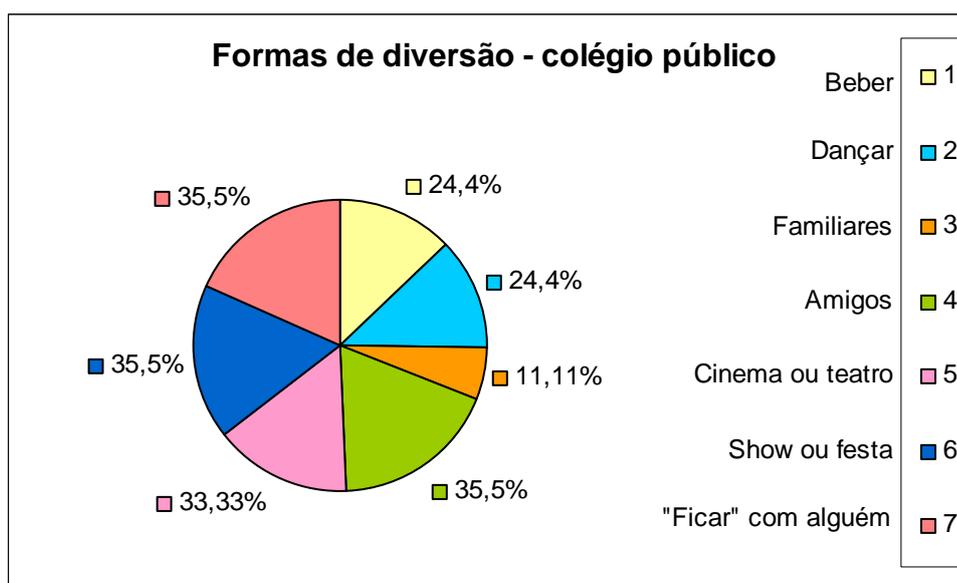
21 citaram sair para beber
 16 citaram sair para dançar
 13 citaram ficar em casa com familiares
 43 citaram conversar com amigos
 16 citaram ir ao cinema ou peça de teatro
 60 citaram ir a um show ou festa
 15 citaram ficar com alguém

O segundo grupo, B, contou com 47 jovens de colégios públicos que participam do projeto Escola do Espectador do Grupo Divulgação. O resultado comprovou que a maioria considera como principais formas de diversão conversar com amigos e 'ficar' com alguém. As pesquisas de duas pessoas, que marcaram todas as opções, foram descartadas. Uma pessoa adicionou a resposta 'sair com namorado'.

A mesma pergunta sobre diversão foi feita e os resultados obtidos foram:

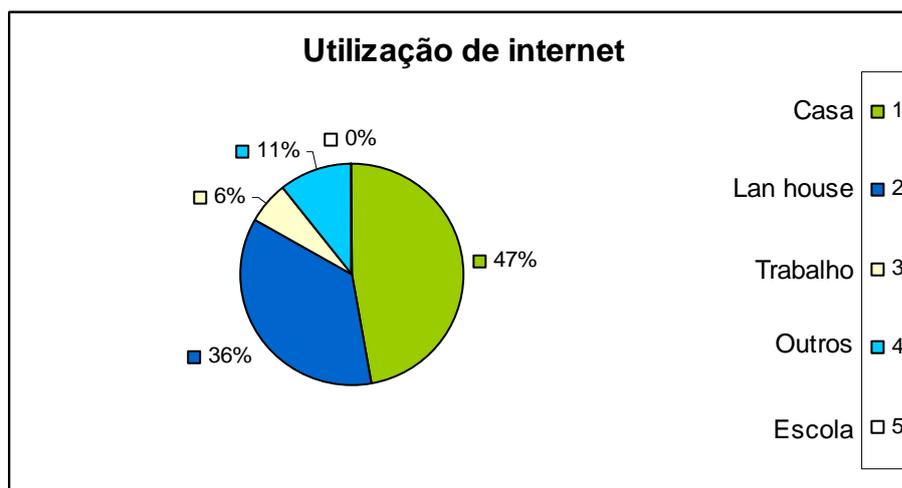
11 citaram sair para beber
 11 citaram sair para dançar
 05 citaram ficar em casa com familiares
 16 citaram conversar com amigos
 13 citaram ir ao cinema ou peça de teatro
 15 citaram ir a um show ou festa
 16 citaram ficar com alguém

Gráfico 2:



A questão da utilização da internet também foi pesquisada com os jovens do ensino público. Dos 47 entrevistados, 46 disseram que utilizam internet. 22 declararam que geralmente utilizam em casa, 17 utilizam em *lan house*, 3 utilizam no trabalho, nenhum utiliza no colégio e 5 disseram utilizar em outros lugares, mas não citaram onde.

Gráfico 3:



Resultado do questionário aplicado com os 47 estudantes de colégios públicos que freqüentam o teatro

Qual programa de televisão predileto? As novelas foram mais citadas, seguidas pelos humorísticos (como **Zorra Total**, **A Praça é Nossa** e **Pânico na TV**), esportivos, e de entretenimento.

Tem costume de ler alguma revista? Qual? 12 citaram revistas para o público feminino jovem, sete a revista **Veja**, quatro revistas de TV (como **Caras** e **Ti ti ti**), quatro a revista **Época**, três a **Isto é**, três a **Playboy** e três pessoas citaram outras revistas. 15 afirmaram não ter costume de ler revistas.

Tem costume de ler algum jornal? Qual? 12 citaram o jornal **Tribuna de Minas**, sete o **Panorama**, sete o **Lance**, cinco a **Folha de São Paulo**, quatro **O Globo**, dois o jornal da Igreja Universal e dois outros jornais. 14 afirmaram não ter costume de ler jornal.

APÊNDICE B

Questionário aplicado em 2005, com 10 alunos do Centro de Estudos Teatrais (CET) do Grupo Divulgação

Você gosta de ler? Apenas um respondeu que não.

Você lê menos ou mais? Todos responderam que lêem mais.

Pretende continuar fazendo teatro? Todos responderam sim.

Qual é seu programa de televisão predileto? A maioria citou novelas e programas de entretenimento (como programas de auditório).

Qual jornal e/ou revista você gosta de ler? Dois alunos citaram a revista Veja, cinco os jornais locais (**Tribuna de Minas** e **Panorama**), três as revistas para o público feminino adolescente (**Capricho** e **Viva**), dois citaram revistas em quadrinhos e uma citou a revista Manequim.

Entrevistas realizadas e questionários aplicados em 2006, com 10 alunos do Centro de Estudos Teatrais (CET) do Grupo Divulgação

Entrevistados: Amanda Magalhães Kirchmair, Ane Caroline Lopes Machado, Ana Paula Dessupoio Chaves, Bruno Visentim Pecci, Guilherme Moraes do Nascimento, Isabela de Andrade Terra, Letícia Spinelli Santos Miranda, Luciana Magalhães Léo, Rafael Bellozi Alvim, Tálisson Melo de Souza.

Do que você mais gosta nas aulas de teatro?

Amanda – De tudo.

Ana Paula – Das aulas teóricas e das aulas de improviso.

Ane Caroline – Dos improvisos.

Bruno – Dos exercícios de voz e das técnicas.

Guilherme – Adoro tudo, mas acho um pouco puxado os exercícios corporais.

Isabela – Gosto de tudo, uma aula completa a outra.

Letícia – Das aulas de voz e de corpo.

Luciana – Gosto das aulas de voz, de corpo, mas especialmente dos exercícios de improviso.

Tálisson – Do convívio com os colegas e das experiências adquiridas a cada dia.

Rafael – Dos ensaios

O que mudou depois que entrou no teatro?

Amanda – Minha vontade de fazer teatro só aumentou.

Ana Paula – Falo melhor em público e melhorei minha dicção e altura de voz.

Ane Caroline – Minha relação com as pessoas e minha dicção.

Bruno – Muitas coisas, como ter mais paciência, pontualidade e método.

Guilherme – Postura, interpretação de texto, dicção e várias outras coisas.

Isabela – Tudo. A minha vida mudou completamente com o teatro, é uma experiência maravilhosa para mim que fica para a vida toda.

Letícia – Mudou em relação à timidez, porque ajudou muito na hora de apresentar trabalhos na escola.

Luciana – Estou mais desinibida, falo mais alto, leio mais, convivo melhor com as pessoas e aprendi a ter espírito de grupo.

Rafael – Perdi a timidez.

Tálisson – Aprendi a entender as limitações do outro e também as minhas, além da melhora da dicção.

Questionário:

Você gosta de ler? Apenas um respondeu que não.

Você lê menos ou mais? Todos responderam que lêem mais.

Pretende continuar fazendo teatro? Todos responderam sim.

Tem costume de ler revista ou jornal? Apenas um respondeu que não tem costume.

Qual jornal e/ou revista você gosta de ler? Seis alunos citaram a revista Veja, cinco os jornais locais (**Tribuna de Minas** e **Panorama**), três as revistas femininas (como **Nova**, **Claudia** e **Marie Claire**), as revistas para o público feminino adolescente (**Capricho** e **Atrevida**) foram citadas por duas alunas, um citou a revista **Época**, um o jornal **O Globo** e um citou os jornais **Extra** e **O Dia**.

Entrevistas realizadas com 6 alunos do Centro de Estudos Teatrais (CET) do Grupo Divulgação em 2007

Entrevistados: Ane Caroline Lopes Machado, Érika Domingues Ferraz Jacob, Júlia Fracetti, Maria Tereza Umbelino, Rafael Bellozi Alvim, Tálisson Melo de Souza.

O que mais gosta no teatro?

Tálisson - Da aproximação dos sentimentos, de estudar autores e teorias do teatro e também de assistir outras peças.

Ane Caroline - Gosto de poder viver outras histórias, das aulas de expressão corporal e de sentir a adrenalina antes de apresentar.

Rafael - Da diversão, da responsabilidade e da convivência em grupo.

Érika - O que mais acho legal é a união, além de interpretar e dos exercícios de improviso.

Maria Teresa - Do improviso, do trabalho corporal, de criar e inventar.

Júlia – Da oportunidade de fazer amigos e da troca de experiências.

O que mudou depois que entrou no teatro?

Tálisson – A articulação, respiração, postura, dicção e expressão corporal. Tudo melhorou. Aprendi a ter mais sensibilidade e a exercer a tolerância.

Ane Caroline – Tenho mais responsabilidade, aprendi a trabalhar em grupo e sobre a produção de um espetáculo. Também me interessei mais pelos textos de teatro.

Rafael – Deixei de lado a timidez, me soltei mais. Estou mais responsável e minha dedicação melhorou muito depois do teatro. Eu não percebia tanto que tinha problemas, como de dicção, e me ajudou também.

Érika – Hoje sou menos tímida e mais concentrada. Aprendi a compreender melhor as pessoas também.

Maria Teresa – Passei a prestar mais atenção nas pessoas a minha volta. Fiquei mais comunicativa e melhorei minha postura com as pessoas.

Júlia – Comecei a me comunicar com mais facilidade e hoje sou menos tímida.

Questionário:

Você gosta de ler? Todos afirmaram que sim.

O seu interesse pela leitura aumentou? Todos responderam que lêem mais.

Pretende continuar fazendo teatro? Todos responderam sim.

Tem costume de ler revista ou jornal? Apenas um respondeu que não tem costume.

Quais programas de televisão você mais gosta? Quatro citaram telejornais, três, as novelas, dois citaram programas como **Globo Ecologia** e **Terra de Minas**, o mesmo número citou os humorísticos, um citou os programa de clips da MTV, e um citou as programações de filmes.

APÊNDICE C

Entrevista com a psicóloga e pedagoga Eliana Balena, autora do livro “Divã para vestibulandos” e que há, aproximadamente, 12 anos trabalha com jovens de um curso pré-vestibular particular.

Como são os jovens atualmente?

Para a faixa etária e o nível que trabalho existe a exigência muito real que é o vestibular, mas a forma de reagir é muito diferente. Uns levam a sério e são responsáveis, outros são indisciplinados. O que permanece é o conflito de gerações principalmente entre pais e filhos, e a vontade de se tornar independente, mas também o medo de perder os pais. O que mudou é que agora as perspectivas dos jovens parecem que são mais pessimistas. O diploma, que garantia tudo, agora não indica mais tantos benefícios, a violência tem aumentado e a busca de um ideal está dificultada. Agora, a angústia do presente é maior.

Que aspectos negativos você percebe nessa juventude?

O caráter consumista e descartável. E também o fato de tudo ter que ser rápido. Essas características também invadiram o relacionamento e a sensação passou a ser priorizada e o sentimento deixado de lado. Também percebo pouco interesse por atividades reflexivas. Há muito interesse pela festa, principalmente a de bebida liberada e um consumo exagerado de bebida. Parece que divertir se resume em beijar e beber.

O que mudou na relação entre pais e filhos?

Na verdade, tem uma coisa que mudou em toda a sociedade, que é o fato de a gente negar a maturidade, o envelhecimento. E isso é uma perda dos valores essenciais da vida. Especificamente em relação às modificações da estrutura familiar, percebo que por trabalharem fora muitos pais compensam a ausência enchendo os filhos de presentes. E os

filhos aprenderam a chantagear. Os pais também não conseguiram redefinir o que é acompanhar os filhos e ou invadem demais ou liberam geral.

Entrevista com o professor de história, ator, diretor de teatro, chefe do departamento de gestão escolar da secretaria de educação de Juiz de Fora e ex-diretor do Caic Santa Cruz, Toninho Dutra.

Como você vê o resultado do trabalho com a Oficina de Teatro, que começou no Caic Santa Cruz e agora continua fora de lá?

Dos 15 alunos que permaneceram, sete estão hoje na faculdade, e os outros se preparando para o vestibular ou em outras atividades. O teatro mostrou a eles que valia a pena ousar entrar em um mundo que não era deles. A hipótese de viver outras vidas e aprender sobre outras realidades nos possibilita também tentar coisas novas. E estes meninos souberam aproveitar as oportunidades que tiveram, que sabemos que foram até menores do que as de muita gente. Tenho certeza que o teatro influenciou nas escolhas deles e representou uma grande mudança.

Como era o trabalho desenvolvido na Oficina de Teatro, quando ainda funcionava no Caic?

O trabalho sempre partia da literatura, porque acho importante haver a interdisciplinaridade e também para oferecer a eles maior bagagem cultural. Eles tinham que ler no mínimo nove livros. As atividades de expressão corporal, de improvisação e os jogos dramáticos também eram importantes, mas nunca deixei de lado essa característica de apoiar na literatura. Teve uma época que chegamos a ter 148 alunos em 12 turmas de teatro e, também, 14 turmas de dança. A escola tinha esse papel de oferecer o lado cultural, esportivo e de lazer, e as

atividades buscavam dar oportunidades ideais para a comunidade. A escola passou a ter orgulho do grupo de teatro assim como tinha do time de futebol.

Como é possível promover mudanças na escola?

É difícil, mas está muito centrado na equipe que você tem para trabalhar. Se a equipe acredita que a sociedade pode ser modificada, é possível. Sabemos que existem dificuldades maiores e que não é possível fazer uma grande modificação e não tem como também ser em curto prazo. Os salários, principalmente na rede pública, são muito baixos, a verba é curta e é difícil. Pois como vamos exigir de um professor, que às vezes ganha 500 reais, ir frequentemente ao teatro, ao cinema, às exposições, se interar do que tem de novo na literatura e na cultura para poder repassar e motivar os alunos? Às vezes não tem como. E nesse sentido, a formação dos professores também peca. Mas quando a equipe tem grande vontade, dá para fazer boas coisas e tem muita gente fazendo. Um exemplo claro de diferença é que mesmo a merenda sendo a mesma, pode haver diferença. Em uma escola que a cozinheira dá o seu melhor, a comida é ótima, e na outra, você olha e não tem vontade de comer.

Que soluções você propõe para que haja mais valorização do teatro?

Primeiro, tem que haver bons espetáculos a preços acessíveis. Não dá para uma peça que tem auxílio para produção com dinheiro público cobrar valores exorbitantes pelo ingresso. Tem que democratizar o acesso à arte, melhorar a produção na TV, que é o nosso grande veículo de massa, incentivar a leitura, e aumentar a presença da cultura nas escolas. Mas esse é um processo em longo prazo. Não acredito que exista solução instantânea. Mas é preciso investir, acreditar. Valorizando toda a cultura, você também investe no teatro.

Que problemas existentes prejudicam a maior aceitação do teatro?

Falta um pouco de acatamento na sociedade de hoje. Aceitar que possa haver soluções melhores. Há muito egoísmo, individualismo. E é aí que o teatro fica sem espaço, porque você não faz teatro individualmente.

O que você sente quando vê que é feita uma propaganda da educação, mas ela não corresponde à realidade?

Sempre vai existir o desejo de aumentar os números para provar que melhoramos às entidades internacionais. Isso é triste, mas é a realidade. Às vezes a mudança é sugerida pelo alto poder e não é o melhor para as escolas, mas a proposta vai gerar algum benefício ao governo. Cabe também às escolas dizerem não, não aceitem aquilo que não concordam. Sabemos que é difícil, porque às vezes pode haver também corte de verbas, mas se for possível, novas experiências devem ser tentadas. É assim que percebemos que algumas coisas dão certo na educação. Coisas que às vezes se iniciaram na resistência, no fato de não aceitar alguma coisa e de modificar as regras.

Entrevista com o formando em Comunicação Social pela UFJF e proprietário da agência de comunicação *on-line* Ato Interativo, Felipe Gazola.

Por que ter o próprio negócio?

Sempre quis ter uma empresa, acho que é um perfil meu, uma vontade grande de aprender com as oportunidades práticas.

Por que você acha que tem esse caráter empreendedor?

Eu acho que já nasci com essa característica, comecei a trabalhar numa empresa que fazia site com 16 anos e de lá para cá não parei, saí de lá por causa da faculdade, mas logo comecei a fazer estágio em outra firma e depois entrei na empresa júnior da faculdade. Já no quarto período comecei a planejar o meu negócio e no quinto período coloquei em prática as idéias.

APÊNDICE D:

Entrevistas com estudantes e recém-formados da Faculdade de Comunicação Social, que participaram ou participam de grupo de teatro.

Entrevistados: Basileu Rodrigo de Gouvêa Tavares, Breno da Fonseca Motta Rodrigues, Cristiney da Costa Campos, José Eduardo Brum, Mahina Proba Fava, Suellen Andrade e Tásia Souza.

Por que entrou no teatro?

Basileu – Porque já acompanhava o trabalho do Grupo Divulgação e sempre me interessei por arte e teatro. E acho que o teatro é uma das formas que mais podem mudar a sociedade.

Cristiney – Eu estudava no Caic (colégio municipal do bairro Santa Cruz) e junto com um grupo de amigos queríamos fazer um trabalho sobre o Chapolim, uma imitação do programa.

Aí procuramos o Toninho Dutra, que era diretor, para ver se podíamos fazer. Depois disso, foi montada a Oficina de Teatro no Caic e nós entramos. Começou assim e tem aproximadamente sete anos que faço teatro.

José Eduardo – Eu sempre quis fazer, mas nunca tive oportunidade, pois morava em Avelar, no interior do rio, e lá eu não via a possibilidade. Depois que entrei na faculdade, entrei para o Grupo Divulgação e acabei matando essa antiga vontade.

Mahina – Eu mesma quis entrar, não foi porque meus pais me colocaram, achava legal e resolvi fazer. Entrei para o Grupo de Teatro da Academia (GTA), colégio em que estudava.

Suellen – Queria fazer teatro há muito tempo, desde criança tinha vontade, mas não era corrente no meio em que vivia, eu não tive acesso a nenhum grupo. Aí fui fazer música.

Quando entrei na Faculdade tive a oportunidade de conhecer o trabalho do Divulgação e achei que podia me ajudar a lidar com o público, já que é muito importante essa relação para quem faz comunicação. Então, fiz primeiro o curso para universitários e depois entrei no grupo.

Táscia – Eu sempre gostei de teatro, tinha vontade de fazer desde criança. Eu estava num jogo no colégio quando uma amiga me falou que tinham aberto as inscrições para o Divulgação. Depois também vi no jornal e me inscrevi. Mas mesmo antes de entrar no curso de adolescentes, eu participava de peças no colégio e gostava de ir ao teatro.

O que mudou na sua vida depois que começou a fazer teatro?

Basileu – Passei a assistir teatro de uma forma diferente. Minha percepção ficou mais sensível e eu passei a acreditar muito no teatro como elemento de modificação da sociedade.

Breno – Aprendi a ter mais comprometimento e disciplina, a trabalhar em grupo e ter que conviver com a dificuldade de lidar com as diferenças, além de aprender um pouco de cada etapa da construção de um espetáculo. O teatro visto apenas como formação de ator é um teatro incompleto. Todo mundo quer ser ator hoje em dia para aparecer na TV e na verdade não é bem isso. O teatro profissional acaba sendo muito setorizado, acredito que o ideal é passar por uma escola de teatro generalista e depois escolher uma área para se especializar.

Cristiney – Nossa, aprendi muita coisa. Até mesmo a ousar mais. Eu era muito tímido, preso, e até meio alienado. Passei a perceber mais as coisas. Hoje tudo é comunicação. Você sempre tem que estar se relacionando com as pessoas e o teatro me ajuda muito nesse sentido. Meu repertório de conhecimento, principalmente cultural, aumentou e aprendi também a valorizar mais o teatro. A Faculdade de Comunicação exige muitos elementos do teatro, como, por exemplo, a postura e a questão de procurar conhecer os diferentes públicos, e o teatro ajuda muito.

José Eduardo – O aprendizado no Divulgação é bem vasto. Varremos, pregamos botão e até cheguei a dar aula no último curso. O teatro modificou muito a minha vida, hoje sou outra pessoa e acho que mudei para melhor. O GD para mim é uma família é a união do prazer com o aprendizado.

Mahina - O teatro me mostrou a realidade, eu era muito infantil quando entrei e passei a compreender melhor o mundo. Um dos maiores aprendizados no teatro é a necessidade de estar presente e de ser pontual. Acho que os atores que não passaram pelo teatro são mais deslumbrados e que a maioria das pessoas que já tiveram a experiência tem uma responsabilidade diferente. Acho que a humildade no teatro é muito trabalhada, todo mundo tem que cooperar com tudo. Fazer teatro não é só subir no palco, o processo de produção também é valorizado, pena que nem todos os grupos trabalham todos os processos.

Suellen – O teatro me ajudou tanto na minha vida acadêmica quanto para melhorar minha dicção, expressão, entonação de voz, e fiquei mais desinibida também. Antes de fazer parte do Divulgação eu não entendia bem como funcionava um grupo. Tive a oportunidade de aprender um monte de coisas que não imaginava que os grupos faziam, trabalhei na construção de cenários, reformei figurinos e atuei, mas acho que o maior aprendizado foi possibilitado pelo projeto Escola de Espectador. Percebi que precisamos de uma comunicação integrada e que o incentivo cultural deve partir dos grupos, mas também ser apoiado pelas lideranças comunitárias, pelas escolas e autoridades, pois não adianta oferecer sem dar a motivação.

Táscia – Nossa, mudou tudo. Eu sempre fui muito tímida, ainda sou, mas aprendi a canalizar isso de uma outra forma. Ainda fico vermelha ao falar em público, mas consigo me expressar e aprendi também a me colocar nas situações. O teatro possibilita mais sensibilidade também e parece que as pessoas ficam mais calorosas. Mudou minha relação com os outros também, hoje sou mais aberta. Além disso, me ajuda muito para o próprio jornalismo. Eu estou fazendo mestrado e minha dissertação vai ser sobre um autor que conheci através do teatro. Meus interesses voltaram-se mais para essa área do teatro e o meu interesse pela leitura também.

Quais são suas expectativas profissionais?

Basileu – Acho que é normal surgir essa angústia quando o fim do curso se aproxima, como todo mundo fala. Eu ainda estou no sexto período, mas já penso como vai ser daqui para frente. Quero trabalhar com produção de eventos de qualquer tipo. Também gosto muito de jornalismo esportivo e de cultural, se trabalhar em qualquer coisa que envolva um deles, estarei satisfeito.

Breno – É complicada essa questão de expectativa, porque você deixa de ser estudante e entra em um mercado que não está preparado para absorver. A minha dúvida é entre seguir pelo rumo do teatro ou do jornalismo. Por mais que eu saiba que é possível atuar nas duas coisas, tenho que escolher em investir mais em alguma. Estou com maior tendência de tentar coisas no teatro primeiro. Quero juntar dinheiro para investir nisso, de repente, fazer um bom curso no Rio, mais voltado para o lado profissional, porque tenho vontade de trabalhar de fato com teatro, mas em Juiz de Fora isso é mais difícil.

José Eduardo – Espero sempre conseguir conciliar o teatro com a minha profissão. Como o mercado de trabalho está apertado, tenho medo de conseguir um trabalho que me afaste do teatro.

Mahina – A comunicação é uma área muito abrangente e eu gosto muito de tudo, então não traço metas para a minha vida profissional, em qual área vou trabalhar eu ainda não sei. Tenho receio, bate o peso da responsabilidade quando estamos próximos de formar. Aí passa pela cabeça se as experiências que temos são suficientes. Ainda não senti o lado bom de estar formando, a sensação de dever cumprido. Por enquanto é só a preocupação do que vou fazer.

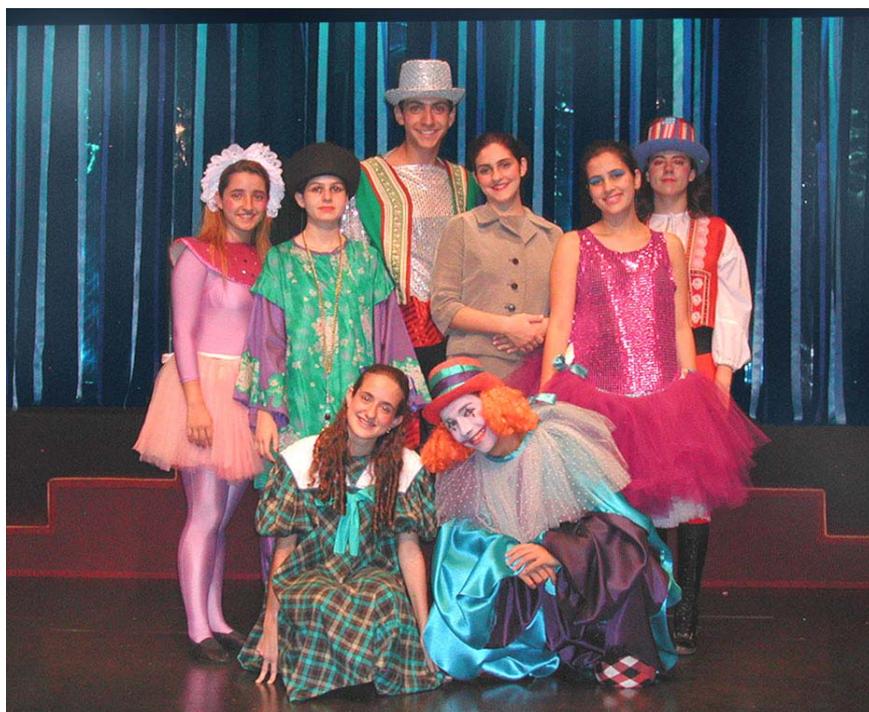
Suellen – O mercado está muito difícil hoje em dia. Quero fazer mestrado, vou estudar para isso e pretendo tentar quem sabe no ano que vem, mas agora estou estudando para fazer concurso, quero fazer na área de comunicação mesmo.

Táscia – Tive que sair do Grupo Divulgação por causa do trabalho. Se eu pudesse, não teria parado de fazer teatro. Até hoje tento ajudar nas peças e não abandonei totalmente, mas tive que sair. Espero poder conciliar minha profissão com o teatro, mesmo sem nunca ter passado pela minha cabeça trabalhar com o teatro, é uma coisa que gosto muito.

Quais problemas você enxerga na educação?

Breno – Falta formação humana tanto no ensino público quanto no particular. Agora, com o vestibular seriado, você sai da oitava série e já pensa no vestibular. A preocupação em entrar na faculdade é maior do que se voltar para o lado humano, para as descobertas que fazemos nessa idade.

Táscia – O ensino hoje é muito voltado para o vestibular, deixa de lado o ensino para a vida. E a família também espera muito da escola um papel que não é só dela. Acho que os adolescentes estão perdendo a noção de respeito pelo outro, pelo colégio... Eu acredito que os meninos que fazem teatro são tocados de uma forma diferente e conseguimos modificar com mais facilidade o comportamento agressivo ou desrespeitoso deles, porque também trabalhamos muito a disciplina. Exemplo disso é que dei aula no Magister e dei aula de teatro no curso de adolescentes do Divulgação e percebia nitidamente a diferença entre os alunos. O resultado que conseguíamos com os do teatro era muito mais recompensador. Um menino totalmente indisciplinado no início conseguiu um papel de responsabilidade e modificou muito sua maneira de agir no fim do curso.



A formosa menina que salvou o circo – peça apresentada em novembro de 2005 pelos alunos do nível II do curso de adolescentes do CET



Estudantes que participam do projeto Escola de Espectador do Grupo Divulgação



Apresentação da peça *O cavaleiro azul* – Cia. Muito Barulho Por Nada
para crianças de colégios públicos de Juiz de Fora
Cine-Theatro Central – novembro de 2004